

**Universidade de Lisboa**

**Instituto de Ciências Sociais**



**Jovens em Movimento: Os TCKs e a Formação da Identidade Pessoal em  
Contexto Transnacional**

Lidiane da Silveira Vaz Branco

Mestrado em Antropologia Social e Cultural

2012

**Universidade de Lisboa**

**Instituto de Ciências Sociais**



**Jovens em Movimento: Os TCKs e a Formação da Identidade Pessoal em  
Contexto Transnacional**

Lidiane da Silveira Vaz Branco

Tese Orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susana de Matos Viegas

Mestrado em Antropologia Social e Cultural

2012

## **Agradecimentos**

A consciência de que nosso sucesso é devido ao apoio e encorajamento de outros faz-nos desejar escrever esta nota de agradecimento. Não foram poucas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho viesse a ser concretizado. Algumas pessoas, entretanto merecem especial atenção.

Agradeço a todos os professores e alunos do ICS que compartilharam suas vidas e seus conhecimentos nestes dois anos, em especial à Professora Doutora Susana de Matos Viegas que acompanhou meus passos, esclareceu minhas dúvidas e orientou-me inúmeras vezes.

Agradeço aos jovens TCKs e suas famílias porque compartilharam suas histórias de vida e contribuíram para que um pouco mais do “nosso mundo” possa ser compreendido.

Sou agradecida também à minha “família portuguesa”, amigos que por várias vezes foram os avós e tios com quem contei para cuidarem de minhas filhas nas tantas vezes em que minha ausência em casa se fez necessária.

Entre todos que estiveram presentes nesta caminhada, quero agradecer aos três mais envolvidos na minha vida. Eu não chegaria até aqui sem o apoio do meu marido e sem a paciência de minhas filhas, que abdicaram de tanto para que eu pudesse completar mais esta etapa.

O maior agradecimento porém é a Deus que me levou a trilhar este caminho por tantos lugares, por tantas culturas, que enriqueceu a minha vida, que me deu o privilégio de experimentar um pouco da grande diversidade que existe entre os povos e que me faz reconhecer que tanta riqueza não é obra de um acaso qualquer.

## Resumo

Nesta dissertação debato questões relacionadas com o processo de formação da pessoa e o sentimento de pertença entre jovens que crescem num contexto familiar de grande mobilidade transnacional, resultante da inserção de seus pais em profissões altamente qualificadas – como as de diplomata, militares em escalões mais altos, embaixadores ou mesmo missionários – e que por isso participam e ao mesmo tempo contribuem para o que chamamos de cultura transnacional e/ou “terceira cultura”. A dissertação propõe-se enquadrar a vivência do que Ruth Useem cunhou como *Third Culture Kids* (TCKs), explorando teorias sobre cultura, identidade e transnacionalismo que iluminam a formação da identidade pessoal desta elite social, com particular referência aos trabalhos de Ulf Hannerz e as alianças possíveis e úteis entre as reflexões deste autor e os estudos sobre a formação da pessoa de Christina Toren.

Partindo de um estudo exploratório realizado entre jovens residentes atualmente em Lisboa/Cascais, fundamentado em três estudos de caso, reflito sobre os dilemas vividos por estes jovens e seu enquadramento familiar. Mostro neste texto que em alguns casos estes jovens e seus pais ganham consciência da existência de um modelo hegemónico que valoriza a criação de “raízes” em locais específicos, ao mesmo tempo em que utilizam redes de relacionamentos desterritorializadas para construir suas identidades. O estudo aqui apresentado contribui, assim, para o debate sobre as questões territoriais, a mobilidade e a identidade pessoal tão discutidas nas últimas décadas na Antropologia.

Palavras-Chave: Identidade, Pertença, Mobilidade, Transnacionalismo, “*Third Culture Kids*”

## Abstract

*In this dissertation I discuss issues related to the personhood and belonging among young people who grow up in transnational mobility, resulting from being children of highly-skilled professional occupations parents – such as diplomats, higher-rank military personnel, ambassadors or even missionaries. These young people participate and at the same time contribute to what we call a transnational culture and/or "third culture". The dissertation aims to frame the experience of what Ruth Useem coined as Third Culture Kids (TCKs), exploring theories about culture, identity and transnationalism that illuminate the construction of personal identity among this social elite. I will focus particularly in the work of Ulf Hannerz, also proposing useful connections of his approach to identity and transnational culture to the theory about personhood by Christina Toren.*

*Starting from an exploratory study based on three case studies conducted among young residents currently in Lisbon/Cascais, this dissertation considers the dilemmas lived by these young people in their family environment. I show that in some cases these young people and their parents become aware of the existence of a hegemonic model that values the creation of "roots" in specific locations, while using social networks to build their deterritorialized identities. The study presented here thus contributes to the debate on territorial issues, mobility and personal identity that have been thoroughly discussed in Anthropology in recent decades.*

Key-Words: Identity, Belonging, Mobility, Transnationalism, “*Third Culture Kids*”

*“Besides the drawbacks of family separation and the very real adjustment on the permanent return to the (home country), a child growing up abroad has great advantages. He or she learns, through no conscious act of learning, that thoughts can be transmitted in many languages, that skin color is unimportant... that certain things are sacred or taboo to some people while to others they’re meaningless, that the ordinary word of one area is a swearword in another.*

*I am struck again and again by the fact that so much of the sociology, feeling for history, geography, questions about others that our friends’ children try to understand through textbooks, my sisters and I acquired just by living.”*

*Rachel Miller Schaetti*

*Notes from a Travelling Childhood.*

## Índice

Introdução	1
Metodologia de investigação e organização dos capítulos	5
I. <i>Third Culture Kids</i> : história da constituição de uma categoria de análise	8
1. Rede de apoio aos TCKs	14
2. Identidade e pertença: o ponto de vista dos TCKs	21
II. O conceito de cultura: da visão centralizada europeia para a diversidade moderna	24
1. A globalização e a “compressão do espaço-tempo”	26
2. Fluxos culturais globais	28
3. A organização e a distribuição da cultura no contexto global	30
4. As “culturas transnacionais”	34
III. A formação da pessoa: identidade e pertença	39
1. O processo autopoietico de formação da pessoa	40
2. Identidade: do sujeito unificado ao sujeito fragmentado	43
3. O aspecto da localidade na formação da identidade pessoal	46
IV. Estudo dos casos dos TCKs	52
1. Escola Internacional: o lugar de encontro dos TCKs	54
1.1. Os alunos com perfil de TCK	59
2. “O sítio seguro”: a família de Joana e a necessidade de fixar “raízes”	63
3. “ <i>I have big roots in family</i> ”: a família de Olívia e a busca da identidade dos filhos	67
4. “The ‘hot foot’”: A família de Lara e uma vida de TCKs cosmopolitas	70
5. Enunciações: confronto entre os diferentes estudos de caso	75
Conclusão	78
Bibliografia	82
Anexos	85

## INTRODUÇÃO

O motivo que me levou a esta pesquisa sobre jovens em constante mobilidade transnacional está totalmente ligado à minha experiência pessoal de vida e de trabalho. Enquanto missionária da Igreja Batista do Mar do Norte em Stavanger, Noruega, entre os anos de 2003 e 2005, trabalhei com uma igreja cristã internacional formada em sua maioria por trabalhadores de grandes multinacionais, militares da Força Aérea Americana e famílias de estrangeiros vivendo na Noruega. Nessa comunidade algumas características eram comuns à maioria dos integrantes: a grande mobilidade de seus membros, a diversidade de nacionalidades, o nível financeiro elevado, o fato de que a maioria das pessoas da comunidade trabalhava para multinacionais, agências governamentais ou organizações que exigiam delas uma mobilidade transnacional e o fato de que a maioria dos trabalhadores tinha uma família que os acompanhava.

Nesse contexto os filhos dos trabalhadores que acompanhavam seus pais em todo esse processo de mudança cresciam em um ambiente de alta mobilidade, frequentemente estudando em escolas internacionais e, nesse caso em questão, participando de uma vida comunitária com outros jovens que tinham a mesma história de vida de alta mobilidade em contexto transnacional. A prática de lidar diariamente com esses jovens fez-me refletir sobre a maneira como as questões de identidade e pertença não são facilmente resolvidas por eles. Nessa altura considerei que se por um lado o estresse emocional por não terem “raízes” em lugares específicos parecia ser algo constante, ao mesmo tempo as vantagens que eles possuíam por viverem num contexto transnacional (por exemplo o ensino escolar internacional) dá-lhes uma oportunidade de vida que poucos jovens têm e da qual fazem uso com relativa frequência.

Foi durante esse tempo de trabalho na Noruega que ouvi falar pela primeira vez sobre “terceira cultura”. Na qualidade de organizadora da Consulta Missionária da Diáspora Evangélica Brasileira, realizada na Noruega em 2004, tive contato com Marion Knell, uma consultora de uma organização chamada *Member Care*<sup>1</sup>. Durante a Consulta, Marion Knell deu uma palestra para missionários brasileiros ali reunidos e o assunto abordado foi *International Parenting*, especificamente abordando as questões relacionadas

---

<sup>1</sup> *Member Care* é uma organização evangélica que tem como propósito treinar, preparar e equipar missionários, igrejas e agências missionárias para o trabalho no estrangeiro. Através de uma rede internacional de consultores, esta organização tem trabalhado em várias partes do mundo com cuidados para missionários nas áreas física, mental e espiritual. ([www.globalmembercare.com](http://www.globalmembercare.com))

com *Third Culture Kids* (TCKs). Em sua abordagem sobre *Third Culture Kids*<sup>2</sup> ela descreveu os desafios e privilégios de um estilo de vida<sup>3</sup> que tem a sua marca de diferença no fato das pessoas crescerem transitando entre culturas variadas. Os casos que ela citava como exemplo desses TCKs eram geralmente de filhos de pessoas que trabalhavam para agências governamentais ou especializadas – como é o caso dos militares, diplomatas, empregados de multinacionais e missionários – os quais com frequência mudavam de país por questões relacionadas com o trabalho que os pais desenvolviam.

Durante a Consulta muitos missionários ficaram espantados ao ouvir falar de forma tão assertiva dos problemas que eles enfrentam em suas famílias por causa das constantes mudanças entre países. Foram muitas as perguntas que então surgiram sobre como podiam os pais e filhos lidar melhor com os desafios que enfrentavam, tornando particularmente populares as palestras sobre TCKs, que acabaram sendo as mais comentadas durante a semana da Consulta. Para mim foi algo completamente esclarecedor, pois durante a minha vida tive essa experiência de mudar constantemente por causa do trabalho de meu pai, mesmo que apenas dentro do Brasil. Na altura considerei que apesar dessa mobilidade se ter dado dentro de um mesmo país, ela ocorreu em lugares tão distantes e com aspectos culturais tão diferenciados – com exceção da língua – quanto qualquer mudança para outro país poderia ter sido. Na minha vida adulta continuei a experimentar essa situação, pois como missionária já morei na Índia, Noruega e agora Portugal. Após as palestras pude perceber que eu me encaixava dentro do perfil citado por ela, assim como aqueles jovens com quem eu trabalhava na igreja internacional.

De volta ao trabalho com os jovens da igreja internacional, convidamos Marion Knell para dar uma palestra. O mesmo processo de identificação parece ter ocorrido com estas pessoas. Para muitos foi a primeira vez que ouviram falar de algo que estava tão relacionado com o estilo de vida deles e de seus filhos. A partir de então, a equipa de trabalho da qual eu fazia parte ainda como missionária procurou lidar com os problemas

---

<sup>2</sup> O termo *Third Culture Kids* é utilizado por um número de autores que tratam de assuntos relacionados à mobilidade e ao transnacionalismo. No próximo capítulo explicarei detalhadamente a origem do termo. Alguns autores aceitam a tradução do termo em português: “Filhos de Terceira Cultura”, mas preferi utilizar o termo original devido aos vários aspectos relacionados com o contexto de realização da pesquisa, especificamente a utilização de bibliografia originalmente escrita em inglês e pela utilização da língua inglesa na maior parte das entrevistas deste trabalho.

<sup>3</sup> O termo “estilo de vida” que utilizo neste trabalho está relacionado com o conceito sociológico de modos de comportamento que formam padrões coletivos de vivência. Este conceito começou por referir distinções de formas de estar socialmente diferenciadas e tem sido mais recentemente visto como um conceito adequado para descrever o modo como as pessoas vivem em um mundo global (Stevenson 2006). É neste último sentido que utilizarei o termo nesta dissertação.



que os jovens enfrentavam no dia-a-dia como algo que podia fazer parte de sua identidade como TCK, e não somente como uma questão da própria adolescência. A partir dali meu interesse pelo assunto de TCK cresceu e decidi procurar mais informações sobre o tema. Encontrei uma vasta literatura sobre o assunto, em sua maioria tratando da questão do ponto de vista da prevenção do “choque cultural” e em guias sobre como adaptar-se a uma vida como TCK, seus desafios e seus privilégios. Entre toda a literatura sobre o assunto, um livro se destaca como “a Bíblia dos TCKs”, como é conhecido – um *best seller* chamado *Third Culture Kids: Growing Up Among Worlds*, dos autores David Pollock e Ruth Van Reken. Esse livro trata das questões de identidade e pertença, das problemáticas vividas pelos TCKs, e discute as diferentes maneiras que uma pessoa tem para lidar com as questões relacionadas com esse estilo de vida.

A ideia principal de quem escreve sobre o tema dos TCKs é que se trata de um universo de pessoas que possuem uma cultura própria, que é formada a partir da mistura da cultura do país de origem dos pais e dos países onde vão vivendo e crescendo, gerando uma terceira cultura. Essa literatura é voltada para um “público-alvo”, e as questões levantadas pelos autores que seguem esse conceito são geralmente produzidas em contextos onde há uma grande quantidade de profissionais que vivem essa vida de alta mobilidade. Parte dessa literatura é produzida por pessoas que também estão envolvidas em uma rede de programas de treinamento para empresas multinacionais ou para missionários transculturais, como foi o caso da autora que encontrei na Noruega. Em suma, é uma rede de conexões e informações que serve principalmente como apoio para as famílias que vivem esse estilo de vida. Esse conjunto de publicações tem grande sucesso entre as pessoas que se consideram como TCKs, porque explicam em uma linguagem não científica aquilo que elas vivem no seu dia-a-dia. O interesse de quem procura essa literatura está no fato de se perceberem diferentes da maioria das pessoas com quem se relacionam, mas não entenderem porque se sentem “deslocados” nos vários contextos culturais onde vivem ou mesmo daquele que deveriam considerar como seu.

Este conjunto de livros é escrito no estilo auto-ajuda, com muitas informações que têm o intuito de dar às pessoas que os lêem uma noção dos problemas e situações em que estarão envolvidos quando viverem em outra cultura. Essa literatura pode ser considerada como “parte da *reflexividade* da modernidade” conforme explica Giddens (1994). São obras que servem para “organizar e alterar partes da vida social de que dão conta” (Giddens 1994:12), escritas com o intuito de ajudar as pessoas que vivem a realidade ali

descrita. Apesar dos livros explicarem como as pessoas podem lidar com as mudanças frequentes, meu interesse sobre esta problemática veio a se tornar mais específico e, na busca por uma profundidade maior sobre o assunto, interessei-me por procurar nas Ciências Sociais uma resposta que pudesse explicar a formação da pessoa que vive num contexto de alta mobilidade transcultural.

Sendo a minha formação acadêmica principal em Serviço Social, procurei um enquadramento científico que me permitisse compreender esta forma de vida dos TCKs e encontrei na antropologia essa perspectiva. A antropologia me permitiria buscar conhecimento sobre um assunto que estava ligado aos meus interesses, profissional e pessoalmente. Profissional como assistente social e missionária trabalhando diretamente com os jovens em questão, e pessoal por fazer eu mesma parte do grupo que se tornou o objeto de pesquisa: trabalhadores enviados por organizações para uma vivência transnacional (neste caso a missionária). Ao pensar nesses pontos me questiono se esta experiência poderia ser encaixada no que James Clifford menciona como o “etnógrafo indígena” – alguém que “estudando sua própria cultura oferece novos ângulos de visão e profundidade de entendimento” (Clifford 1986:9). Essa preocupação com o fato de nos encontrarmos simultaneamente na situação de pesquisador e pesquisado é importante porque em todo o processo somos lembrados de que devemos nos manter sempre distanciados o suficiente para obtermos uma objetividade na pesquisa.

Procurei então, a partir da antropologia, responder às minhas indagações sobre a forma como as pessoas constroem suas identidades e sentimentos de pertença a partir de uma vida de alta mobilidade transnacional. Para isso, a aproximação antropológica sobre a cultura é um vetor de debate conceptual central à problematização desta dissertação. Entre o conjunto vasto de literatura sobre o assunto, considerei particularmente relevante para este tema o trabalho de Ulf Hannerz. Juntamente com autores como Arjun Appadurai, Renato Rosaldo, Jonathan Inda, Stuart Hall, Mike Featherstone, Anthony Giddens, entre outros, Hannerz contempla a formação da cultura como sendo um contínuo fluxo de significados que as pessoas constroem, estando esses fluxos de significados dependentes das interpretações que as pessoas fazem de si mesmas e dos outros, em uma forma contínua de inter-relacionamento, um processo que não pode ser separado e que durará por toda a vida. Esses autores também consideram que os fluxos culturais são parte de uma rede de significados feitos pelas pessoas em um processo que não depende de territórios para se constituir, o que é essencial para a compreensão da questão dos TCKs, pois eles

irão formar sua identidade enquanto vivem um estilo de vida marcado por uma alta mobilidade transnacional. Por fim, essa mobilidade transnacional possui aspectos tão diferenciados que as pessoas que as vivem compartilharão aspectos culturais próprios, formando culturas (ou subculturas, de acordo com Hannerz) que serão específicas de um estilo de vida transnacional, que são as “culturas transnacionais” ou “terceiras culturas” (Hannerz 1990, 1992, 1997; Featherstone 1990, 1995).

Na mesma medida em que o tema se prende especificamente com as vivências de maturação e constituição da pessoa, o contributo da teoria de Christina Toren vem a ser de considerável importância, pois ela sugere que as pessoas tornam-se em quem são através de um processo de “autopoieses”, que ela explica como sendo a auto-produção, auto-criação da pessoa, onde cada pessoa se constrói a si mesma através de sua vida, mesmo que em relações com outras pessoas, sendo este processo de construção único e diferenciado (Toren 1999). Alicerçando-se nos conceitos de “autopoieses”, nas teorias desenvolvimentistas de Piaget e nos conceitos de “intersubjetividade” de Merleau-Ponty, Toren apresenta uma teoria do sujeito que além de estar no mundo é um sujeito que se reflete no mundo; para Toren o modelo cultural que as pessoas vivem é em parte uma reflexão de suas experiências de vida. Nesse processo, Toren explica que as pessoas incorporam a sua história, que é a história das relações com todos aqueles com quem cada pessoa se encontra/cruza durante suas vidas, num processo intersubjetivo (Toren 1999).

É preciso, então, olhar para as formas como as transformações ocorridas no mundo nos últimos dois séculos contribuíram para uma mudança nos processos de construção da identidade, e ao mesmo tempo como a identidade irá influenciar a forma como a cultura é construída, percebida e distribuída no mundo.

### **Metodologia de investigação e organização dos capítulos**

Um dos problemas que encontrei para especificar o meu objeto de pesquisa foi o do enquadramento dos TCKs. Como este trabalho não tem um fundo de desenvolvimento de pesquisa empírica prolongada, a pergunta “quem faria parte deste grupo realmente?” foi um dos questionamentos que fiz e que também percebi ser um ponto de partida mesmo dos autores que trabalham com TCKs. Passei então a considerar como objeto de pesquisa os

jovens filhos de trabalhadores expatriados<sup>4</sup>, que viveram seus anos de desenvolvimento em constante mobilidade transnacional.

Decidi entrevistar jovens que pudessem se encaixar nesse perfil e para isto entrei em contato com uma escola internacional no local onde resido e a que tenho acesso por ser a escola que minhas filhas frequentam. A pesquisa empírica foi primeiramente conduzida através de entrevistas com um *focus group*. Dentro de um tempo muitas vezes limitado e a partir de uma realidade que dificultava o contato constante com o próprio objeto da pesquisa, recorri também a “histórias de família” seguindo o modelo de metodologia sugerido por Pina-Cabral e Lima (2005), um modelo que surgiu para auxiliar a pesquisa em contexto urbano e que tem duas vantagens principais para o tipo de investigação que tinha que fazer, tendo em conta um conjunto de condicionalismos. Primeiro, as histórias de família viabilizam uma pesquisa antropológica que pretenda alcançar uma intensidade de redes de relações, mas que não possa recorrer à observação participante. Apropriada para uma realidade em que o pesquisador não tem acesso ao quotidiano dos entrevistados ao mesmo tempo em que o pesquisador também possui suas obrigações dentro de sua própria família, esse método se revelou bastante útil para a pesquisa em questão. Em segundo lugar, com esse método foi possível integrar o “ego” dentro do contexto relacional, dando “conta do percurso de vida de um sujeito social, integrando-o nas relações intersubjetivas em que está envolvido através da constituição do seu universo de parentesco” (Pina-Cabral e Lima 2005:359). Para esse fim, entrevistei algumas mães dos jovens contactados inicialmente numa escola para que pudessem falar do modo como a família viveu o processo de mobilidade entre tantos países. No total foram três famílias envolvidas no processo de entrevistas: duas famílias que são parte da escola internacional no local onde resido e uma terceira família com quem já tenho contato desde o tempo em que trabalhei na Noruega e cuja história trará um contributo importante para esta pesquisa. As entrevistas compõem um estudo exploratório sobre o assunto em si, não pressupondo uma validade empírica sobre essa categoria específica. A intenção é de analisar os contextos das histórias dessas pessoas face às problematizações teóricas propostas neste trabalho. Voltarei a breves considerações metodológicas sobre estas famílias e o processo das entrevistas no capítulo empírico (capítulo IV).

---

<sup>4</sup> O termo “expatriado” é utilizado pelos autores Ruth Useem, David Pollock e Ruth Van Reken para referir-se aos estrangeiros que vivem em grande mobilidade transnacional. Utilizo este termo neste sentido pois a referência dos autores está em conformidade com o conceito de “expatriado” utilizado por Ulf Hannerz que explicarei com mais detalhes no próximo capítulo.

No primeiro capítulo desta dissertação faço então um enquadramento e traço a história da categoria dos *Third Culture Kids*, apresentando duas das principais problemáticas abordadas pelos autores que trabalham sobre os TCKs: a identidade e a pertença. No segundo capítulo trato das questões teóricas que envolvem o processo de globalização e o conceito de cultura transnacional. No terceiro capítulo apresento a teoria de Christina Toren sobre a formação da pessoa e como sua teoria complementa as discussões de Giddens e Hannerz sobre a formação da identidade pessoal e a criação e distribuição da cultura; ainda nesse capítulo desenvolvo reflexões sobre o lugar na formação da identidade pessoal e o sentimento de pertença, baseando-me em alguns autores contemporâneos que penso trazerem um grande contributo para a discussão da formação da identidade dos TCKs. No quarto e último capítulo apresento os casos que compõem o estudo exploratório e as reflexões que foi possível obter a partir desses casos. Por fim termino esta dissertação com algumas conclusões que penso poderem contribuir para futuras reflexões antropológicas sobre o tema da constituição da pessoa em contextos familiares marcados pela vivência em constante mobilidade transnacional.

## Capítulo I

### *Third Culture Kids*

#### **História da Constituição de Uma Categoria de Análise**

O termo TCK (*Third Culture Kids*) ou ATCK (*Adult Third Culture Kids*) tem origem nos estudos desenvolvidos por Ruth Useem e John Useem, ambos cientistas sociais e professores da *Michigan State University*, na década de 1950. John e Ruth Useem dedicaram a maior parte de seus estudos a tratar das questões sobre contatos entre culturas. Eles iniciaram seus estudos sobre esta problemática na primeira metade do século XX, primeiramente em reservas indígenas americanas, buscando compreender como aconteciam as interações entre os nativos indígenas e os profissionais de várias áreas que se deslocavam para locais distantes de sua área de residência para trabalharem nas reservas (médicos, professores, administradores, etc). Segundo Ruth Useem, foi essa primeira experiência que levou o casal a pensar sobre “as pessoas que atravessam as fronteiras sociais no âmbito de um esforço organizado, cujo trabalho ou papéis ocupacionais estão envolvidos em relacionar duas ou mais sociedades, ou suas respectivas secções” (Useem 1999[1993]:1).

Após essa primeira experiência, John Useem foi para o Pacífico por dois anos para cumprir serviço militar. Como militar deslocado para missões na região do Pacífico, John Useem percebeu as diferentes maneiras como as pessoas lidavam com as diferenças culturais quando eram expostas ao contato entre diversas culturas em consequência dos deslocamentos entre territórios, principalmente devido ao deslocamento militar americano durante a II Guerra Mundial (Useem 1945). A maior parte das publicações de John Useem sustentou-se em estudos comparativos transculturais que focavam essa realidade. Já naquela época, ele analisava como as pessoas lidavam com as diferenças culturais e como as estruturas sociais podiam ser modificadas a partir do contato com estrangeiros. Os estudos de John e Ruth Useem foram, portanto, os primeiros a conceituar as comunidades e redes interdependentes como “terceira cultura” (Mckee 2000), termo criado por eles e atualmente usado por autores como Ulf Hannerz e Mike Featherstone para tratar das questões da cultura transnacional.

Mais tarde, em 1952 e 1957, o casal viveu na Índia com seus três filhos menores. Trabalhando como pesquisadores, eles puderam observar e experimentar pessoalmente como essa prática de mobilidade transcultural se refletia na vida das pessoas (Useem e

Useem 1954). O trabalho desenvolvido por eles na Índia era o de compreender o que acontecia com indianos que estudavam fora de seu país e como era a vida de americanos que iam para a Índia para trabalhar como profissionais enviados por organizações ou instituições internacionais. (Useem 1999 [1993]:1).

De acordo com Ruth Useem o termo “terceira cultura” (*third culture*) foi primeiramente usado para designar “os estilos de vida (*styles of life*) criados, compartilhados e aprendidos por pessoas que estão no processo de relacionar suas sociedades, ou seções dela, com outros” (Useem 1999 [1993]:2). Ruth Useem explica em seu artigo que o termo resultou de seus estudos acadêmicos realizados na Índia e financiados pelo *Institute of International Studies in Education* da *Michigan State University*. Useem explica que o termo não tem ligação com o “terceiro mundo”, e também não tem ligação com o termo “terceira cultura” de C.P. Snows. Seus estudos foram sobre os indianos que tinham estado no exterior para estudar e posteriormente sobre os americanos que serviram na Índia como “oficiais estrangeiros, missionários, trabalhadores de saúde, empresários, educadores e representantes dos média” (Useem 1999[1993]:4).

Parte do trabalho dos Useem na Índia consistiu em avaliar as escolas que estavam a ser preparadas para educar os filhos dos trabalhadores expatriados que eram residentes ali. As crianças que acompanhavam seus pais nessas sociedades foram chamadas por eles de *Third Culture Kids*. Useem explica que a movimentação de pessoas no mundo cresceu grandemente a partir da segunda metade do século XX. Especialmente os americanos, devido principalmente às operações militares ao redor do mundo. Seu trabalho sobre as escolas que atendiam os estrangeiros indicava que grande parte dos filhos dos trabalhadores americanos que serviam no estrangeiro frequentava as escolas estabelecidas pelo Departamento de Defesa Americano, e que por volta de 1960 esse número chegou a cerca de 200 mil crianças (Useem 1999[1993]:4). Uma outra parte dos estrangeiros era composta pelos grupos de missionários, que possuíam suas próprias escolas, e os trabalhadores das petrolíferas, que formavam seus “campos escolares” (Useem 1999[1993]:4). Useem indica que naquela época, enquanto existia muita pesquisa sobre os trabalhadores e as organizações que os financiavam, pouco se falava sobre os filhos (crianças e jovens) desses trabalhadores e como eles eram afetados nessas relações sociais que experienciavam enquanto moradores naqueles países.

Como parte de seu trabalho acadêmico na Universidade de Michigan, Ruth Useem pesquisou durante muitos anos a educação que os *Third Culture Kids* recebiam no exterior,

visitando em mais de 70 países (à exceção da América Latina) as escolas que serviam os trabalhadores estrangeiros, com o intuito de observar a educação dada aos filhos destes e como as transformações políticas nas nações, como guerras e desastres, influenciavam a formação das pessoas que viveram no exterior. Useem observou que as transformações políticas que ocorreram entre as décadas de 1950 e 70, como a Guerra da Coreia e do Vietname (e consequente saída dos militares americanos desses locais) foram responsáveis pela deslocação de uma grande quantidade de famílias de volta para seus países de origem. A preocupação de Useem era perceber como essas crianças e jovens que viveram no exterior, e posteriormente retornaram para os Estados Unidos da América, percebiam as transformações políticas que aconteciam no mundo e avaliavam suas experiências de vida como americanos que tinham tanto envolvimento na vida dos países por onde passaram: “como os adultos que passaram sua infância no estrangeiro (“TCKs Adultos”), em países onde tiveram uma infância feliz e recompensadora, reavaliam aquela nação que agora se tornou o inimigo? E os adultos TCKs consideram a si mesmos diferentes dos outros americanos que viveram toda a vida na América?” (Useem 1999[1993]:4).

A origem do termo *Third Culture Kids* está, portanto, ligada aos estudos sobre a dinâmica da vida de famílias no estrangeiro e da formação da identidade pessoal entre os filhos destes trabalhadores. Ruth e John Useem, e posteriormente outros cientistas das áreas de educação e psicologia, se interessaram por estudar essa maneira de vida e por tentar entender como essa experiência afetaria as relações entre as pessoas no seu retorno para casa e para sua cultura de origem. Ruth Useem indica que estudos sobre o “fenômeno do retorno” e estudos sobre como as pessoas ajustavam suas personalidades e lidavam com suas diferenças de vida foram realizados, e que é preciso ainda estudar as contribuições que essas pessoas podem fazer para suas comunidades e suas famílias, justamente por terem tido um estilo de vida diferenciado (Useem 1999[1993]).

Esta é a origem do termo *Third Culture Kids*. O termo surgiu então, da junção da “primeira cultura” (a dos pais) e da “segunda cultura” (a do país para onde a família se mudava), formando assim a “terceira cultura”, que seria a da criança que cresceu “entre dois mundos” (Pollock e Reken 2009[1999]:14). Esse termo tem sido usado para identificar as crianças e jovens que passam seus anos de desenvolvimento se movimentando entre várias culturas. Hoje em dia o conceito de TCK continua sendo basicamente o mesmo desenvolvido por Ruth e John Useem, mas com algumas alterações resultantes do contributo das próprias pessoas envolvidas nesse processo.



Um dos mais destacados livros que trata do tema dos TCKs é sem dúvida *Third Culture Kids: Growing Up Among Worlds*, de David Pollock e Ruth Van Reken (2009[1999]). Pollock e Reken utilizaram-se dos estudos de Ruth Useem sobre “terceira cultura” como base para tratar das questões das famílias expatriadas, pois ao seu ver esses estudos foram importantes para compreender que os expatriados tinham formado um estilo de vida (*lifestyle*) diferente de suas comunidades nacionais e também diferente dos países onde estavam vivendo, mas que compreendia um pouco de cada (Pollock e Reken 2009 [1999]). A primeira edição do livro é de 1999 e trata dos assuntos relevantes para as pessoas que se enquadram neste conceito de TCK. As primeiras linhas da primeira edição indicam a questão principal do livro e a preocupação dos autores:

“*Third Culture Kids* (TCKs) [crianças que passam um período significativo de seus anos de desenvolvimento numa cultura fora da cultura de seus pais] não são novidade e não são poucos. Eles são parte da população do mundo desde as primeiras migrações. Eles são pessoas normais com problemas e prazeres normais da vida. Mas porque eles cresceram em experiências diferentes daqueles que viveram primariamente em uma cultura apenas, os TCKs, por vezes, são visto como estranhos pelas pessoas à sua volta” (Pollock e Reken, 2009[1999]:xi).

Os autores mostram que esse conceito de terceira cultura foi concebido por Useem para classificar as pessoas que pertenciam a comunidades expatriadas e que, apesar de haver várias diferenças na “subcultura” dessas pessoas, a maior parte delas estavam interligadas entre si em seu estilo de vida (*lifestyle*). Os autores indicam que os estudos de Ruth Useem se concentraram nos filhos dos trabalhadores com carreiras internacionais como diplomatas, militares, missionários e funcionários corporativos. De acordo com Pollock e Reken, Useem procurou ver as características comuns a esses filhos, e notou que o que diferenciava esses jovens e crianças dos filhos de imigrantes, por exemplo, era o fato de que deles se esperava um “papel representativo” (*representational roles*):

“Estes TCKs eram vistos como ‘pequenos embaixadores’, ‘pequenos missionários’ ou ‘pequenos soldados’. As pessoas ao redor deles (incluindo os pais) esperavam que o comportamento dos filhos fosse consistente com os alvos e valores do sistema organizacional para que os pais trabalhassem. Se isto não acontecesse, as crianças poderiam comprometer a carreira dos pais.” (Pollock e Reken 2009[1999]:15)

Além disso, Pollock e Reken também indicam que, no começo dos estudos sobre TCKs, os expatriados viviam em comunidades separadas do mundo social onde residiam, como bases militares, bases missionárias ou comunidades corporativas, fazendo com que as vidas dessas pessoas ficassem muito mais interligadas entre si. Portanto, originariamente, o termo TCK não foi um termo aplicado aos emigrantes em geral, mas especialmente àqueles que, por razões de estilo de vida e de escolha de trabalho de seus pais, tinham suas vidas construídas em diferentes localidades no estrangeiro e que por viverem em comunidades expatriadas têm uma possibilidade de viver uma experiência transcultural em contextos sociais e financeiros muitas vezes privilegiados (Pollock e Reken 2009[1999]).

Embora os autores confirmem que atualmente os complexos comunitários diminuíram e as pessoas estão vivendo mais em contato com as sociedades locais, ao invés de morarem em comunidades separadas, Pollock e Reken entendem que ainda é possível se falar em TCKs, pois o termo TCK define um estilo de vida “criado, compartilhado e aprendido” por aqueles que vivem nesse processo transnacional, relacionando uma cultura com a outra. “Cultura, no seu senso mais amplo, é uma maneira de compartilhar a vida com outros” e os TCKs são pessoas que, apesar das diferenças, compartilham muitas similaridades entre si, e essas experiências de vida que compartilham afetam profundamente seu desenvolvimento como serem culturais. (Pollock e Reken 2009 [2001]:16). Os autores consideram que o modelo de vida dos TCKs é um exemplo das transformações da pós-modernidade, pois sua experiência de vida e identidade cultural não se adequam ao conceito de cultura tradicionalmente definido (Pollock e Reken 2009 [1999]). Eles então elaboraram o conceito que hoje é usado para explicar o que vem a ser um TCK:

“*Third Culture Kid* é uma pessoa que passou uma parte significativa de seus anos de desenvolvimento fora da cultura de seus pais. Os TCKs frequentemente constroem relacionamentos com todas as culturas, mas não pertencem a nenhuma delas. Embora elementos de cada cultura sejam assimilados na experiência de vida dos TCK, o sentimento de pertença está no relacionamento com outros que possuam experiência semelhante.” (Pollock e Reken 2009 [1999]:13)

Portanto, desde de sua origem, o termo TCK tem por orientação tratar das questões das pessoas que se desenvolvem em ambientes culturais variados e que por este motivo constroem sua identidade e sentimento de pertença a partir de uma experiência de vida singular. A problemática que acompanha a história de vida dessas pessoas está conectada com essa questão da pertença principalmente porque os TCKs não constroem sua identidade dentro de um padrão tradicional, mas em um constante movimentar entre culturas.

O que é interessante notar nesse conceito de TCK que é percebido por autores como Pollock e Reken é o entendimento de que as pessoas que vivem esse estilo de vida são construídas e transformadas por essa vivência cultural transnacional. Ulf Hannerz é um dos autores que mais eloquentemente coloca e desenvolve essa questão. Quando Hannerz trata do assunto de culturas transnacionais em seu livro *Cultural Complexity* (1992), ele indica que os encontros entre culturas produzem “possibilidades de mediação” (*mediating possibilities*): “As culturas transnacionais propiciam pontos de entradas em outros territórios culturais. Ao invés de permanecer voltada para si, a pessoa pode usar essa mobilidade conectada a elas para fazer contato com os significados de outros tipos de vida, e gradualmente incorporar essa experiência na própria perspectiva pessoal.” (Hannerz 1992:251). Dessa maneira, a entrada em outras culturas pode ser uma descoberta, como afirma Hannerz, “uma jornada de descobrimento pessoal” (Hannerz 1992:252). É nesse descobrimento pessoal que se insere a problemática dos TCKs, pois nesse contexto de múltiplas associações culturais, o TCK forma sua percepção do mundo e de si mesmo a partir de uma variedade cultural muito grande.

Ainda que relevante, este universo social já não é o único que se identifica com o perfil dos TCK. O perfil traçado por John e Ruth Useem relacionava os TCKs com os profissionais que trabalham para organizações internacionais, como militares e missionários, mas cada vez mais o termo TCK tem englobado um maior número de pessoas que se identificam com o perfil traçado por Pollock e Reken, a ponto de, em sua nova edição, os autores fazerem menção dos *Cross Cultural Kids* (CCKs), pessoas que se identificam como TCK, mas cuja experiência transcultural não está completamente ligada ao estilo de vida dos expatriados, podendo ser filhos de emigrantes, exilados ou de famílias “bi/multi-culturais” (Pollock e Reken 2009[1999]:31). É nesse sentido que, como já observei, a transformação e expansão da categoria se passa a referir já não apenas a quem analisa essas situações e estilos de vida, mas também aos que se “serviram” dela para dar

sentido às suas experiências e identidades pessoais. É nesse sentido um fenômeno muito característico da pós-modernidade, de um *ethos* reflexivo de constituição do *self* de que tantos cientistas sociais falam na década de 1990 (Cohen 1992, Giddens 1994).

As experiências vividas pelos TCKs são experiências compartilhadas por pessoas que vivem nesse processo da cultura transnacional, seja ela um filho de diplomata, um filho de emigrante ou um filho de exilado. As similaridades entre os perfis de TCKs e CCKs estão no fato de que eles fazem parte de um processo cultural que está inserido em um contexto transnacional cosmopolita a partir do qual constroem a sua identidade pessoal (Malkki, 1992). Mas o que diferencia os TCKs dos CCKs é o estilo de vida de alta mobilidade. Nos casos de emigrantes ou exilados, a movimentação geralmente ocorre entre dois países. Mesmo que no novo país o contato com um estilo de vida transnacional leve o emigrante ou exilado a perceber o mundo de uma maneira parecida com um TCK, este irá viver essa experiência em variados contextos, muitas vezes mudando de país a cada 2 ou 3 anos, o que faz com que sua experiência de mobilidade entre contextos culturais diferenciados seja mais intensa do que a experiência vivida por um exilado ou um emigrante. Além disso, o exilado ou o emigrante pode não ter a oportunidade de retorno ao seu país de origem, como acontece com os TCKs. Um outro ponto de diferenciação é o da qualificação profissional dos expatriados. Geralmente um dos pais ou ambos possuem formação superior e desenvolvem suas carreiras em cargos que exigem alta qualificação, diferenciando-se assim da grande maioria dos imigrantes e dos exilados.

TCK é, portanto, um termo usado para especificar as pessoas que estão inseridas em um processo transnacional de alta mobilidade e que por causa desse processo constroem sua identidade pessoal a partir de uma experiência cultural transnacional. Esse termo diz respeito não aos profissionais expatriados que saíram de seus países, mas aos filhos dessas pessoas, que durante seus anos de desenvolvimento estiveram em contato com várias culturas, e porque construíam sua identidade nesse meio, desenvolveram os traços dessa cultura transnacional. Devido a uma diferença no modo como vêem o mundo a partir de uma ótica transnacional, os TCKs lidam com as questões de sua identidade de forma específica. A forma como vêem a si mesmos e como se relacionam com outros vai ter impacto tanto na identidade pessoal do TCK como na cultura onde ele está inserido.

## **1. Rede de Apoio aos TCKs**

Em seu livro *Cultural Complexity* (1992), Ulf Hannerz indica que há um grande número de literatura voltada para lidar com as questões que ele chama de “indústria do choque cultural” (Hannerz 1992:251). São livros dedicados especialmente aos expatriados, em sua maioria tratando das questões de adaptação e preparação para viver em outras culturas. Há também os programas de treinamento que algumas empresas e organizações providenciam para ajudar seus trabalhadores a lidar com as diferenças culturais. Essa literatura que hoje é muito variada e os treinamentos que ocorrem, não somente dentro das empresas mas também através de organizações formadas para esse fim, não existiram desde o começo do processo de movimentação das pessoas. Elas foram acontecendo através do tempo a partir das iniciativas de algumas organizações ou mesmo dos expatriados envolvidos nesse estilo de vida.

Essa literatura que trata dos processos de “choques culturais” engloba um amplo universo de pessoas. Um dos problemas que encontrei ao lidar com a literatura sobre experiências de quem vive no estrangeiro é que há diferentes experiências de vida e diferentes termos associados aos estrangeiros, fazendo com que dois problemas sejam persistentes nos estudos sobre essas pessoas. O primeiro é que, por terem experiências diferentes, os estrangeiros não podem todos ser considerados sob um conceito apenas, como o de migrante, expatriado ou exilado. Seguindo-se a isso encontra-se o segundo problema, que foi comentado por Betina Szkudlarek (2010) em seu estudo sobre a literatura dedicada ao processo de retorno ao país de origem de todos os tipos de pessoas que vivem no estrangeiro. Ela aponta que um dos problemas em se estudar o estilo de vida dos estrangeiros é que na literatura existente sobre o assunto os conceitos usados são vários, causando uma dificuldade de se considerar as problemáticas existentes sob um mesmo foco. Ela indica que a literatura que trata dos *Third Culture Kids*, por exemplo, pode ser encontrada tanto sob os temas de “reentrada” como sob o tema de “expatriados”, ou mesmo na literatura de “estudantes retornados” (Szkudlarek 2010:22). A literatura que passo a citar a seguir refere-se apenas àquela que trata do assunto de *Third Culture Kids* a partir do conceito que apresentei na seção anterior. Não considero portanto toda a gama de literatura especializada em outras áreas de estudo sobre estrangeiros que vivem no exterior.

De acordo com Kay Branaman Eakin, consultora internacional especializada em educação que trabalhou por muitos anos como consultora do Departamento de Estado Americano e autora do livro *According To My Passport, I Am Coming Home* (1998), a falta de raízes em sua “cultura” de origem criou para os jovens TCKs uma dificuldade ao

retornarem para seus países de origem. Esses desafios do retorno foram identificados pelas comunidades de missionários, diplomatas, militares e profissionais expatriados somente nas últimas décadas do século XX (Eakin 1998). Historicamente os oficiais ou trabalhadores eram enviados para o exterior por suas respectivas organizações com um preparo para o trabalho, mas não se considerava ou sequer equacionava a necessidade de qualquer preparo no retorno da família para casa. Segundo Eakin as agências missionárias foram as primeiras a notar a necessidade da preparação do retorno da família, e somente nos últimos anos da década de 70 é que a comunidade diplomática americana começou a preparar programas que abordassem esse assunto (Eakin 1998:5). Foi também nessa mesma época que mais pesquisas começaram a aparecer sobre o assunto de crianças em alta mobilidade e os problemas vividos no retorno ao país de origem desses jovens. Apesar dessas pesquisas e das publicações sobre o assunto terem começado a partir das experiências entre os americanos, aos poucos várias outras pesquisas sobre o estilo de vida de alta mobilidade foram desenvolvidas em diferentes países, demonstrando que esse não é um fenômeno específico americano, mas que aspectos semelhantes podem ser encontrados entre os jovens filhos de missionários, militares, diplomatas e empregados do setor corporativo em outros países (Eakin 1998:6).

Além da literatura e dos programas de treinamento, as famílias dos expatriados possuem a ajuda de uma rede de apoio formada por vários profissionais, como psicólogos e educadores, que se interessam pelo assunto dos TCKs por serem eles mesmos parte dessa cultura transnacional. Esse interesse maior pelo assunto da preparação das famílias à saída e a entrada de volta aos seus países de origem é mais um dos processos que aconteceram por causa das necessidades sentidas pelos próprios envolvidos no assunto (Eakin 1998:6). É interessante perceber que, ao passar pelo processo de mobilidade, muitas vezes os próprios pais e familiares percebem os problemas de relacionamento de seus filhos, e ao procurarem ajuda para resolver esses problemas eles encontram informações sobre o estilo de vida em que vivem e como lidar com os desafios que enfrentam. As informações sobre esse assunto são passadas entre as famílias envolvidas, através de programas das organizações responsáveis pelos trabalhadores ou das escolas internacionais, criando uma rede de ajuda e grupos de apoio para os envolvidos nesse estilo de vida (Eakin 1998:6).

Como são muitas as organizações em várias partes do mundo que têm tratado dessa condição, o termo TCK não é o único usado na literatura sobre o assunto. Tradicionalmente, os TCKs estão ligados às agências militares, missionárias, diplomáticas

e corporativas, portanto, cada uma delas possui sua própria nomenclatura para identificar os filhos dos profissionais. As agências missionárias e várias organizações que trabalham em conjunto com missionários usam o termo MK (*Missionary Kids*). *Overseas Brats* é o termo usado para descrever os dependentes dos militares, e um termo também usado atualmente para descrever adultos que tiveram esse estilo de vida seria o de *Global Nomad* (Eakin 1998:18).

Como o interesse pelos TCKs surgiu principalmente relacionado à área da educação e também à da saúde mental – que aqui não irei considerar – várias organizações dentro e fora dos Estados Unidos da América foram criadas a partir dos anos 80 com a proposta de produzir conferências sobre o assunto e promover discussões para ajudar os envolvidos neste contexto de vida. Eakin cita em seu livro várias organizações de apoio que vieram a existir com o aumento do conhecimento desse assunto pelos próprios envolvidos. Hoje em dia são muitas as organizações que trabalham em parceria com os militares, empresas multinacionais e agências missionárias e que procuram passar informações aos profissionais e fazer com que as relocações aconteçam da maneira mais tranquila possível (Hannerz 1992; Eakin 1998; Pollock e Reken 2009[1999]). Em uma pesquisa na internet podemos encontrar diversos *websites*, organizações não-governamentais e *weblogs* que tratam do assunto usando o termo TCK. Das organizações mais citadas na *Web* sobre TCKs destaco: FIGT: *Families in Global Transition* ([www.figt.org](http://www.figt.org)), *Interaction International* ([www.interactionintl.org](http://www.interactionintl.org)), *Foreign Service Youth Foundation* ([www.fsyf.org](http://www.fsyf.org)), e as páginas que tratam dos assuntos mais pertinentes para os expatriados: *Aramco Brats* ([www.aramco-brats.com](http://www.aramco-brats.com)), *Expatriate Women* ([www.expatriatwomen.com](http://www.expatriatwomen.com)), *Expatica* ([www.expatica.com](http://www.expatica.com)), *Global Education Explorer* ([www.globaleducationexplorer.com](http://www.globaleducationexplorer.com)), *Mu Kappa* ([www.mukappa.org](http://www.mukappa.org)), *TCKid* ([www.tckid.com](http://www.tckid.com)), Cuidado Integral ([www.cuidadointegral.com](http://www.cuidadointegral.com)), entre muitas outras.

Ruth Van Reken, co-autora do livro *Third Culture Kids: Growing Up Among Worlds*, também é fundadora de uma organização que tem como objetivo servir aos interesses das famílias em transição, chamada *Families in Global Transition* ([www.figt.org](http://www.figt.org)). Criada em 1998, a organização tem a intenção de providenciar conferências para as famílias de expatriados que sentem-se em falta de um apoio para lidar com as questões de reajustamento em relocações internacionais. Em seu *website*, a organização afirma que há mais de dez anos vem providenciando às famílias de expatriados educação transcultural, treinamento e apoio para a família inteira. Na mesma

página na internet é possível assistir a várias entrevistas com pessoas ligadas à organização. A *Families in Global Transition* já possui filiais na Suíça e na Coreia do Sul, que falam da importância de tais associações para as famílias em transição global. De acordo com os envolvidos com tais organizações, estas são necessárias para criar uma ligação entre as famílias e para que haja uma troca de conhecimentos entre os envolvidos. Afirmam também que a maioria das pessoas que estão envolvidas em tais organizações, como especialistas e consultores, foram ou estão de alguma forma inseridos nesse contexto transcultural, tendo vivido uma experiência de expatriados em algum ponto de suas vidas.

Brice Royer é outra pessoa de muita influência em relação aos TCKs e fundador do *site TCKid.com*. Tendo crescido como um TCK, ele é um dos responsáveis pela divulgação do termo e em conjunto com outras pessoas tem sido um importante defensor da ideia geral de que TCKs formam uma comunidade que tem aspectos diferenciados a partir de uma identidade em comum, de um senso de pertencimento que une os TCKs. Em seu *site* encontramos vários depoimentos de jovens que se identificam como TCKs e dão testemunho de como essa identificação foi importante para perceberem quem são.

O envolvimento de algumas pessoas com *websites*, organizações e associações que tratam da questão dos TCKs gerou inúmeras ações em variados países para a disseminação da ideia de uma comunidade identificada pela variedade de suas histórias ao mesmo tempo que pela identificação e pertença a um grupo específico. Os envolvidos nesse processo estão conectados entre si para que haja uma conscientização da comunidade e um reconhecimento de sua existência. Alguns dos maiores envolvidos na disseminação do conceito de TCK nas últimas décadas são David Pollock, Ruth Van Reken, Brice Royer, Norma McCaig, Josh Sandoz, Margie Ulsh, Robin Pascoe, Donna Musil, Ann Baker Cottrell e Rebecca Anderson Powell, entre muitos outros (Royer, 2009). Como parte de seus esforços vemos cada vez mais *websites*, páginas em redes sociais como *Facebook*, livros, matérias em revistas, e até mesmo um documentário (ainda em processo de produção): *Les Passagers, a TCK story* – encomendado pela *French Immigration Authority* – que conta a história dos TCKs e o que significa fazer parte dessa comunidade (*Expatica*, 2010).

É importante verificar que toda essa rede de apoio dos TCKs existe a partir da iniciativa de particulares, e muito raramente de governos (com exceção do Departamento de Defesa Americano). Mesmo quando há o envolvimento governamental no cuidado dos trabalhadores, a questão principal desse cuidado é com o indivíduo e como ele vai lidar



com as questões do “choque cultural” em sua experiência em outras culturas e como ocorrerá sua readaptação em sua cultura de origem. Portanto, o que acontece aqui é que a maior parte dos envolvidos, sejam profissionais ou as organizações, estão a trabalhar a partir do cuidado com o indivíduo – uma abordagem que deve muito a visões da psicologia e a um paradigma de conhecimento biomédico.

De fato, o próprio Hannerz sublinha que a maioria dos membros das redes transnacionais em questão são trabalhadores europeus ou norte-americanos, e grande parte dos recursos de que eles dispõem vêm ou da Europa ou da América do Norte, mesmo que os trabalhadores se desloquem para outros países em outros continentes. Hannerz considera que as culturas transnacionais são uma extensão ou uma transformação das culturas da Europa e da América do Norte. Mesmo que as agências ou os locais onde os significados são compartilhados e distribuídos estejam em outros lugares, esses são os locais de onde saem as organizações (Hannerz, 1992:250). Segundo esse autor a preocupação com a diminuição do “choque cultural” é, portanto, uma tentativa de minimizar as diferenças culturais para que os trabalhadores tenham uma experiência menos traumática no encontro com outra cultura. O trabalho das organizações e das corporações que enviam as pessoas seria então o de minimizar os choques, e “normalmente essas agências tem a tendência de fazer com que as pessoas da Europa e da América se sintam o mais em casa possível” (Hannerz, 1992:250).

De acordo com as colocações de Hannerz, podemos perceber então que nas culturas transnacionais a preocupação com a adaptação cultural é feita para que o profissional, seja ele americano ou europeu, não se sinta deslocado culturalmente. O fenômeno dos TCKs parece ganhar contornos diferenciados, no entanto, no Japão. Podolsky debruça-se sobre o fenômeno TCK no Japão e observa que o governo japonês estava particularmente interessado não no impacto que uma vida transnacional possa ter sobre o indivíduo que sai do país, mas no impacto que esse indivíduo irá trazer para a sociedade japonesa quando retornar (Podolsky 2009). Tal perspectiva havia sido avançada como já referi por Ruth Useem quando defendeu ser importante a realização de estudos sobre como as experiências de vida dos expatriados TCKs podem vir a contribuir para a sociedade de onde partem, e não apenas num enfoque estrito no cuidado com o indivíduo (Useem 1999[1993]).

Embora seja realidade que o conceito sobre TCKs teve uma grande disseminação entre países da América do Norte e Europa, esta realidade tem mudado e já é possível encontrar na América Latina, especialmente entre as agências missionárias brasileiras, uma

preocupação cada vez maior com as questões da adaptação cultural dos missionários e de seus familiares que trabalham em um contexto transnacional. Várias são as agências missionárias que são responsáveis por diversas iniciativas nesse domínio, promovendo encontros, palestras e reuniões para seus missionários e igrejas, voltados para a informação sobre os desafios de uma vida transcultural, usando mesmo o termo TCK e as mesmas ideias adotadas pelas organizações internacionais.

Mesmo assim, e tendo em conta o levantamento de literatura feita para esta dissertação, praticamente todas em língua inglesa, há pouco espaço para a discussão das questões dos filhos dos expatriados em língua portuguesa, com exceção do contexto missionário brasileiro. Numa procura na internet sobre o assunto, encontramos a Associação das Famílias dos Diplomatas Portugueses (AFDP – [www.acdp.pt](http://www.acdp.pt)), criada no ano de 1982, de acordo com as informações contidas no *site*, para “defender e representar os interesses dos cônjuges dos diplomatas portugueses e suas respectivas famílias”. Embora não cite o termo TCK, a preocupação com as questões relacionadas com o ajustamento dos familiares no exterior pode ser vista quando analisamos o documento que relata as conferências realizadas pela associação, a partir de 1985 até 2002. Verificamos então que, durante esses 17 anos, quase todas as conferências refletem sobre o assunto de educação e necessidades dos filhos, demonstrando como é importante a discussão da realidade que é vivida por esses profissionais expatriados e suas famílias.

Todas essas organizações e indivíduos que se envolvem no cuidado dos TCKs e de suas famílias têm como objetivo não somente a preparação para uma vida no estrangeiro, mas também a readaptação das pessoas quando voltam para casa. O modelo analítico dessas organizações parte dessa mesma ideia de que, durante os anos que passam como expatriados, essas famílias vão experimentar, em um maior ou menor grau, um estilo de vida de uma cultura transnacional, e ao retornarem para casa irão enfrentar as dificuldades que são consequência das transformações que passaram enquanto viviam naquele meio. É por esse motivo que muitos profissionais que trabalham com TCKs entendem a importância do preparo para as famílias tanto ao sair do país quanto para o retorno à sua origem. Tanto os autores das literaturas quanto os profissionais que trabalham com TCKs percebem que as mudanças na identidade acontecem, e é por esse motivo que entendo que a compreensão de como isso acontece é importante para que haja uma maior compreensão desse estilo de vida.

## **2. Identidade e Pertença: o ponto de vista dos TCKs**

Por toda a literatura focada no tema de TCKs pode-se verificar uma constância da problemática identificada pelos autores como parte da realidade dos expatriados e dos TCKs. Embora a literatura seja variada e as pesquisas sobre o fenômeno específico dos TCKs sejam ainda poucas, os enfoques dos autores giram em torno dos mesmos temas, que são em geral conectados às questões psicossociais: a formação da identidade, perda dos relacionamentos, solidão, ansiedade e depressão, entre outros problemas relacionados à saúde mental (Szkudlarek 2010).

Não é surpresa, portanto, que ao procurar material relacionado com o tema dos TCKs tenha encontrado muita literatura relacionada às áreas de psicologia e educação, focando as questões da adaptação dos TCKs e os problemas psicossociais que enfrentam. Parte dessa realidade está ligada ao interesse dos autores em encontrar soluções para as adaptações das pessoas nas novas culturas (Hannerz 1992), ou, em alguns casos, porque estão procurando fazer com que as pessoas tenham consciência da existência desses problemas e dessa “comunidade” (Royer 2009).

Uma pesquisa mais detalhada sobre essa literatura, porém, indica que a preocupação não está somente em buscar conhecimento sobre a prevenção do “choque cultural”, mas é também constituída de uma variedade de guias para a compreensão da identidade desses expatriados. Uma pequena busca em um *site* da internet sobre o assunto de *Third Culture Kids* irá fornecer uma grande lista de livros que tratam do tema com títulos sugestivos que vão desde *Global Nomads* a *Life as an Expatriate*, entre outros. Isso se deve a um estilo de vida que é compartilhado em várias redes sociais por um grupo cada vez maior de pessoas, que procuram compreender seu estilo de vida, principalmente no que concerne à sua própria identidade.

Como pode ser percebido no livro de Pollock e Reken, as questões estão voltadas para as necessidades dos TCKs como indivíduos, e como é preciso perceber os problemas e os benefícios desta vida transnacional. Os problemas que esses autores detectam entre os TCK são vários, mas quero destacar neste trabalho aqueles que estão relacionados com as questões de identidade e pertença, da forma como um TCK lida com sua adaptação a uma determinada cultura, seja ela a cultura onde se insere, ou sua própria cultura, quando retorna para casa. No entendimento dessas pessoas, o sentimento de que não pertencem a lugar algum e de que não se encaixam em nenhum padrão de identidade existente é muito comum. Pollock e Reken consideram que “os pressupostos tradicionais do que significa pertencer a uma determinada raça, nacionalidade ou etnia são constantemente desafiados

por aqueles cujas identidades foram formadas entre muitos mundos culturais” (Pollock e Reken 2009 [1999]: xi). A luta de muitas dessas pessoas que vivem nesse contexto é encontrar um senso de equilíbrio cultural e de identidade quando estão vivendo o processo de formação de sua identidade como todas as outras pessoas fazem, ou seja, segundo os autores, através do aprendizado da cultura local. “A experiência de vida deles tem sido diferente de todos aqueles que cresceram numa comunidade estável, tradicional, monocultural (...) ao mudarem-se com seus pais de lugar para lugar, os valores culturais e práticas das comunidades onde vivem mudam radicalmente” (Pollock e Reken 2009 [1999]: 47). Ainda de acordo com Pollock e Reken, essa constante mudança leva-os a não sentirem pertença a lugar nenhum ao mesmo tempo que os leva a se adaptarem a todos os lugares. Em um outro livro, *Unrooted Childhoods: Memoirs of Growing Up Global* (2006) – uma coleção de memórias escritas por pessoas que se consideram TCKs – podemos perceber como os TCKs se vêem como pessoas “desenraizadas” e que procuram um sentimento de pertença em meio a tantos contextos culturais:

“Crianças nômades são como epífitas, plantas que vivem da umidade e dos nutrientes no ar, sopradas ao vento e apoiadas temporariamente em árvores hospedeiras. Levadas a partir de uma casa e colocadas em outra, essas crianças aprendem a não prenderem-se muito profundamente. No entanto, apesar da sua resistência ao enraizamento, essas crianças precisam de um sentido de pertença, uma forma de integrar os seus muitos eus culturais e encontrar um lugar no mundo. Como todas as outras crianças, elas precisam de um sentido seguro de si mesmas, de uma identidade estável.” (Eidse e Sichel 2004:1)

Arelado à questão da pertença está a procura pelo lar (*home*). A questão do lar (*home*) torna-se em uma problemática relevante, pois os conceitos que normalmente são atribuídos à pertença a um determinado lugar, como o território e a nacionalidade, perdem intensidade quando se vive em um contexto de alta mobilidade. “Crianças criadas como estrangeiras frequentemente questionam o conceito total de lar (*home*), nunca sentindo que pertencem totalmente a qualquer lugar. Eles se perguntam quem são e se algum dia vão se fixar permanentemente em algum lugar” (Eidse e Sichel 2004:4).

As histórias contadas por pessoas que se consideram TCKs permitem-nos perceber que a busca por essa identidade e sentimento de pertença compreende um processo longo em suas vidas e está completamente ligado à maneira como elas irão viver essas

experiências de vida. Suas histórias deixam-nos perceber como as relações sociais são importantes nesse processo de formação de uma identidade pessoal. Questões como a língua, lugar, família e comunidades estão interconectadas tanto na formação da cultura como na formação da identidade pessoal. Essas questões para os jovens TCKs são frequentemente trazidas à tona pelas relações de poder que existem nesses contextos e a cada mudança que é experimentada por eles. Em todos os lugares para onde vão as barreiras linguísticas, o aprendizado do cotidiano, os rituais do dia-a-dia fazem parte de um conhecimento que coloca esses jovens em posições onde eles serão sempre os diferentes, seja porque são estrangeiros em terras de outros, ou porque se tornam estrangeiros em suas próprias culturas de origem.

Dessa maneira, penso que é preciso conhecer como esses jovens TCKs formam suas identidades pessoais dentro de um contexto cultural variado, ou seja, dentro de um contexto cultural transnacional. Passo a descrever no próximo capítulo como os autores das Ciências Sociais explicam a formação desta cultura transnacional.

## **Capítulo II**

### **O conceito de Cultura**

#### **Da visão centralizada europeia para a diversidade moderna**

Os autores que têm vindo a problematizar o conceito de cultura na contemporaneidade argumentam que historicamente o modelo que influenciou o conceito de sociedade nas Ciências Sociais foi aquele que presidiu à construção dos Estados europeus, valorizando as culturas nacionais como algo fortemente integrado. De acordo com Magdalena Nowicka (2006) a força que existe na associação entre território, cultura e identidade é bastante clara quando uma pessoa muda de país e é frequentemente inquirida sobre quais as razões para deixar “seu” país ou sobre quando será a volta “para casa”. Nowicka aponta que no cerne de questões como essas estão “suposições profundamente enraizadas sobre os limites territoriais de cultura e identidade” (Nowicka 2006:16). Gupta (1992) nos lembra, por exemplo, que a noção de Nação está tão enraizada em nosso dia-a-dia e “tão completamente pressuposta nos discursos acadêmicos sobre “cultura” e “sociedade” que se torna difícil lembrar que é uma forma recente, historicamente contingente de organizar o espaço no mundo” (Gupta 1992:63).

Na última metade do século XX e início do século XXI, porém, os estudiosos das Ciências Sociais tem mudado a forma de ver a relação entre cultura e territorialidade. Muitos autores (Featherstone 1995, Hannerz 1997, Gupta 1992, Gupta e Ferguson 1992, Inda e Rosaldo 2002, Appadurai 2002[1996], Nowicka 2006, Malkki 1992, Ward 2003) consideram que a mudança está na conceituação da cultura de algo fixo e coeso para algo pluralista e fragmentado. Essas mudanças na conceituação da cultura partiram de um olhar modificado desses cientistas sociais, que só foi possível por causa do processo conhecido como globalização, que veio a acontecer no mundo no último século e que se refere a uma intensificação da interconexão global em um mundo de movimento, mistura e interação cultural. Segundo esses autores, nesse processo, os modos de deslocação das pessoas, do capital, dos produtos, das imagens e das ideologias foram responsáveis pelas transformações, até então nunca experimentadas, das formas de relacionamentos entre as pessoas e pela percepção de como esse processo ocorre. É por isso que a globalização se tornou um elemento chave na compreensão das transformações que aconteceram nos processos de formação da cultura na modernidade. Os autores que trabalharam esse tema concordam que o processo de globalização não foi um processo novo na história mundial,

mas que algumas características específicas dessa forma atual de movimentação foram relevantes para marcar uma diferença na maneira como as pessoas se relacionam. Entre os vários aspectos considerados centrais por Giddens e Ulf Hannerz para caracterizar o mundo global contemporâneo, destacam-se dois de particular relevância para o tema desta dissertação.

O primeiro diz respeito ao que Anthony Giddens denomina a “compressão do espaço e do tempo”, teoria que explica como a globalização tornou o mundo aparentemente menor no espaço e no tempo, e consequentemente fazendo com que as formas culturais movam-se pelo mundo mais rapidamente, levando transformações a todo lugar. O segundo corresponde ao que Ulf Hannerz, chama os “fluxos culturais globais”, por meio dos quais procura explicar os inter-relacionamentos culturais globais numa compreensão da cultura como processo que está em constante transformação, onde os indivíduos são responsáveis por manter esse movimento através da percepção dos significados que fazem de si mesmo e dos outros.

A compressão do espaço e do tempo e os “fluxos culturais globais” são assim, eixos de análise que para estes dois autores explicam o surgimento das “culturas transnacionais” ou “terceiras culturas”. O conceito de “culturas transnacionais” engloba aquelas pessoas que através do seu estilo de vida têm sua cultura e sua identidade transformadas, como é o caso dos TCKs. Hannerz e Featherstone afirmam que essa “cultura transnacional” vem tomando cada vez mais espaço à medida que as conexões entre as pessoas aumentam no mundo. Para Ulf Hannerz as “culturas transnacionais” são estruturas de significados alimentadas por redes sociais que não estão baseadas em um único território (Hannerz 1992:249). Com uma característica de orientação que ultrapassa a questão das fronteiras territoriais, esse tipo de “terceira cultura” é resultado do envolvimento de pessoas em mais de uma cultura, pessoas que estão envolvidas em processos de comunicação intercultural que modificam a forma como elas constituem suas identidades e percebem o mundo ao seu redor.

Não é possível, porém, tratar somente dos aspectos da formação da cultura para entender como acontece a formação da “cultura transnacional”. É neste ponto que um outro aspecto se torna relevante para esta dissertação, que é a questão da formação da pessoa. Hannerz e Giddens explicam como o processo de formação cultural é construído no processo de globalização, mas é preciso lembrar que ao mesmo tempo que as pessoas estão inseridas numa relação social elas também são formadas como pessoas e formam sua

identidade pessoal numa relação mútua e indissociável. É importante, portanto, tentar perceber como essa cultura transnacional modela e transforma a construção da pessoa e como essa identidade construída em um ambiente transnacional irá influenciar a forma como as pessoas percebem e vivenciam o mundo ao seu redor. A articulação entre estes dois temas parte primeiro de uma recapitulação de ideias sobre globalização e transnacionalismo e sobre como os *Third Culture Kids* estão inseridos dentro desse contexto mundial, que desenvolvo já nas seções a seguir, deixando para o capítulo seguinte as questões de identidade e pertença a partir desse contexto transnacional.

### **1. A globalização e a “compressão do espaço-tempo”**

Autores como Anthony Giddens, Renato Rosaldo, Jonathan Inda, Ulf Hannerz, Arjun Appadurai, Stuart Hall e Mike Featherstone, entre outros, estão entre os antropólogos e sociólogos que durante as décadas de 1980 e 1990 estudaram o fenómeno da globalização e suas implicações na sociedade e no processo de construção da cultura, especialmente no processo que se desenvolveu no final do século XX. Como vários outros pensadores, esses autores concordam que a globalização não é um fenómeno novo e específico de nossos dias, pois eles entendem que o mundo antes do século XX já era um mundo com muita movimentação entre lugares, pessoas e mercadorias.

Como um dos autores que identifica as movimentações no mundo nesse contexto anterior à modernidade, Arjun Appadurai (2002 [1996]) retorna aos séculos XV e XVI para demonstrar que as movimentações no mundo já existiam e já transformavam as relações entre pessoas e lugares, mas que, em sua maioria, eram as guerras e as questões religiosas as duas grandes forças que explicavam as movimentações que aconteciam e que eram responsáveis pelos contatos entre os grupos sociais distantes geograficamente. Segundo Appadurai (2002 [1996]), apesar das movimentações e dos contatos, nesse período as mudanças aconteciam de maneira mais lenta e em períodos de tempo mais espaçados. Desse modo, era possível identificar nas movimentações anteriores um certo compartilhamento cultural em menor escala do que aquele da contemporaneidade.

No conjunto da literatura sobre globalização o que parece consensual é que o processo de globalização que se deu a partir do século XX possui uma particularidade que o diferencia das movimentações anteriores, particularidade essa normalmente descrita como a “reorganização do tempo e do espaço” (Inda e Rosaldo 2002:5). David Harvey e Anthony Giddens têm perspectivas complementares a esse respeito, pois explicam a



reorganização do tempo e do espaço a partir de diferentes pontos de vista, como apontam Inda e Rosaldo: “Enquanto David Harvey percebe o capitalismo como o motor principal da globalização, Giddens vê o processo global como operação a partir de quatro dimensões: capitalismo, sistema inter-estadual, militarismo e industrialismo” (Inda e Rosaldo 2002:29). Entre os dois pontos de vista, de Harvey e Giddens, concentrarei minhas exposições na teoria de Giddens pois é a que mais toca na questão da vida social e cultural, e que mais diretamente importa para o tema dos TCKs.

Giddens afirma que a separação do tempo e do espaço foi responsável pela deslocação do espaço para fora do “lugar” (Giddens 1994:15). Com as inovações tecnológicas que apareceram a partir do final do século XIX e desenvolveram-se ao longo do século XX, as informações e os relacionamentos entre as pessoas passaram a não depender de um mesmo local ou de existir em um mesmo tempo. As atividades que antes eram realizadas no cotidiano eram compreendidas em uma relação do tempo e do espaço, em contatos “face-a-face” que consistiam em uma presença física no momento e no espaço. Com a universalização do tempo e a facilidade de deslocação no espaço as relações sociais foram removidas dos contextos locais e foram rearticuladas no espaço e no tempo. Essa rearticulação não significa que o tempo e o espaço se tornaram estranhos à organização social, mas “fornecem a base mesma para a sua recombinação em modos de coordenação das atividades sociais, sem referência necessária às particularidades do lugar.” (Giddens 1994:15). O que Giddens propõe aqui é que a relevância do lugar é modificada, mas não eliminada nas relações sociais.

Essa remoção que Giddens cita é o que ele chama de “descontextualização” e explica a distanciação introduzida pela modernidade (Giddens 1994:16). Essa distanciação estaria mais ligada ao espaço, pois permitiria às pessoas uma forma de conexão umas com as outras, ligando práticas locais com relações sociais globais, mesmo em situações do dia-a-dia. É dessa forma que Giddens indica que a globalização é responsável por uma presença e por uma ausência, “por um entrelaçar de eventos sociais à distância com as contextualidades locais” (Giddens, 1994:19).

Stuart Hall também explica essa “compressão espaço-tempo” como sendo um sentimento de que o mundo se tornou menor e as distâncias mais curtas, e que os acontecimentos em diferentes lugares têm impacto em locais distantes, com o espaço físico podendo ser “cruzado” em pouco tempo, “por um avião a jato, por fax ou por satélite” (Hall 2005[1992]:73). Desse modo uma pessoa pode se deslocar no espaço de forma muito

mais rápida do que há alguns anos e, com isso, as experiências e as relações entre as pessoas em diferentes locais passam a ser facilitadas como nunca antes. É nesse sentido que a “compressão do espaço-tempo” influenciou a forma como as relações sociais foram modificadas a partir da segunda metade do século XX. Para os autores que seguem essa abordagem, ela significa que o mundo ficou menor e a facilidade de transmissão de ideias e perspectivas culturais tornou o processo de formação cultural mais intenso e ao mesmo tempo abriu novas maneiras de perceber como as relações sociais funcionam na formação e organização cultural e na formação da identidade pessoal.

## **2. Fluxos culturais globais**

Para entender como esse processo global influencia a formação cultural não basta somente entender a questão da compressão do espaço e do tempo, mas também como essas transmissões de ideias podem transformar a construção da cultura. É dessa maneira que a teoria de Ulf Hannerz é pertinente para descrever como o processo de construção e distribuição da cultura acontece e como isso influencia as relações sociais. O contributo de Hannerz sobre a formação da cultura é importante para este trabalho porque suas considerações entendem a formação da cultura como um processo contínuo de inter-relacionamento entre pessoas. Suas colocações sobre fluxos culturais, estruturas de significados e de distribuição da cultura servem para entendermos que “culturas pertencem primeiramente às relações sociais e às redes de tais relacionamentos. Somente indiretamente, e sem uma necessidade lógica, elas pertencem aos lugares” (Hannerz 1992:39). Essa noção de que as relações sociais modificam a forma como a pessoa percebe e constrói a cultura é importante para entender como a cultura transnacional veio a ser criada nas relações sociais modernas, e especificamente no caso aqui em análise, ou seja, das famílias de TCKs. Dessa maneira julgo ser importante discorrer mais sobre a teoria de Hannerz sobre os processos culturais e como eles acontecem.

Segundo Hannerz, o processo cultural acontece em um fluxo contínuo de inter-relações, e pode ser percebido externamente, através dos sentidos físicos, e também internamente, através da maneira como as pessoas interpretam e dão significado àquilo que percebem externamente. Portanto, cultura só pode ser percebida porque as pessoas dão sentido a ela, através da interpretação. Para expressar melhor seus conceitos, Hannerz usa o termo “fluxos culturais”, que no seu entender tem uma ideia mais de transformação do que

de transporte. Aqui assenta a tão difundida imagem metafórica dos fluxos culturais como o correr de um rio:

“Talvez a imagem de fluxo seja um pouco incorreta, na medida em que sugere um transporte desimpedido, ao invés da infinita problemática da ocorrência de transformação entre os *loci* internos e externos. Ainda assim penso que a metáfora do fluxo é útil – pelo menos para uma coisa, porque ela captura um dos paradoxos da cultura. Quando se vê um rio de longe, pode parecer uma linha azul (ou verde, ou marrom) através de uma paisagem, algo de permanência impressionante. Mas, ao mesmo tempo, ‘não se pode pisar no mesmo rio duas vezes’, pois está sempre em movimento, e só assim ele consegue a sua durabilidade. Da mesma forma acontece com a cultura - mesmo que se perceba a estrutura, ela é totalmente dependente de um processo contínuo.” (Hannerz 1992:4)

Para que o fluxo cultural aconteça, Hannerz indica três dimensões da cultura que precisam ser entendidas como inter-relacionadas. São as “ideias e modos de pensamento”, as “formas de externalização” e as “formas de distribuição”. Essas três dimensões envolvem a maneira como as pessoas percebem, externam e distribuem seus valores (Hannerz, 1992:7). De acordo com o autor, as duas primeiras dimensões teriam sido muito estudadas pela Antropologia até o início dos anos de 1990 e indicam o modo como as pessoas percebem e externam seus valores, hábitos e sistemas de crenças, mas a terceira dimensão cultural teria sido pouco avaliada: o modo como a cultura é distribuída no sistema social. A intenção de Hannerz é então a de demonstrar que a percepção dos significados culturais é passada do indivíduo para o sistema social através dos “modelos distributivos da cultura”, um termo que o autor emprestou de Schwartz, e que indica que as pessoas contribuem para o fluxo cultural e à medida que fazem isso elas são construídas como indivíduos e como seres sociais. “Em um processo tanto acumulativo como interactivo, as pessoas fazem indicações umas às outras sobre quem são e sobre que tipo de outras pessoas existem em seu *habitat*, o que é devidamente conduzido e o que são seus alvos na vida e como relacionam-se com outros seres humanos em um mundo material” (Hannerz 1992:14). Nesse caso, o sistema social é o meio por onde a cultura é transmitida, através das pessoas e dos relacionamentos, e ao mesmo tempo em que o sistema social transmite a cultura ele é também transformado por ela. A maior implicação para uma “compreensão distributiva da cultura” (*distributive understanding of culture*) não é o

entendimento de que todos têm diferenças, mas que as pessoas lidam com as diferenças de significados dos outros o tempo todo e respondem a essas diferenças<sup>5</sup>. Segundo Hannerz, a forma como as pessoas respondem aos significados feitos pelos outros pode ter diversas maneiras, pode-se ignorar, comentar, opor-se, ou mesmo aceitar o significado feito pelo outro e adquiri-lo para si (Hannerz 1992:14). A organização dessa diversidade é o responsável pela produção de uma cultura complexa.

Apesar de ser uma questão de atribuição de significados, para Hannerz a estrutura social não é afetada somente por essa questão, pois ele entende que esta também envolve uma distribuição demográfica das pessoas, do poder e dos recursos materiais. A ideia de Hannerz então é distanciar-se do conceito de que aquilo que não seja cultural vai consequentemente resultar em diferenciação e conflito, ao mesmo tempo que a cultura compartilhada significaria consenso e hegemonia. Sua abordagem da “compreensão distributiva da cultura” é “interacionista”. Ele considera que a estrutura social é baseada na distinção cultural e na distribuição dos significados culturais que são feitos: “As pessoas moldam suas estruturas sociais e os significados que fazem em seus contatos uns com os outros e as sociedades e culturas são o resultado da acumulação e agregação dessas atividades” (Hannerz 1992:15).

Hannerz indica que, mesmo numa sociedade de pequena escala onde as relações sociais acontecem face-a-face e compartilham o mesmo espaço e o mesmo tempo, a ideia de que haverá uma repetição das mesmas experiências e uma uniformidade cultural entre os membros da sociedade não é plausível, pois as diferenças entre os indivíduos existem e as variáveis são infinitas. Para que os significados que as pessoas fazem se transformem em experiências compartilhadas e distribuídas nas estruturas sociais, e consequentemente formem a cultura, é preciso haver alguns “padrões de processos” que irão transformar as variações de experiências em processos culturais. Esses padrões de processo ocorrem em dois níveis analíticos, o primeiro seria o processo social institucional, das organizações sociais, e o segundo nível seria o da administração cultural nos relacionamentos sociais (Hannerz 1992:46).

### **3. A organização e a distribuição da cultura no contexto global**

---

<sup>5</sup> Neste ponto as ideias de Hannerz estão em conformidade com a teoria de Christina Toren sobre a formação da pessoa, as quais irei desenvolver no próximo capítulo desta dissertação.

Esses dois níveis de processos culturais – o processo institucional e a administração cultural nos relacionamentos sociais – foram divididos por Hannerz em quatro estruturas organizacionais para uma melhor compreensão da forma como a cultura vem a ser distribuída no mundo. Farei uma rápida menção a essas estruturas organizacionais pois entendo que elas são importantes para explicar como a cultura é transmitida no mundo.

A “forma de vida” (*form of life*) seria a estrutura mais básica e que compreende as experiências do cotidiano e reprodução das atividades domésticas, de trabalho e de vizinhança. O “mercado” (*Market*) seria responsável pelo fluxo das mercadorias culturais, intelectuais e estéticas. O “Estado” (*State*) seria o responsável pela forma organizacional do processo cultural, sendo controlador do território e reconhecido a partir de um poder público. A estrutura dos “movimentos” (*Movement*), que Hannerz chama de “movimentos culturais”, mas que normalmente são chamados de “movimentos sociais”, são as “organizações para “conscientização”, são tentativas para transformar os significados” (Hannerz 1992:49). Essas estruturas são recorrentes e se interrelacionam, combinando-se de diferentes maneiras no tempo e no espaço, sendo responsáveis pela movimentação dos fluxos culturais (Hannerz 1992).

A importância dessas estruturas para este trabalho está no fato de que elas explicam a construção dos processos culturais independentemente dos conceitos normalmente ligados às questões culturais como nações e políticas territoriais. Hannerz explica que nas ciências sociais e nos estudos culturais há uma tendência a se confundir os conceitos de Nação, Estado, sociedade e cultura, pois quando se fala em “sociedade” pensa-se logo nas unidades territoriais e políticas do Estado, e quando se fala em “cultura” sempre se conecta a unidade à Nação em questão, como em “cultura sueca”, “cultura romena”. Hannerz chama atenção para o fato de que os fluxos de significado organizados dentro das quatro estruturas apenas por vezes acontecem dentro de limites territoriais, pois o espaço não é um fator importante na organização do processo cultural contemporâneo (Hannerz, 1992:51,52). Ele demonstra que as culturas podem ser construídas independentemente de territórios nacionais, pois são as organizações das estruturas (modo de vida, Estado, mercado e movimentos) que irão ser responsáveis por esse processo de formação da cultura, independente da localização territorial onde isto irá acontecer<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> É importante apontar neste momento que Hannerz está demonstrando com isso que a formação da cultura resulta mais das relações sociais do que do território em si. Não se trata, portanto, de negar o papel do

As quatro estruturas organizacionais de Hannerz e sua consideração de que a organização da cultura não está totalmente dependente de territórios encontram semelhanças nos argumentos de Arjun Appadurai sobre a organização global da cultura e o conceito de desterritorialização. Identificando-se como um teórico dos fluxos culturais, Appadurai indica um modelo de cinco dimensões do fluxo cultural global, “*ethnoscapes, mediascapes, technoscapes, financescapes e ideoscapes*” (Appadurai 2002[1996]:54). Estes modelos foram pensados com o objetivo de caracterizar tipos-ideais de interação, mas acabaram por se tornar categorias centrais para a política de cultura global, identificando forças diversas de desterritorialização do mundo moderno. Essa desterritorialização, segundo Appadurai, é uma das forças centrais do mundo moderno correspondendo ao fato de haver uma grande quantidade de pessoas a movimentar-se continuamente entre territórios, criando situações de identificação ou desligamento das pessoas em relação aos lugares e às ideologias territoriais.

Explicando a complexidade das migrações em um mundo globalizado, Inda e Rosaldo indicam que uma característica dos processos de movimentações atuais é que os migrantes de hoje em dia não mais deixam a sua “terra” (*homeland*) completamente, mas criam e mantêm as relações sociais à distância, ligando suas vidas tanto no país que os recebem quanto em seu país de origem. Essa “ligação diaspórica” como eles chamam, permite que a pessoa possua uma ligação em dupla localidade (Inda e Rosaldo 2002:19). O resultado disso é que ao constituírem essa ligação dupla eles estendem sua comunidade além das fronteiras nacionais. Inda e Rosaldo consideram essa característica como sendo a de uma vida transnacional: “Eles são (pessoas) que pertencem simultaneamente a mais que um lar e portanto, a nenhum lar em particular. Eles são, em resumo, o fruto de várias interligações de nações e culturas” (Inda e Rosaldo 2002:20).

As identificações das pessoas deixaram, então, de ser baseadas exclusivamente nas estruturas organizacionais dos Estados-Nação e de acordo com os autores, não há mais, por parte dessas pessoas, uma preocupação em se identificar como ingleses, escoceses ou indianos, pois o conceito tradicional da nacionalidade se perdeu diante da heterogeneidade cultural, principalmente nas grandes capitais mundiais. Isso não significa que há uma desestruturalização dos Estados Nacionais, mas uma mudança na forma como as pessoas se relacionam com a questão de cidadania e nacionalidade (Inda e Rosaldo 2002, Gupta

---

território na formação da identidade pessoal. Desenvolverei mais esse assunto no próximo capítulo quando tratarei da formação da pessoa.

1992, Castles 2000, Ward 2003). Por esse motivo, o papel do Estado na criação das ligações naturais entre pessoas e lugares não deve ser descartado, mas essa mudança indica uma necessidade de perceber que as pessoas possuem uma habilidade para alterar os espaços estabelecidos, quer seja por movimentação entre os espaços, quer seja por atos de re-imaginação de conceitos ou atos políticos (Gupta e Ferguson 1992).

Embora Inda e Rosaldo estejam tratando da migração em geral quando apontam essa questão, ela também é válida para os TCKs, pois estes estão ainda mais ligados a um estilo de vida entre culturas. Assim como os migrantes, citados por autores que estudam as migrações transnacionais, ao invés de formarem suas identidades enraizadas em lugares, os TCKs seguem essa tendência de construir sua identificação baseados em relacionamento com grupos com os quais se identificam (Pollock e Reken 2009[1999]), formando as “comunidades imaginadas” conforme afirmam Gupta e Ferguson: memória de lugares e comunidades que servem como âncoras simbólicas de comunidades para as pessoas que vivem na dispersão (Gupta e Ferguson 1992:11). Essas comunidades imaginadas não dizem respeito às redes de comunicação que se mantêm através de tecnologias que viabilizam o contato virtual entre as pessoas, mas dizem respeito às maneiras como as pessoas constroem o significado dos espaços onde suas vidas sociais acontecem. Essa construção de um espaço imaginado reflete-se na percepção que as pessoas que vivem neste contexto têm de que o mundo em que vivem não está determinado pelas fronteiras nacionais; pelo contrário, ele atravessa essas fronteiras, indo além das questões consideradas, como de nacionalidade.

Aplicando as considerações de Hannerz sobre as estruturas organizacionais às ideias desses autores, percebemos que a constante movimentação das pessoas entre territórios lhes dá as condições de se relacionarem e identificarem-se com forças políticas ou étnicas, criando novas formas de identificação com complexidades culturais que fogem à questão territorial, como também Featherstone exprime nomeadamente na seguinte passagem:

“Há mais pessoas vivendo hoje no meio de culturas diferentes, ou na fronteira delas; as nações europeias, assim como as demais que anteriormente procuravam exigir um sólido e exclusivo senso de identidade nacional, precisam enfrentar a realidade de que são sociedades multiculturais (...) a percepção que temos das culturas nacionais vai se tornando mais complexa à medida que grupos distintos buscam libertar suas tradições

nacionais e inventar novas tradições, ou declaram abertamente sua capacidade e seu direito de construir culturas sincréticas, híbridas ou mescladas, inconciliáveis sob uma só identidade integrada” (Featherstone 1995:14).

O que Featherstone salienta nessa passagem é que não há um determinismo territorial ou nacional na formação da identidade cultural de uma pessoa, mas que ela pode ter sua identidade cultural formada por diferentes características e mesmo assim continuar com uma integração pessoal. Não é o caso, portanto, de uma negação da nacionalidade do indivíduo, mas uma separação entre nacionalidade e identidade pessoal. Nesse sentido, os fluxos culturais são responsáveis pela formação da identidade mais que as questões territoriais.

#### **4. As culturas transnacionais**

Para Hannerz e Featherstone o surgimento das “culturas transnacionais”, também chamadas de “terceiras culturas”, só foi possível por causa da combinação entre as tecnologias existentes no mundo de hoje e a forma como as relações sociais existem a partir das combinações das estruturas organizacionais da cultura. Featherstone (1990) indica que a globalização foi responsável por uma grande mobilidade de profissionais competentes nas áreas financeiras, industriais, áreas de consumo e até mesmo nas áreas artísticas, como arquitetura, *design* e indústrias cinematográficas (Featherstone 1990). Hannerz considera que o movimento de pessoas tornou possíveis processos migratórios que não eram percebidos ou realmente não aconteciam anteriormente.

Hannerz apresenta o que ele chama de “fluxograma cultural global” para explicar que o processo cultural mundial possui uma organização diversificada que vai além da ideia da estrutura de centro-periferia a que estamos acostumados (Hannerz 1992:221). Através desse fluxograma ele explica que os processos culturais movimentam-se de um lado para outro, e não particularmente saem dos grandes centros para a periferia. Ele é contrário à ideia de que um “imperialismo cultural” das nações europeias influenciaram as formas de fluxo cultural, pois ele acredita que a maior parte do tráfego cultural no mundo se dá através de um fluxo transnacional e não internacional. Para ele quando se fala em influência americana ou mexicana ou francesa, há muitas variáveis a serem consideradas. Ele prefere olhar para os fluxos culturais como inter-relações das quatro estruturas organizacionais do Estado, mercado, forma de vida e movimentos (Hannerz 1992). Estes fluxos culturais globais é que serão responsáveis pela movimentação da cultura pelo



mundo, muitas vezes tecendo o caminho dos centros para as periferias, da periferia para o centro e também de periferia para periferia. Nesses meios, muitos locais passam a ser vistos como centros culturais sem estarem diretamente relacionados num processo político.

Para Ulf Hannerz as culturas transnacionais formaram-se por intermédio desses processos políticos que implicam em “muitas culturas nacionais têm seus centros fora do território do Estado” (Hannerz 1992:229), criando o que Hannerz chama de “Influência cultural transnacional” (*transnational cultural influences*): influência que acontece quando há uma concentração de estruturas institucionais particulares e ocupacionais, e grupos de pessoas que através de seus estilos de vida servem no cenário nacional como modelos culturais de metropolitanismo. Eles são o *jet set* nacional, os profissionais e tecnocratas e os representantes dos centros globais (Hannerz 1992:230). Hannerz refere que em 1971 o historiador James Field já identificava essas “novas tribos” que surgiram a partir dos relacionamentos de trabalhadores especializados e que faziam parte das relações sociais entre várias culturas (Hannerz 1990:243). É nesse movimento frequente de pessoas e meios que surgem as culturas transnacionais, as quais, segundo Hannerz, podem ser compreendidas como estruturas desterritorializadas:

“[As culturas transnacionais são] estruturas de significado transportadas por redes sociais que não estão totalmente baseadas em um único território. As pessoas da cultura transnacional são os viajantes frequentes, pessoas que possuem uma base em um lugar mas estão rotineiramente envolvidas com outros em vários outros locais. Ninguém passa uma vida inteira – dificilmente um dia inteiro – totalmente imerso em uma cultura transnacional. Pelo contrário, essas pessoas combinam um envolvimento com uma cultura transnacional (ou possivelmente mais que uma) e uma ou mais culturas territoriais.” (Hannerz 1992:249)

Dentro desse contexto de “cultura transnacional”, a mobilidade criada pelo fenómeno da globalização foi responsável pelo aparecimento de viajantes mundiais, que são aqueles que têm vivido em constante movimento: homens de negócio, burocratas, acadêmicos, todos trabalhadores altamente qualificados e com importantes recursos económicos. Para essas pessoas, a vida em constante mobilidade é parte central de sua existência. “São pessoas que podem fazer incursões rápidas a partir de uma base (*home base*) para muitos outros lugares (...), que podem mudar as suas bases repetidamente por

longos períodos.” (Hannerz 1992:247). Ainda que com pontos de aproximação, estes não são os processos de mobilidade e identidade dos TCKs.

Os TCKs são filhos de pessoas que estão inseridas no contexto transnacional devido ao trabalho que exercem e, na maior parte dos casos, são pessoas enviadas para o exterior por agências ou órgãos governamentais ou mesmo por corporações empresariais ou sociais para desempenharem um trabalho específico. Diferentemente dos acadêmicos e dos homens de negócios, eles ficam por períodos mais ou menos prolongado nesses países, sendo necessário aí estabelecerem a sua vida familiar, como enquadrarem os filhos na escola e, por isso, essas experiências são constitutivas da sua construção como pessoa. Ao findarem seu tempo de trabalho no exterior, eles geralmente voltam para seu país de origem. Como esses trabalhadores passam grande parte da sua vida a mudar constantemente de contexto cultural, suas experiências marcarão com profundidade sua maneira de experimentar e perceber os significados culturais por onde andarem. Segundo Hannerz:

“Quando as pessoas levam sua “bagagem cultural” para outro lugar, suas perspectivas serão alteradas, temporariamente ou permanentemente, dependendo da maneira como eles serão inseridos em outra combinação de circunstâncias práticas e correntes de significados. Nessa estrutura de forma de vida há outras restrições e outras oportunidades, e o que uma pessoa pode observar nos outros em seu novo ambiente é diferente daquilo que existia em seu lugar de origem” (Hannerz 1992:248).

É preciso então separar os tipos de experiências que as pessoas têm com relação às movimentações que acontecem pelo mundo. Hannerz indica que há uma linha muito tênue que separa esses indivíduos que vivem um estilo de vida transnacional e todos aqueles que movimentam-se pelo mundo, como por exemplo os turistas, os migrantes ou mesmo o caso dos exilados. Porém, ao observarmos as experiências vividas pelos TCKs, iremos verificar que o modo de vida que mais se aproxima desse estilo de vida é o apresentado por Hannerz no conceito de “expatriado”:

“Expatriados (ou ex-expatriados) são pessoas que escolheram viver no estrangeiro por um período, e que sabem por quanto tempo ficarão ali e que podem ir para casa quando desejarem. Não que todos os expatriados vivam um modelo de Cosmopolitismo (...) mas

essas são pessoas que permitem-se experimentar, mas que não perdem um precioso, mas ameaçado, sentido de desenraizamento de si mesmo. Normalmente pensamos neles como pessoas de meios independentes (até mesmo modestos), para quem a abertura de novas experiências é uma vocação, ou pessoas que podem levar seu trabalho para qualquer lugar. (...) No entanto, o expatriado contemporâneo é provavelmente uma pessoa que trabalha para uma organização [internacional] (*organization man*)” (Hannerz 1990:243).

Esta conceitualização de Hannerz permite que uma grande variedade de pessoas possa se encaixar no perfil de expatriados. Esses expatriados são portanto trabalhadores especializados que vivem um estilo de vida transnacional. São trabalhadores que não se encaixam no conceito de migrantes, pois não se vêem obrigados a saírem de seus países à procura de uma vida melhor. São muitas vezes ligados a agências governamentais, como os militares ou diplomatas, que servirão a seu país em um contexto transnacional por um determinado tempo e têm a consciência de que poderão voltar para casa quando desejarem; muitas vezes podem ser os missionários que trabalham em contextos transnacionais e que são apoiados ou não por agências missionárias em seus países de origem.

Para aqueles que estão inseridos nesse meio da cultura transnacional, Hannerz indica que há vários níveis de participação nessa cultura. Há aqueles que procuram viver dentro dos nichos sociais de sua própria cultura de origem e que não se envolvem com pessoas do país onde residem, há aqueles que buscam um certo contato com os “locais”, e há aqueles que aproveitam-se da experiência transnacional para se transformarem em Cosmopolitas. O sentido de Cosmopolita que Hannerz utiliza é o que possui “uma vontade de interagir com o Outro, uma postura estética e intelectual de abertura para experiências culturais divergentes” (Hannerz 1992:252). Nos termos apresentado por Hannerz, o cosmopolita é uma pessoa que vai decidir o grau de seu envolvimento com o Outro. Ele “constrói sua perspectiva própria e única de uma coleção idiossincrática de experiências”. Uma pessoa pode ser mais ou menos Cosmopolita, ao buscar na cultura somente aquilo que é interessante para si, ou pode aceitar o “pacote inteiro” da cultura onde se insere. Quanto à sua cultura de origem, ele pode escolher se separar dela, “ele possui a cultura, esta não o possui” (Hannerz 1992:253).

É com relação ao cosmopolitismo que Hannerz tratará da questão do lar (*home*), do sentir-se em casa. Para o autor, o cosmopolita é aquele que consegue fazer de qualquer lugar a sua casa, ou pelo contrário, não irá se sentir em casa em nenhum lugar. Hannerz

indica que há a possibilidade de a perspectiva da pessoa ser irreversivelmente afetada por essa experiência de viver entre os diferentes e o distante, fazendo com que qualquer ritual do cotidiano seja absolutamente natural. O sentir-se em casa para o cosmopolita, segundo Hannerz, pode resultar de uma relação com um lugar físico onde ele se sente bem ou pode ser uma “nostalgia”, uma lembrança de um passado, uma coleção de rostos familiares. Entretanto, o cosmopolita sempre será visto pelos locais como alguém “um pouco incomum”, “um de nós e ainda assim, não completamente um de nós” (Hannerz 1992:254) Esta conceituação do cosmopolita de Hannerz nos remete às questões apresentadas no primeiro capítulo sobre os TCKs.

Ao apresentar a história da constituição desta noção tentei demonstrar como a globalização foi importante na movimentação das pessoas entre territórios e na forma como essas movimentações através das situações políticas e econômicas levou à existência desses estilos de vida transnacionais que deram forma a uma “cultura transnacional”. Os *Third Culture Kids* são jovens que, por causa do trabalho de seus pais, estão envolvidos nesse processo e durante os anos de seu desenvolvimento, enquanto se formam a si mesmos como pessoas vão experimentar essas diversidades culturais.

Hannerz não faz distinção entre aqueles que entraram nesse estilo de vida transnacional como adultos e aqueles que cresceram e se desenvolveram dentro desse ambiente e formaram sua identidade a partir de um contexto transnacional. Penso que é importante procurar entender as distinções que existem entre estas pessoas e é por isso que no próximo capítulo tratarei das questões da formação da pessoa, procurando apresentar os debates teóricos que melhor explicitam como a formação da identidade pessoal pode vir a ser compreendida nesse contexto do transnacionalismo.

### **Capítulo III**

#### **A Formação da Pessoa: Identidade e Pertença**

No capítulo anterior apresentei uma reflexão teórica que penso ser relevante para o estudo da “cultura transnacional” em que os TCKs estão inseridos. Neste capítulo desenvolvo duas das questões apresentadas pelos autores que tratam do assunto de TCKs – especificamente a questão da identidade e pertença – a partir, primeiro, das reflexões teóricas de Christina Toren sobre a formação da pessoa articulando-a com as propostas de Giddens e Hannerz sobre a formação da identidade na modernidade tardia. Em seguida, apresento os conceitos de identidade e pertença aliados aos estudos da territorialidade mostrando o enquadramento tradicional que alguns teóricos têm feito sobre este assunto e apresentando como essa questão tem sido tratada na contemporaneidade. Antes de passar a analisar as abordagens sobre esses dois assuntos, penso que será útil fazer algumas observações sobre o processo de construção do enquadramento para esta pesquisa sobre os TCKs.

Os estudos sobre identidade e pertença nas Ciências Sociais não são novidade e têm sido desenvolvidos acompanhando as mudanças que são percebidas pelos teóricos na contemporaneidade. Ao buscar os estudos sobre identidade e pertença relacionados com o transnacionalismo, fui seguindo as linhas de pensamento que consideram a tendência da modernização e globalização mundial como responsável pela criação de uma cultura transnacional, onde estão inseridos os TCKs. No geral a literatura sobre identidade e pertença que foi produzida nos finais do século XX trata do assunto sob dois pontos de vista: o primeiro focaliza-se na formação da identidade fragmentada e auto-reflexiva como condição da modernidade tardia englobando o ponto de vista de autores como Stuart Hall e Anthony Giddens, entre outros. O segundo é tratado do ponto de vista da questão da territorialidade e das mudanças na compreensão da espacialidade que levaram a discussões sobre o sentimento de pertença do indivíduo a partir do ponto de vista da nacionalidade, comentados por autores como Gupta e Appadurai, entre outros.

Estes dois pontos de vista são importantes para a compreensão da formação da identidade dos TCKs porque a inserem no contexto transnacional. Parte da dificuldade em encontrar estudos sobre TCKs na antropologia e na sociologia resulta do fato de nestas áreas disciplinares os estudos sobre transnacionalismo serem geralmente estudos sobre segunda geração de migrantes ou exilados (cf. Viruell-Fuentes 2006, Malkki 1992). Ora,

nesses contextos o transnacionalismo surge como uma relação dos emigrantes com duas localidades, sendo esse muito diferente do contexto dos TCKs, que passam os seus anos de desenvolvimento entre várias culturas. Mesmo assim os estudos sobre identidade e transnacionalismo iluminam a situação dos TCKs na medida em que a maior parte dos problemas enfrentados pelos filhos de migrantes ao tentarem se adaptar a esses dois mundos são os mesmos problemas enfrentados pelos TCKs. As diferenças fundamentais resultam do fato dos TCKs não terem que se adaptar somente a um novo país, mas a um novo país a cada dois ou três anos, vivenciando um ciclo de mobilidade frequente e levando a estilos de comportamento e valores diferentes dos de sua origem em cada uma dessas experiências. Além disso, os migrantes e exilados mais frequentemente estudados pela antropologia e sociologia não dispõem das facilidades socioeconômicas que os TCKs dispõem por terem seus pais a trabalharem muitas vezes em cargos com altas remunerações. Essa situação socioeconômica dá-lhes a oportunidade de experimentar um estilo de vida melhor. Tendo todas essas considerações em mente, foi possível localizar alguma literatura pertinente para essas reflexões em contextos variados nas Ciências Sociais.

### **1. O processo autopoietico de formação da pessoa**

O fenómeno da globalização modificou não somente a forma como as relações sociais são conduzidas como também a forma como a identidade pessoal passou a ser construída. Para entender o processo de formação da identidade pessoal passo a apresentar as reflexões teóricas de Christina Toren sobre a formação da pessoa. O contributo de Toren é importante para este trabalho porque considero suas colocações sobre a formação da pessoa como uma complementação das reflexões de autores como Anthony Giddens e Ulf Hannerz sobre a formação da identidade e da cultura na atualidade.

O trabalho desenvolvido por Christina Toren consiste em compreender o processo de formação da pessoa como um processo histórico, social, biológico e psicológico. Toren propõe que corpo e mente, biológico e cultural, material e ideal são aspectos um do outro, ao invés de fenómenos relacionados dialeticamente. Como “relações dialéticas” Toren considera “supostas resoluções que sugerem uma interação recíproca entre biologia e cultura, indivíduo e sociedade, corpo e mente”, mas sem lugar para transformações, “exceto como função de um encontro com forças externas” (Toren 1999:4). A separação entre biologia e cultura tem conduzido, segundo Toren, a considerações que “cada um de

nós é um indivíduo, o que significa que deve existir uma outra força – sociedade – que nos une. E porque parece que a mente está no domínio da cultura essa pode ser, em teoria, abstraída dos corpos de tal maneira que mente e corpo são analisados como se fossem entidades separadas, em relação dialética um com o outro” (Toren 1999:4). Toren é contra essa ideia de uma relação dialética. Sua teoria é a de que as pessoas tornam-se em quem são através de um processo de “autopoieses”, que ela explica como sendo a auto-produção, auto-criação da pessoa. O conceito de autopoieses de Toren baseia-se nos estudos de Humberto Maturana e Francisco Varela, segundo os quais cada pessoa se constrói a si mesmo através de sua vida, mesmo que em relações com outras pessoas, num processo de construção que é único e diferenciado. Dessa maneira, Toren percebe que esse processo de tornar-se uma pessoa não pode ser entendido pela socialização, e sim pela autopoiese e ontogênese. No curso de uma vida, a pessoa entra em relacionamentos vários e com isso ela passa a entender o mundo (adquire conhecimento) de acordo com sua experiência. Toren explica que esse processo de entendimento do mundo é o aspecto psicológico da autopoiesis humana, é uma função humana que é independente da consciência da pessoa (Toren 1999:8).

Ao buscar em Piaget a referência para este argumento, Toren explica que as crianças iniciam sua vida com apenas alguns comportamentos reflexos e as estruturas psicológicas diferenciais que governam esses comportamentos. Para a autora, alguns fatores no aprendizado levam as pessoas não só a assimilarem e repetirem os processos, como também a criarem nessa reprodução novos objetos que incorporam ao aprendizado, criando um esquema de assimilação. De acordo com Toren, a assimilação – como processo comum a todas as formas de vida – é a fonte das relações contínuas, das conexões funcionais; “assimilação é o aspecto funcional da formação estrutural que intervém em cada caso particular da atividade construtiva e que mais cedo ou mais tarde levará a uma mútua assimilação das estruturas uns dos outros, estabelecendo conexões inter-estruturais ainda mais íntimas” (Toren 1999:10).

Para Toren esse modelo será melhor ajustado a uma abordagem antropológica da pessoa se incluir o conceito da intersubjetividade, pois, segundo Toren, a intersubjetividade acrescenta a esse modelo um significado não só do que uma pessoa faz do mundo, mas o significado já feito por outros. Ao incorporar a intersubjetividade no modo como as pessoas formam seus significados, as pessoas estão incorporando o significado já feito por outros antes dela (Toren 1999:13,14). Interpretando também o pensamento de Merleau-

Ponty, Toren considera que essa transformação não é algo externo, mas interno, não é uma pressão do ambiente, pois ela considera que as transformações ocorrem primeiramente na mente das pessoas, e esta é constituída ao longo do tempo nas relações intersubjetivas com os outros. (Toren 1999:11). Seguindo essa linha de pensamento, as relações entre as pessoas necessitam primeiramente de uma autoconsciência de si mesmo (*self-conscious awareness of oneself*) no mundo, e segundo Toren, essa é a ideia de Merleau-Ponty de intencionalidade, ou seja, “intencionalidade denota um modo de ‘estar no mundo’ que, no caso dos humanos, está na sua natureza histórica, porque o ser humano estando-no-mundo significa a consciência não somente de viver no mundo, mas especificamente de se refletir a si mesmo no mundo.” (Toren 1999:14). A ideia da intencionalidade de Merleau-Ponty acrescenta ainda a ideia de que a consciência é um fenómeno material e que aquilo que é tomado por garantido (sistema de crença ou modelo cultural) é trazido pela experiência vivida do mundo e de nós mesmos: “é porque o mundo é o que eu vivi que podemos afirmar com confiança a realidade da nossa própria experiência e entender que os outros também podem experimentar o mundo como nós o fazemos” (Toren 1999:15). Apesar de ser uma pessoa a construir sua história, é preciso lembrar que o ser humano ainda é um ser social e, portanto, as relações com os outros são cruciais para o processo autopoiético humano.

Esta intersubjetividade é vista por Toren como algo primordial na condição humana. O entendimento mútuo é suficiente quando nos reconhecemos a nós mesmos como seres humanos. Ao nos vermos como seres humanos nos aproximamos do outro e não podemos deixar de conectar outros no processo de nos tornarmos quem somos. Os seres humanos, como tal, possuem emoções e condições que são compartilhadas e reconhecíveis e que os unem. “Nós literalmente incorporamos nossa história, que é a história de nossas relações com todos aqueles que encontramos nas nossas vidas. E através deles nós vamos ao encontro da história deles também, e não só a deles, mas as histórias de todos os outros que eles encontraram.” (Toren 1999:2) Para Toren, as relações que temos desde nosso nascimento com família, amigos, conhecidos, através dos média e das instituições têm informado (e formado) o nosso processo de ser.

Contrariando as ideias clássicas sobre socialização que sempre estiveram presentes nas ciências sociais, essa teoria pode ser considerada em oposição à ideia de que as crianças simplesmente tornam-se aquilo que seus pais já são, ao adquirirem os sentidos que os adultos já fizeram antes deles. Segundo Toren as teorias da socialização são a-históricas,



e já foi demonstrado que as crianças não adquirem simplesmente os conhecimentos passados a elas, mas que os processos através dos quais elas se tornam adultas são fundamentalmente abertos (Toren 1999). A pessoa se torna como um “agente ativo”, como coloca Viegas (2007) “um ser-no-mundo consciente e dependente dos outros para fazer sentido sobre si próprio” (Viegas 2007:16).

Toren propõe, deste modo, que o ser humano deve ser pensado como um “modelo unificado” (*unified model*) (Toren 2011:3). Neste modelo unificado o ser humano não é pensado como um “dispositivo de processar informações”, que, portanto, reproduziria os modelos sociais através das gerações, mas “nossa singularidade em cada caso é percebida no fato de que cada um de nós tem uma história pessoal que faz de nós quem somos” (Toren 2011:4). Quando alguém se apercebe de algo que um outro já tinha notado, essa percepção se torna nova, introduzindo diferenças sutis ou muito originais. Essa perspectiva é histórica porque permite uma análise para acomodar a natureza material das relações sociais e lidar com a continuidade e mudança. Toren propõe a ideia do indivíduo como uma pessoa particular, com uma história particular que age sobre sua própria história e a partir da sua ação sobre outros e dos outros sobre ele. “Durante toda nossa vida, nosso envolvimento ativo no mundo das pessoas e coisas efetua uma diferenciação continuada dos processos através dos quais sabemos o que sabemos. Os processos da mente são sujeitos tanto às mudanças quanto à continuidade” (Toren 2011:6).

O contributo desta proposta de Toren para pensarmos a cultura das pessoas nos contextos de vivência de TCKs, está em nos levar a focalizar o modo como as pessoas irão formar suas identidades pessoais. Embora Christina Toren não trate do assunto da formação da pessoa a partir de uma referência direta com a globalização, podemos perceber que suas considerações não estão em oposição com os autores que partem da globalização para estudarem a questão da formação da identidade. Toren compreende que a formação da pessoa se dá em um processo relacional e intersubjetivo e que as pessoas são construídas durante toda a vida nesse processo com o outro. A identidade pessoal estará sempre em processo de construção, podendo ser construída em contextos variados, formando pessoas singulares.

## **2. Identidade: do sujeito unificado ao sujeito fragmentado**

Após refletir sobre a formação da pessoa diante do contributo de Toren, devemos ter em mente que tradicionalmente a formação da pessoa passa pelo entendimento de que o

indivíduo será socializado dentro de um contexto fixo, tanto localmente quanto culturalmente. Entretanto, como já foi visto, essa não é uma realidade para as pessoas que crescem em um contexto transnacional. Devemos então olhar para o processo de formação da pessoa de maneira a incluir essas características particulares na formação de sua identidade pessoal. É dessa maneira que as teorias de Giddens e Hannerz nos são úteis. Quando observadas em conjunto é possível verificar muitas similaridades entre a teoria de Toren e as ideias de Giddens e Hannerz sobre a formação da identidade, por isso considero esses três autores como complementares para explicar o processo de formação da pessoa no contexto de alta mobilidade.

O que nos interessa na teoria de Giddens sobre o indivíduo da modernidade tardia é que, em sua percepção, a busca da identidade pessoal é um problema moderno. Ele indica que não existe mais o pensamento de que a pessoa tem um caráter único, e por isso Giddens indica que o sujeito da modernidade tardia – que ele identifica como *self* – tornou-se em um projeto reflexivo que deve “ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de ligação entre a mudança pessoal e a mudança social” (Giddens 1994:29). Para esse autor, o indivíduo irá refletir sobre si mesmo e ao mesmo tempo irá construir a sociedade onde está inserido a partir de suas reflexões pessoais. Nesse contexto a identidade estará conectada com as escolhas que o indivíduo pode fazer, ao contrário do que acontecia antes, quando a tradição ordenava a vida quotidiana, recriando hábitos para os indivíduos. Na modernidade tardia as escolhas determinam os indivíduos e os levam a estilos de vida diferenciados. Nesse contexto que Giddens aponta, a pessoa adota a identidade que melhor satisfaz sua narrativa pessoal a partir das relações sociais que a pessoa irá experimentar. Sendo assim, as pessoas vivem em ambientes de relações sociais que são mais segmentados e diversos, as crenças e as autoridades e até mesmo a ciência são postas em causa diante de tanta diversidade e relatividade, criando uma “dúvida metodológica” que irá influenciar as escolhas que os indivíduos fazem e, consequentemente, que tipos de vida querem viver (Giddens 1994:75).

Nesse sentido as ideias de Giddens são similares às de Hannerz, que indica que todas as pessoas “gerenciam os significados” a partir de onde se encontram nas estruturas sociais. O indivíduo experimentará e se envolverá nos significados que as pessoas fazem, e embora ele não seja apenas recipiente passivo dos significados que estão ao seu redor, ele responde constantemente aos significados que são feitos pelos outros de diversas maneiras, podendo ignorar, comentar, opor-se, ou aceitar o significado feito pelo outro e adquiri-lo

para si (cf. Hannerz 1992:14). Nesse ponto, Hannerz faz uma consideração parecida com a de Toren sobre o experimentar das circunstâncias, e como as pessoas respondem aos significados que os outros fazem de si mesmo.

Como em um contexto transnacional os contextos sociais mudam constantemente, esse gerenciamento dos significados irá acontecer constantemente, fazendo do processo reflexivo do indivíduo uma forma constante de mudanças. De acordo com Hannerz as pessoas estão cercadas por um fluxo de significados externos, culturalmente moldados que influenciam suas experiências e intenções. Ele não indica porém que o indivíduo é mero recipiente passivo dos significados ao redor, mas que ele forma uma concepção própria do mundo, “ele está ativamente envolvido em lidar praticamente, intelectualmente e emocionalmente com sua situação particular” (Hannerz 1992:65).

A estrutura social é importante nesse processo porque, de acordo com Hannerz, os significados feitos pelas pessoas vão depender das funções ou papéis (*role*) que as pessoas estarão desenvolvendo, numa variável que passa pela questão de gênero, idade, ou etnicidade, fazendo com que o indivíduo final seja construído a partir da junção do repertório de todos os papéis em sua vida, uma construção de uma perspectiva acumulada através das experiências prévias, formando uma “estrutura biográfica” (Hannerz 1992:66). Novamente o discurso de Hannerz lembra a “história de vida” discutida por Toren.

Dessa maneira, Hannerz explica que hoje em dia há pessoas que constroem suas perspectivas de fontes mais distantes de sua própria localidade, formando “redes de perspectivas”. Hannerz não está tratando aqui da importância que o local tem para a construção da identidade, mas das várias maneiras que uma pessoa tem para relacionar as perspectivas que farão parte de seu processo cultural. Para Hannerz essa construção não está alienada da questão cultural, pois o indivíduo é construído dentro de um processo cultural ao mesmo tempo que constrói esse processo. É dessa forma que pode-se compreender a formação de uma cultura transnacional, pois os indivíduos que vivem esse estilo de vida estarão sempre formando suas perspectivas em um ambiente onde outras perspectivas diferentes foram formadas anteriormente e onde os papéis sociais são essencialmente parecidos, como é o caso dos expatriados. Hannerz indica que:

“À medida que as redes de perspectivas vão sendo formadas, há uma tendência a focalizar a atenção na “cultura” como um marcador de grupos. Na “política de identidade”, nos debates sobre o multiculturalismo, em muitos contextos de “estudos culturais”, o termo se

tem tornado basicamente um fundamento para a formação e a mobilização de grupos, geralmente implicando pertencimentos atribuídos.” (Hannerz 1992:16).

Hannerz usa essa passagem para mostrar como a identidade cultural pode levar ao reforço das diferenças sociais e à criação de exclusões sociais, mas ao mesmo tempo, quando analisamos essa questão pensando nos grupos formados pela “terceira cultura”, podemos verificar a forma como esses grupos identificam-se e criam uma forma de expressar o sentimento de pertença dentro do grupo.

Em suma, o que importa sublinhar a partir das reflexões de Giddens e de Hannerz é que a identidade pessoal não deve ser vista como algo fixo e duradouro que existirá como parte de uma identidade cultural homogênea e nacional, mas ela é construída em um processo de relacionamento entre as pessoas que se encontram participantes de um mesmo processo cultural, a partir de diversos valores existentes nesse meio social. Ao mesmo tempo, o processo cultural será o resultado da reflexão que essas pessoas farão de si mesmas e dos outros, num processo complexo mas contínuo de inter-relacionamento. O que estas três reflexões teóricas sobre identidade nos dizem à propósito do contexto de formação dos jovens que vivem em constante mobilidade transnacional é que a identidade será formada num meio cultural variado. A forma como a identidade pessoal é construída, portanto, está relacionada tanto com a história pessoal de cada um como também com o ambiente em que a pessoa vive, numa relação de interdependência que não pode ser separada.

### **3. O aspecto da localidade na formação da identidade pessoal**

A partir das considerações teóricas dos autores apresentados, foi possível perceber como a formação da pessoa pode ser considerada como um processo de construção que envolve não somente a construção da identidade pessoal a partir de um processo autopoiético como também é um processo que depende das relações sociais que fazem parte da vida da pessoa. Em um contexto transnacional, como é o caso dos TCKs, essas relações sociais se formam em comunidades que procedem a mobilidades cíclicas entre lugares diferentes. Como essa mobilidade cíclica entre lugares diferentes vai afetar a construção da identidade desses jovens ela deve que ser pensada também a partir dos processos de construção da identidade numa determinada localidade. Como já mencionei anteriormente, alguns autores que escrevem sobre as movimentações transnacionais o fazem do ponto de vista de

emigrantes, exilados e sobre expatriados que vivem em intensa mobilidade transnacional, sendo poucos os que estudam este assunto sob o ponto de vista dos TCKs.

O sentimento de pertença e identidade sempre esteve ligado ao conceito de que um grupo de pessoas que vive em um determinado território compartilha uma determinada cultura, criando uma identidade cultural que estará sempre relacionada com o espaço físico e com a pertença a esse espaço, levando a uma expectativa de que a cultura está enraizada em um território e criando os termos que são tão comuns à nossa realidade como “cultura americana” ou “cultura indiana” (Inda e Rosaldo 2002, Gupta e Ferguson 1992). Nesses contextos o território nacional seria considerado como o espaço onde as memórias e as organizações sociais são inscritas e as identidades são formadas. Como estaria ligada à noção de uma cultura nacional, a reflexão sobre a identidade pessoal ficaria aproximada de maneira intrínseca à questão da identidade nacional.

Esse pensamento foi por muito tempo predominante nos meios acadêmicos. Ao escrever sobre a razão dessa predominância quando estuda a relação entre a territorialidade e a identidade pessoal, a antropóloga Liisa Malkki (1992) considera que o conceito metafórico do “enraizamento” das pessoas é um conceito que precisa ser revisto na antropologia e “desnaturalizado”. Em sua análise sobre o assunto, Malkki considera que há um entendimento geral que é refletido nos discursos sobre nacionalismo de que a identidade de uma pessoa está *naturalmente* conectada com o território. Segundo a autora, o termo “nação” pode tanto significar o “país” como a “terra” ou o “solo”. A autora procura demonstrar através de uma breve análise que a territorialização é um conceito expresso até mesmo na língua (inglesa) – com o uso dos sufixos em inglês *land* estando conectado com o sentimento de pertença coletiva como em *homeland*, e também nos nomes de países: *England, Switzerland, Thailand*, ou designação de povos e culturas: *Nuerland, Basutoland, Nyasaland*” (Malkki 1992:26). Além disso, Malkki explica que a naturalização da ligação entre pessoas e lugares é concebida especificamente em metáforas botânicas, com as pessoas a considerarem que sua identidade deriva de um enraizamento naquele lugar. Malkki explica que as metáforas sobre parentesco e lar também são territoriais, pois elas procuram denotar uma ligação natural entre “a mãe-terra” (*Motherland*) e o indivíduo: “*Motherland* e *Fatherland*, à parte de qualquer outra conotação histórica, sugerem que cada nação é uma grande árvore genealógica, enraizada no solo que a alimenta. Por implicação, é impossível pertencer a mais que uma árvore. Essa árvore evoca tanto uma continuidade temporal da essência quanto o enraizamento

territorial” (Malkki 1992:28). Como consequência dessa territorialização, criou-se uma naturalização do “nativo” e o “encarceramento” das pessoas nos lugares. Segundo Malkki, esse encarceramento foi por muito tempo uma virtude romantizada e heroicizada, valorizando as raízes, uma visão que ainda persiste nos discursos hegemônicos da sociedade: a normalidade é possuir “raízes”. Malkki ainda explica que a prática social e a linguagem refletem essa naturalização da relação que as pessoas têm com o lugar, criando um “sedentarismo peculiar” que irá territorializar nossa identidade. A consequência disso, segundo a autora, é que qualquer deslocação de território é vista como uma patologia.

Embora a autora esteja a escrever no contexto dos refugiados e faça essa análise tomando como exemplo essa problemática específica, não podemos deixar de perceber que a relevância do discurso hegemônico da fixação territorial não é exclusivo para considerar os casos dos exilados. Basta um olhar para as problemáticas levantadas pelos autores que escrevem sobre TCKs para ver essa mesma situação sendo experimentada por pessoas que vivem em contexto de mobilidade. O próprio fato de que grande parte dos autores que escrevem sobre TCKs o fazem sob o ponto de vista psicológico – no sentido de ajudar o ajustamento desses jovens aos contextos culturais variados – faz-nos concordar com Malkki quando diz que “nossa suposição sedentarista em relação à ligação com o território leva-nos a definir o deslocamento não como um fato de contexto socio-político, mas como uma condição interior e patológica do deslocamento” (Malkki 1992:33). Fica claro então, que a visão normalizada pela sociedade é de que o “correto” é ser fixo e possuir “raízes”, enquanto a movimentação passa a ser vista pela sociedade como o fator desviante.

Magdalena Nowicka também critica as teorias segundo as quais a mobilidade virtual e física e a territorialidade devem ser colocadas em lados opostos como se fossem excludentes: “a inserção no espaço tem sido associada com a fixação territorial e a mobilidade com a falta de fixação” (Nowicka 2006:18). Essa autora considera importante perceber que, por causa da globalização, as relações espaciais são particularmente transformadas. Nas últimas duas décadas, segundo Nowicka, esforços tem sido feitos para buscar um entendimento que seja capaz de resolver esse dualismo entre o local e o global. Um dos esforços apontados por Nowicka é o rompimento da “ortodoxia territorial”, que requer uma redefinição dos limites e “um abandono das categorias e escalas local-regional e nacional-global” (Nowicka 2006:21,22). Isso implicaria, segundo Nowicka, em novas formas de analisar as ordens socio-espaciais e de transformações dos limites (territoriais), mas sem significar o desaparecimento destes.

Para Nowicka é preciso entender que houve uma mudança na forma como as pessoas passam a perceber os espaços, de “um nacionalismo metodológico para uma metodologia cosmopolita” (Nowicka 2006:22,23), ou seja, o “nacionalismo metodológico” envolve um entendimento de que a cultura é definida pelo território, levando à falsa ideia da “uniformidade universal” (*universal sameness*). Já a “metodologia cosmopolita” é uma perspectiva que permite que se vá além da visão dos espaços fragmentados em Estados-Nação e da fixação territorial da cultura e das pessoas. Nowicka ainda afirma que esse não é o caso de oposição à territorialidade, ao controlo territorial, mas que as relações espaciais são transformadas. Nowicka contrapõe-se aos argumentos de que pessoas que vivem em mobilidade são pessoas “desenraizadas” e “deslocadas” e portanto de que as suas vidas serão um exemplo da dissociação entre território, cultura e identidade.

Easthope (2009, 2004) também vai no mesmo sentido, defendendo ser preciso ter cuidado com os estudos que consideram que a localidade não possui nenhuma relevância para a construção da identidade. Em seus estudos sobre jovens tasmânicos retornados, a autora considera possível entender a identidade em termos simultaneamente de lugar e mobilidade. As pessoas podem ter suas identidades fortemente marcadas tanto pela mobilidade quanto pela ligação com o lugar, significando que esses dois modos de entendimento da construção da identidade não são exclusivos. Easthope explica que o lugar (*place*)<sup>7</sup> não existe sem o corpo físico da pessoa, pois o ser humano sempre terá algum tipo de ligação com o mundo físico através do corpo. Apesar de notar que autores como Giddens não contradizem essa colocação, a autora considera que a diminuição da importância do lugar por alguns autores pode levar ao pensamento incorreto de que a ligação ao lugar perdeu a importância na formação da identidade: “o apego ao lugar deve existir de alguma forma e deve impactar nossas identidades, desde que existimos como seres com corpos” (Easthope 2009:66). Easthope explica que é através do nosso corpo que experimentamos o mundo ao nosso redor, portanto o lugar não pode ser algo experimentado apenas subjetivamente. Pelo contrário, ele é influenciado por realidades físicas, econômicas e sociais. Nesse sentido a identidade é ligada ao lugar por duas formas: pela ligação com o lar (*home*) – onde existe um forte sentimento de pertença; e através dos sentimentos que encontram “uma ancoragem em coisas e lugares” (Easthope 2009:71). Como resultado, os sentimentos, as memórias, as sensações que o corpo percebe, sejam

---

<sup>7</sup> Hazel Easthope considera neste texto que *place* não tem o mesmo sentido de *space*, pois o *space* pode existir independentemente das pessoas, mas que *place* é uma construção sociológica.

eles um cheiro, uma comida ou uma paisagem, serão responsáveis por construir memórias e consequentemente um sentimento de pertença àquele determinado lugar. Easthope explica que esses sentimentos de pertença aos lugares e ao lar (*home*) são responsáveis também pelo sentimento de identidade coletiva – como no caso da nacionalidade. Mesmo nesses casos, segundo a autora, a ligação com o lugar precisa ser considerada a partir da experiência do corpo.

Easthope nesse ponto parece concordar com Toren ao citar Merleau-Ponty e Heidegger quando menciona que nossa relação com o mundo é através do corpo e que, portanto, nossa forma de estar-no-mundo e quem nós somos é influenciado pelos nossos relacionamentos através do nosso corpo (Easthope 2009). É através do corpo e dos hábitos do cotidiano que as pessoas vão construir as relações com as pessoas e os lugares. A conclusão da autora é, portanto, que as pessoas sentem-se “em casa” nos lugares onde elas desenvolvem seu *habitus*<sup>8</sup>.

Giddens também considera que as rotinas adquiridas nos primeiros anos de desenvolvimento de uma pessoa são muito mais do que um ajustamento a um mundo externo: elas são a aceitação emocional da realidade desse mundo externo, e uma das origens da “auto-identidade” (Giddens 1994:37). O sentimento de pertença é, portanto, ligado ao lugar através de uma vivência, mas essa vivência não depende desse lugar para existir, pois pode ser construída em outro local, a partir de outras experiências que as pessoas possam vir a ter. No contexto dos jovens que vivem em constante mobilidade, a formação da identidade não pode, portanto, descartar a influência do local nesse processo.

O que aparentemente se torna uma contradição – entre os autores que afirmam que a experiência vivida entre vários países irá causar uma desterritorialização que enfraquecerá os laços nacionais e os autores que afirmam que a localidade é importante para a formação do sentimento de pertença – pode ser entendido como complementares quando percebemos que a primeira situação se dá no campo da fidelidade das pessoas aos aspectos político-sociais ligados aos Estados-Nação, conforme tratam Inda e Rosaldo (já mencionado no capítulo II), enquanto a segunda situação tem relação com o sentimento de pertença construído a partir das relações interpessoais vividas por elas em lugares particulares. Não são, portanto, fatores excludentes, e sim complementares.

---

<sup>8</sup> A autora faz uso da teoria sobre o espaço/lugar (*place*) de Casey e Heidegger com o conceito de *habitus* de Bourdieu, propondo que “este termo pode ser usado para explicar o relacionamento entre *self* e *place*” (Easthope 2009:74).



Todas essas considerações sobre a formação da pessoa e a identidade pessoal me levam a perceber como os TCKs formam suas identidades dentro desse contexto de mobilidade transnacional. A complexidade de sua rede de relacionamentos providencia um contexto cultural variado, dentro do qual o processo cultural irá ser continuamente construído por esse jovem, ao mesmo tempo em que construirá sua identidade. O modo como o jovem lida com esse processo de formação de sua identidade e com o contexto cultural faz a diferença na formação de seu ser como pessoa. No caso dos TCKs esta aparente contradição entre um sentimento de não pertencer a lugar algum e a vários lugares pode ser explicado a partir das reflexões apresentadas neste capítulo. Por construírem sua identidade entre tantos territórios a fidelidade a uma só Nação pode vir a ser diminuída, mas ao mesmo tempo, esta mesma experiência de vida em muitos lugares diferentes irá construir memórias que serão essenciais na formação da identidade e do sentimento de pertença destes jovens.

No próximo capítulo apresento alguns jovens e parte de suas famílias que compõem esse universo de alta mobilidade transnacional e que servem como base para este estudo exploratório sobre TCKs.

## CAPITULO IV

### Estudos dos casos dos TCKs

Neste capítulo faço uma apresentação de um universo de pessoas que constroem suas identidades e formam-se como pessoas transitando entre países. As entrevistas compõem um estudo exploratório sobre essa categoria específica. A intenção é analisar os contextos das histórias dessas pessoas diante das teorias propostas neste trabalho. No curso desta pesquisa deparei-me com várias situações e questionamentos sobre a formação das pessoas que vivem em contexto transnacional, e no decorrer do processo verifiquei que uma forma de fazer este estudo exploratório sobre TCKs seria entrando em contato com jovens que têm este modo de vida. Para as entrevistas procurei pessoas que pudessem fazer parte da categoria de TCKs e compreendi que, para entender melhor as histórias que me seriam contadas por esses jovens, era importante também entrevistar um dos pais para que um olhar maior sobre a história de vida dos jovens pudesse ser adquirido. Também considerei nesse processo que seria muito importante verificar como se dá o entendimento do processo de contínua mudança na vida dos jovens e dos adultos a fim de fazer uma verificação do significado que cada um fazia do processo em que estão inseridos mutuamente. Na falta de uma metodologia mais participativa na vida desses jovens – por motivos que já foram mencionados na introdução deste trabalho – também considerei importante apresentar a história de uma família com quem tive um contato mais duradouro, e com quem esse contato anterior me permitiu observar algumas questões sobre o assunto de TCK. Essa será a última família a ser apresentada para fins de análise deste trabalho.

Em um primeiro momento procurei entrevistar jovens de uma escola internacional que poderiam se encaixar no perfil de TCKs. Fiz duas entrevistas coletivas com os alunos de uma escola internacional. Na primeira estavam presentes 11 alunos com idade entre os 12 e os 17 anos. Na segunda entrevista coletiva estiveram presentes apenas quatro jovens dessa mesma escola, que foram identificados pelo professor do *High School* como mais próximos do perfil de TCKs. A identificação foi feita pelo professor com base no perfil que eu lhe apresentei do que vem a ser um TCK. Mais adiante explico mais detalhadamente essa questão. Em um terceiro momento identifiquei dois alunos do segundo grupo entrevistado que realmente estavam dentro do perfil de TCK apresentado por David Pollock e Ruth Van Reken. A partir daí entrei em contato com as mães desses alunos para uma futura entrevista com elas. O motivo de entrevistar as mães era o de procurar

identificar como foram construídas as histórias das famílias no processo de mobilidade transnacional. A terceira família representada nas entrevistas é a que conheço há mais tempo e com quem tenho contato frequente. Essa família é composta de seis membros, mas a entrevista foi feita com a mãe, que está residindo em Londres, e uma das filhas, que reside em Edimburgo, Escócia. Essas entrevistas foram feitas por *Skype* e *e-mails*. O contributo que essa entrevista traz para este trabalho está no fato de que essa família tem o perfil de uma família de TCKs – de acordo com o perfil elaborado tanto por Useem como por Pollock e Reken. Além disso, o fato de ter tido contato por três anos com essas pessoas foi importante para perceber não só alguns aspectos da vida de uma família que vive esse estilo de vida, como também possibilitou várias conversas entre nós, ao longo do tempo, sobre como educar filhos nesse contexto. A apresentação esquemática dos vários “estudos de caso” ficou da seguinte maneira:

- Entrevista coletiva com os alunos da Escola Internacional e suas aproximações ao perfil dos TCKs;
- Estudo dos casos de dois alunos da escola e suas famílias (a família de Joana e a família de Olívia);
- Estudo de caso de uma família com duas gerações com experiência transnacional a residir no Reino Unido (a família de Lara e Elis).

Penso ser importante esclarecer que, durante o tempo em que estive envolvida na pesquisa, por ter escolhido uma escola internacional à qual estou ligada pessoalmente, defrontei-me com situações que nos remetem mais uma vez à questão da intensidade do envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo. Em várias ocasiões sociais que envolveram a escola, sejam elas festas, reuniões ou mesmo conversas informais nos portões à saída da escola, obtive informações que foram importantes no processo de análise das entrevistas e que contribuíram para uma melhor compreensão de alguns aspectos das vidas dessas pessoas. Devo mencionar que em uma dessas ocasiões durante o processo de pesquisa, ao ter conhecimento de que eu estava a pesquisar sobre TCKs, uma professora da escola me convidou para falar em uma reunião de mães sobre os desafios e privilégios de criar filhos fora do país de origem. Nesse caso específico a minha presença naquela reunião não foi a do pesquisador, mas a de uma “mãe de aluno” – mesmo que com certo conhecimento que era diferencial. As conversas que surgiram daquela reunião contribuíram para a percepção de algumas situações que envolviam alguns dos alunos

entrevistados por mim, principalmente aqueles cujas mães também foram entrevistadas. Não posso, portanto, dar crédito somente às entrevistas que fiz pela percepção e pelas colocações que faço no decorrer da pesquisa. Algumas conversas informais foram responsáveis por *insights* que nos mostram que os instrumentos para se fazer pesquisa são necessários, mas não são de todo a única forma de compreender os relacionamentos humanos.

Ao todo a pesquisa aconteceu em um período de cinco meses a partir do primeiro contato até a realização da última entrevista. O primeiro contato deu-se em novembro de 2011 e a primeira entrevista aconteceu em dezembro do mesmo ano. A última entrevista realizou-se em março de 2012. A demora na realização das entrevistas se deve ao processo de contato com a escola e com a disponibilidade dos professores, alunos e mães dos alunos para a realização das entrevistas. Apresento todos os guiões que utilizei para fazer as entrevistas em anexo (anexos de 2 a 7). Utilizei vários guiões pois à medida que fazia as entrevistas adaptei as perguntas a cada família em especial e a cada situação que me era apresentada na entrevista anterior e que me levava a repensar alguns questionamentos que pareciam ser importante relacionar. A seguir passo a discutir cada um dos aspectos a serem considerados neste processo de levantamento de dados de pesquisa.

### **1. Escola Internacional: o lugar de encontro dos TCKs**

A Escola Internacional onde foram realizadas as pesquisas com os jovens é uma escola pequena, com cerca de 50 alunos, situada no Concelho de Cascais, no Distrito de Lisboa, Portugal. Sendo uma entre várias escolas internacionais na área de Sintra e Cascais, essa escola foi criada em 1980 para servir a comunidade cristã internacional, estando diretamente ligada a uma Igreja Cristã Internacional. Como qualquer escola internacional, há nesta escola alunos de vários países. No ano em que realizei a pesquisa havia alunos originários do Brasil, Angola, EUA, Dinamarca, Nigéria, Espanha, Itália, Alemanha, África do Sul e Grécia, entre outros. Os alunos dessa escola em particular são geralmente filhos de militares da NATO que estão de serviço em Portugal, Diplomatas, Missionários e outros profissionais estrangeiros.

As escolas internacionais têm uma grande influência na formação da identidade dos jovens TCKs. Diferentemente dos outros estrangeiros que estão no país por tempo indeterminado, os filhos dos expatriados esperam ficar somente por um determinado número de anos, e por este motivo os pais preferem que seus filhos tenham uma educação

que seja continuada em apenas uma língua. Por esse motivo a maioria dos expatriados procura colocar seus filhos em escolas que tenham uma origem em seu país ou na falta destas, em uma escola internacional. Como são escolas particulares, o valor das propinas é um indicador da situação social das famílias, pois não é acessível a qualquer estrangeiro no país, somente àqueles que tenham condição de manter seus filhos nestes estabelecimentos. Assim, os alunos destas escolas são geralmente jovens, filhos de expatriados, que vão fazer parte de uma comunidade de pessoas que possuem muitas semelhanças em suas histórias de vida. Este contato contínuo dos jovens com outros que fazem parte de um mesmo “grupo” vai ser de muita importância na formação da identidade dos jovens TCKs.

O contato com a escola se deu através de seu diretor, C. Silva<sup>9</sup>, que permitiu que a escola fosse utilizada para as entrevistas. Com relação aos alunos, o Sr. Silva pediu apenas que não fossem revelados os nomes verdadeiros dos alunos por motivos de segurança, já que muitos pais trabalham para a NATO ou para embaixadas e não querem ter divulgadas informações sobre suas famílias. Além disso ele não permitiu que fossem feitas entrevistas individuais com os alunos, somente em grupo, e não permitiu o uso de nenhum tipo de gravação sonora ou de vídeo. Com a minha garantia de que não revelaria os nomes das famílias ou informações pessoais sobre suas carreiras, ele permitiu as entrevistas e me forneceu o contato dos professores para que eu pudesse marcar uma data para as entrevistas. Também penso ser importante explicar que as entrevistas foram conduzidas em inglês<sup>10</sup>, mesmo no caso dos estudantes que falam português.

No princípio contactei o professor responsável pela turma de *High School* e expliquei minha intenção e o motivo das entrevistas. Ele se mostrou aberto para preparar a reunião para um dia em que a classe tivesse um tempo de *Chapel*, que são reuniões onde se fazem palestras motivacionais para os alunos. Essas reuniões acontecem todas as sextas-feiras, com duração de uma hora, e o professor sugeriu que a entrevista fosse feita com os alunos do *High School* e do *Junior High* porque compreendiam as idades que lhe havia comunicado serem relevantes para o meu estudo: jovens entre os 12 e os 17 anos. Trocamos vários *e-mails* para acertar os detalhes e combinamos que eu teria essa hora para

---

<sup>9</sup> Todos os nomes das pessoas nesta dissertação foram modificadas para manter a privacidade dos entrevistados.

<sup>10</sup> Todas as citações das entrevistas foram traduzidas por mim para o português, com exceção das citações que considero terem um sentido mais específico em inglês, e por isso mantive a citação na língua original. Como não possuía meios de gravar o que os alunos falavam, as citações que aqui apresento aqui foram anotadas tentando reproduzir com fidelidade o que ia ouvindo.

fazer a entrevista. Também acertamos que eu iria apresentar um vídeo sobre TCKs, depois do qual eu poderia fazer a entrevista com os alunos<sup>11</sup>.

A reunião aconteceu logo após o recesso do almoço, quando os jovens estavam retornando aos poucos para a sala de aula. A reunião teve duração de uma hora. Para esta reunião juntei alunos das duas turmas, o *High School* e o *Junior High*, num total de 13 alunos na sala, 11 meninos e 2 meninas. Havia 5 alunos nigerianos, 2 alunos luso-americanos, 1 americano (filho de pais americano e espanhol), 2 alunas luso-cabo-verdianas, 1 angolano, 1 sul-africano e 1 brasileiro. Comecei a reunião me apresentando e dizendo o motivo da minha presença ali. Logo depois coloquei o vídeo para assistirem.

Este vídeo de cerca de oito minutos que utilizei, *Les Passagers – A TCK Story*, é um pequeno *trailer* de um filme que está sendo feito a pedido do Governo Francês e que trata da questão dos TCKs, quem são, o que pensam e como vivem. Baseado em vários depoimentos de jovens adultos que se identificam como TCKs, o *trailer* explica em poucos minutos várias questões com as quais os TCKs se identificam, como a questão da pertença e do sentimento de se sentirem em casa em qualquer lugar e das dificuldades em fazer amigos. Minha intenção ao mostrar o vídeo era fazer com que os alunos entendessem o perfil de um TCK a partir das colocações que foram apresentadas no vídeo, e com isto procurar saber se os adolescentes na reunião conseguiam se identificar com as pessoas no vídeo (visionar o vídeo – Anexo 1).

Após assistirem ao vídeo, apresentei-lhes o que se vinha a entender como um perfil de um TCK e prossegui a reunião fazendo perguntas e tentando a participação dos alunos. Tinha levado comigo um guião para a entrevista (anexo 2) que preparei baseado nas leituras que fiz sobre TCKs e nas questões que são comumente atribuídas aos desafios e benefícios de uma vida como TCK. As perguntas relacionavam-se com o fato de transitarem entre diversos países, nomeadamente sobre como faziam e mantinham amigos, sobre a participação deles na vida local nos países onde viveram, que lugar esses jovens consideravam como seu lar, entre outras perguntas. Comecei perguntando se os alunos se identificavam com os jovens que eles viram no vídeo. A maioria dos alunos disse não se identificar com o vídeo, somente uns quatro se identificaram. Para facilitar a compreensão de tudo o que percebi, vou dividir os alunos em dois grupos: o primeiro grupo dos alunos

---

<sup>11</sup> O vídeo encontra-se como anexo no CD de apresentação desta dissertação. Seria útil ser visualizado pelo leitor da Tese no momento que irei oportunamente assinalar no texto. Caso não seja possível visualizar o vídeo no CD, pode-se tentar o acesso ao *link*: [http://www.youtube.com/watch?v=FouOIB\\_AAFw](http://www.youtube.com/watch?v=FouOIB_AAFw)

que não se identificaram com o perfil dos TCKs (NIP) e o segundo grupo dos alunos que se identificaram com o perfil (IP).

Durante toda a reunião me chamou a atenção a falta de interesse de alguns alunos, que logo depois eu viria a concluir serem os que não se identificaram com aquele perfil dos TCKs (o Grupo NIP). Alguns deles levantaram-se várias vezes durante a conversa e, sem pedir a autorização do professor, tentavam sair da sala. Por duas ou três vezes o professor teve que colocar ordem na turma para que eles parassem de conversar entre si. Tentei manter a reunião o mais informal possível para conseguir as informações, e tentei por várias vezes fazer com que todos respondessem, mas a maioria deles não o fez. As perguntas variavam sobre o tema dos TCKs, mas minha intenção era saber se eles tinham conhecimento sobre o que vem a ser um TCK e se eles tinham percebido em suas vidas aquelas problemáticas levantadas pelos autores que tratam do assunto de TCKs. A maioria dos alunos do Grupo NIP nunca tinha ouvido falar desse assunto. Em uma conversa posterior com o professor, fiquei sabendo que os alunos do grupo NIP eram pessoas que afinal só experimentaram o afastamento do seu país de origem na vinda para Portugal. A maioria desses alunos estava em Portugal havia pouco menos de 2 meses. Eles, portanto, não tinham efetivamente passado pelas experiências de transição sucessivas identificadas pelo perfil dos TCKs. Essa característica que os unia acabou por ser relevante para considerar aspectos do tema aqui em debate. Na verdade, verifiquei depois que a resposta que eles me haviam dado à pergunta “*Where is home for you?*”<sup>12</sup>, sendo prontamente respondida com o nome do país de origem, fazia pensar que para eles o sentimento de que seu país era sua casa era um sentimento que parecia ser “natural”.

As vezes em que os alunos mais responderam às perguntas foi quando falamos sobre os pontos positivos e negativos de morar no exterior. Tentei fazer as perguntas buscando saber se as problemáticas apontadas pelos livros sobre TCKs eram as mesmas vividas pelos alunos da reunião. Então perguntei-lhes sobre os pontos positivos e negativos de ter uma vida tão movimentada entre países e culturas. Os dois grupos pareciam conhecer bem quais eram as vantagens e desvantagens de morar em outro país, naquilo que concerne a distância das famílias e dos lugares que estão acostumados e também as vantagens em conhecer um outro país e uma outra cultura. As respostas variavam entre as

---

<sup>12</sup> Faço o uso da palavra *home* em inglês, e algumas vezes entre parênteses, por considerar que há muitas traduções em português que possuem sentidos diferentes e por isso insuficientes para transmitir a ideia que algumas pessoas quiseram transmitir ao usar esta palavra.

positivas: “é bom conhecer outras pessoas e outros lugares”, “é bom poder viajar e morar em outro país”; e as respostas negativas: “é ruim não poder falar a língua do lugar”, “é difícil fazer amigos”, “é ruim estar longe da família” e “é ruim sempre ter que deixar os amigos quando vamos embora”.

Ao analisar de novo o contexto familiar dos alunos que agora se agrupavam entre essas duas categorias, a dos que se identificaram (IP) e a dos que não se identificaram (NIP), verifiquei que no Grupo IP estavam alunos que tinham dupla nacionalidade devido aos pais serem de países diferentes. Nesse grupo, pelo menos 3 alunos tinham um dos pais com cidadania americana, e 2 deles tinham vivido em mais de um país durante a sua vida. Esses foram os alunos que mais responderam às perguntas. Sendo os mais participativos eram, porém, os que mais sentiam dificuldades em responder às perguntas do tipo “onde é o seu lar (*home*)?” As respostas eram frequentemente dadas em forma de outras perguntas. Quando perguntei por exemplo “você vai para casa (*home*) nas férias?”, esses alunos respondiam “Which home? (Are you asking): Do we go to the Country where we’re from or do we go to the place we feel home is?” Essas respostas pareciam mesmo ter relação com o fato de não saberem se eu estava referindo-me ao lugar onde nasceram que poderia ser o país de origem de um dos pais, para onde iam com frequência, ou o lugar onde moraram por mais tempo e que ainda tinham relações por causa de um parente ou por ainda possuírem lá uma casa onde poderiam passar algum tempo do ano, demonstrando assim o sentimento dividido entre as várias “casas” que possuem.

Várias vezes os alunos do Grupo IP demonstraram estar cientes das problemáticas dos TCK. Ao perguntar como vieram a conhecer esse assunto um deles respondeu que sua mãe tinha o livro (de Pollock e Reken). Os alunos que mais apontaram os desafios que em geral afetam a vida de quem tem essa experiência e também alguns dos pontos positivos de se morar em vários lugares diferentes eram alunos que estavam no grupo IP. Em alguns casos os alunos pareciam até mesmo citar o livro de Pollock e Reken em suas respostas. Falaram-me sobre a dificuldade de se sentirem em casa porque não sabiam que lugar considerar como lar (*home*). A resposta dada pelo aluno Lúcio, que já morou em três países e possui dupla nacionalidade, sendo uma delas de um quarto país onde somente vai durante as férias, exemplifica bem essa questão:

“Eu não sei onde é a minha casa (*home*). Algumas vezes eu penso que minha casa (*home*) é na Alemanha, porque é o lugar que eu tenho lembrança de ter vivido, mas às vezes sinto



que minha casa é na Espanha porque tenho minha família lá, mas também tenho família na América, então não sei onde é minha casa (*home*).”

Um outro aluno, Carlos, é um luso-americano que nasceu e cresceu em Portugal. Sua resposta demonstra o sentimento dividido: “eu não me sinto em casa no lugar onde moro, meu lar (*home*) é na América, eu me sinto americano”. Carlos demonstra com essa resposta a ideia comumente aceita de que a identidade pessoal (“sinto-me americano”) tem que estar ligada ao espaço físico do território (“meu lar é na América”).

Logo após essa reunião na escola ocorreu o período das férias de Natal, e não foi possível contactar a escola. Só o fiz novamente em Fevereiro. Nesse momento conversei com o professor que estava em classe no dia da reunião e aproveitei para esclarecer algumas dúvidas sobre a reunião, como por exemplo se aquele comportamento dos alunos do Grupo NIP era um comportamento comum ou se ele se devia ao fato de estarem em um ambiente mais informal e com outra pessoa a conduzir a reunião. O professor disse que alguns dos alunos eram novos na escola e que por isso ainda estavam na fase de “experimentar a autoridade dos professores”. Porém, ele próprio acabou por considerar que em parte o comportamento se poderia explicar por não se identificarem com o perfil dos TCKs, por não sentirem que aquele assunto era de seu interesse. O professor então sugeriu que a segunda reunião que eu planeava fazer fosse agora com os alunos que se identificaram com o perfil de TCK. Através de *e-mails* e telefonemas combinei uma outra data para entrevistar agora esse núcleo mais restrito de quatro alunos.

### **1.1 Os alunos com perfil de TCKs**

Esta segunda entrevista de grupo aconteceu no mês de Março de 2012 e foi organizada de maneira a utilizar o horário de uma classe sobre estudos culturais que os alunos têm na escola. Me reuni com os quatro alunos na Biblioteca por uma hora e dessa vez o professor deles não estava presente. Novamente os alunos eram das duas classes, *Junior High* e *High School*, e a reunião foi toda conduzida em inglês. Como na vez anterior, preparei um guião (anexo 3) para a entrevista, mas procurei também fazer perguntas a partir das respostas que me eram dadas. Dessa vez também não tive permissão para gravar a entrevista, o que me levou a escrever todas as respostas que os alunos davam durante a conversa. Três dos alunos estiveram presentes na reunião anterior e apenas uma menina estava pela primeira vez participando da conversa. A idade dos alunos variava entre os 13 e os 17 anos. Dos

quatro alunos, três tinham dupla nacionalidade, sendo um dos pais, nos três casos, americano. Passo então a apresentar os alunos e a fazer um breve relato sobre cada um deles:

Carlos: 14 anos. Fala inglês e português, mas sente-se mais à vontade falando inglês. Filho de mãe americana e pai português – ambos missionários – esse aluno nasceu e morou toda sua vida em Portugal, mas ele foi incluído no grupo porque tem dupla nacionalidade e porque está de mudança para os EUA, e de acordo com o próprio aluno ele está “voltando para casa (*home*)”.

João: 14 anos, filho de pais angolanos, nasceu na África do Sul, de onde saiu para morar em Portugal há um ano, o pai é empresário. Fala inglês e português. João não sabe ainda se continuará a morar em Portugal ou se retornará para a África do Sul no próximo ano letivo, a decisão ainda não foi tomada pelos pais.

Lucio: 13 anos, filho de pai americano e mãe espanhola, nasceu na América. Com 7 meses mudou-se com os pais para a Alemanha onde viveu durante 7 anos. Mora em Portugal há seis anos e está de mudança para a Espanha, onde os pais pretendem morar permanentemente. Fala inglês e espanhol e disse já ter esquecido o pouco alemão que aprendeu. O pai é oficial da NATO.

Nicole: 17 anos, filha de pai americano e mãe dinamarquesa, nasceu na Dinamarca enquanto os pais residiam na Rússia. Morou na Rússia, Itália e Portugal. Fala inglês e um pouco de dinamarquês. Tendo terminado a escola, agora pretende ir para os EUA para cursar a faculdade. O pai é empresário e a mãe não exerce nenhuma profissão em Portugal.

Os alunos estavam à vontade uns com os outros no início da reunião e embora não soubessem logo do que se tratava, interessaram-se pela conversa quando falei que gostaria de conversar mais sobre o assunto de TCKs. Comecei então a entrevista perguntando-lhes onde tinham nascido e onde tinham morado antes de virem para Portugal. Cada um contou rapidamente a sua história, identificando os países por onde passaram. Quando Nicole citou que morou na Rússia e na Itália os outros alunos demonstraram surpresa e curiosidade sobre este fato, fazendo perguntas e comentários sobre o assunto.

Quando perguntei se eles gostaram de viver essa experiência de morar em tantos lugares, Lúcio, de 13 anos, respondeu que sim, dizendo “é bom conhecer outros lugares e o modo de pensar de outras pessoas que pensam diferente de nós”. Carlos, que nunca morou fora de Portugal, respondeu que “era bom porque há mais escolhas, uma pessoa pode

escolher entre viver em um país ou em outro e escolher em qual escola estudar”. Assim como na primeira entrevista, as respostas sobre os pontos positivos novamente variaram entre conhecer outras culturas e fazer novos amigos. O ponto mais negativo das constantes mudanças segundo Nicole é o aprendizado da língua e a convivência com as pessoas locais: “é difícil aprender a língua, ir a lojas, falar com as pessoas, a língua faz ser mais difícil lidar com os aspectos locais da mudança”. Carlos, que está de mudança para a América neste verão, considera que se desfazer da casa e dos pertences é a pior parte: “é difícil lidar com as mudanças porque estamos ligados à casa, às memórias da casa”.

Como essa questão da mudança é uma questão que neste momento da entrevista estava muito específica para todos eles – pois era a época do ano em que as famílias já se preparam para as mudanças que acontecem no verão – a conversa sobre venda ou aluguel da casa, sobre a venda de móveis e o desfazer dos objetos foi um assunto que rendeu vários minutos de conversa, e todos eles falaram sobre as dificuldades de se desfazerem de seus pertences e de lidar com as mudanças e das questões logísticas da mudança (aluguel de casa, venda e doação de móveis e pertences, etc). Isto demonstra que há uma dinâmica de mudança entre as famílias. Elas sabem o tempo de chegar, de se instalar e de preparar para a mudança novamente. Mais à frente retornarei a esse assunto pois, esse aspecto também foi particularmente enfatizado pelas mães.

Esses jovens demonstraram ter uma boa percepção das dificuldades que enfrentam devido ao estilo de vida que vivem. Percebi uma diferença entre os alunos que constituíam suas amizades somente dentro da comunidade escolar, portanto internacional, e aqueles que tentaram fazer amigos fora do ambiente internacional, entre os locais. Para aqueles que tinham seus amigos somente entre os internacionais, não havia uma percepção imediata de que suas vidas eram “diferentes”. Percebi isso quando os alunos chegaram para a reunião e ao contarem suas histórias de vida, a cada vez que algum deles mencionava um país onde havia morado, os outros alunos diziam algo como “você morou na Rússia? Eu não sabia! Fixe!” demonstrando que entre eles, esse não era um aspecto de exclusão da pessoa do grupo, não era de todo importante para eles, mas quando descobriam este fato, achavam interessante. Ao contrário disso, quando procuram amigos fora do espaço internacional, esses jovens percebem, muitas vezes, as diferenças que as pessoas fazem entre eles (os estrangeiros) e os locais. Um exemplo disso foi o episódio contado por Lúcio – um aluno que não fala português – que explicou que não tinha amigos entre os portugueses porque quando tentou fazer amizade entre os vizinhos ouviu o pai de uma das crianças

(portuguesa) dizer ao filho que ele “não podia brincar com estrangeiros”. Nicole também falou que não tem amigos fora da escola internacional porque não fala português. Essa história exemplifica a dificuldade que esses jovens têm, muitas vezes, de se sentir parte do lugar onde moram, seja pelas dificuldades em aprender a língua, seja por causa das questões de adaptação entre os locais. Quando perguntei aos dois outros alunos que falam português se eles têm amigos entre as pessoas locais, Carlos – que frequenta uma igreja cristã internacional na área de Lisboa – explicou que “na igreja fico mais com os estrangeiros, quando me aproximo de um grupo de portugueses e eles percebem meu sotaque americano, me deixam de lado, por isso fico mais com os estrangeiros”. Mesmo tendo nascido e crescido em Portugal, quando sai à rua, Carlos evita falar português. Quando perguntei o porquê tal acontecia e ele respondeu que não se sente à vontade falando português. João explicou que está em Portugal há cerca de um ano e seus amigos são os colegas da escola internacional, mas ele joga futebol com alguns portugueses e com estes fala português, mas “não saio com eles, só nos encontramos no futebol”.

São então de salientar alguns aspectos que resultaram das entrevistas feitas com os alunos. Primeiro é que os alunos que se mudaram mais vezes são os que mais se identificam com as problemáticas tradicionalmente características dos TCKs. Todos eles falaram com naturalidade sobre morar em diversos países, sobre as vantagens de conhecer outras culturas e visitar museus e lugares que não poderiam ir se não fosse pela mudança de local. Também identificaram como difícil a questão do aprendizado de novas línguas, de contactar pessoas nativas dos países. Falaram sobre o fato de sempre se sentirem estrangeiros onde quer que vão.

A ideia da identidade pessoal estar ligada a um determinado lugar é muito perceptível para esses jovens a partir do contexto das emoções e não do lugar onde moram ou do lugar onde nasceram. Para Lúcio, que tem 13 anos, essa questão ainda não está resolvida, pois ele não se sente pertencente a nenhum lugar e ao mesmo tempo a todos os lugares. Mas quando perguntei “*Where are you from?*” a resposta dada foi “*I feel German, but I am probably American or Spanish*” demonstrando uma identificação maior com a Alemanha, que é o lugar de onde ele tem mais lembranças de sua vida e amigos, do que com os EUA – lugar de origem de seu pai e onde Lúcio nasceu – ou a Espanha, país de origem de sua mãe e onde Lúcio passa alguns meses do ano em férias. Essa situação demonstra que Lúcio percebe que sua história está construída em vários lugares, sentindo diferentes níveis de pertença a cada um deles.

O que observo nesses casos é que o universo em que esses alunos estão inseridos os leva a ter um contato maior sempre com os colegas de escola. Na escola, todos estão conscientes de que são estrangeiros e se identificam uns com os outros a partir de seus interesses particulares, não levando em consideração a origem dos colegas, ou fazendo disso uma diferenciação no tratamento. O fato de muitos não falarem a língua do país onde estão é um fator relevante para a escolha entre ter ou não ter contatos com os nacionais. Mas por terem um grupo de amigos formado dentro de um ambiente que lhes é “familiar”, o da escola internacional, esses jovens crescem em uma comunidade formada por pessoas que tem uma experiência de vida parecida com as suas. O sentimento de pertença é então formado dentro desse grupo.

## **2. “O sítio seguro”: a família de Joana e a necessidade de fixar “raízes”**

Duas entrevistas foram feitas com as mães dos alunos. A primeira foi feita com Joana, a mãe do Lúcio, um dos entrevistados nas duas entrevistas coletivas. Meu conhecimento com Joana se deu através da escola internacional, onde nossas filhas estudam na mesma classe. Marquei com Joana para encontrá-la em sua casa, uma entre oito casas de um condomínio fechado na região de Cascais. Quando cheguei, Joana estava ao telefone tratando da venda da casa, pois neste verão a família muda-se para a Espanha. Ela explicava ao telefone ao provável comprador como a casa havia sido construída por um cidadão português que havia sido imigrante no Canadá e que por isso a casa era toda construída nos padrões canadenses, especialmente no que concerne à arquitetura e ao aquecimento da casa.

Joana é espanhola e tem cerca de 40 anos. Joana cresceu na Espanha, mas viveu dois anos no Peru e nos EUA quando tinha entre 12 e 14 anos, retornando para seu país após esse tempo. Sua formação de vida foi portanto no contexto espanhol e só depois de adulta é que saiu definitivamente de seu país. Joana saiu da Espanha com 22 anos e viveu na França por cerca de 4 anos e na Holanda por 6 meses, indo depois para os EUA, onde se casou com um oficial americano da NATO. Seu primeiro filho, Lúcio, nasceu nesse tempo em que ficaram nos Estados Unidos. Depois mudou-se com a família para a Alemanha por 7 anos, onde dois outros filhos nasceram, e está em Portugal há 6 anos, onde o filho mais novo nasceu. Lúcio é o único filho que fala inglês e espanhol, “porque minha mãe não me responde se falo com ela em inglês” (disse-me Lúcio). Os dois outros filhos falam apenas inglês, e apesar de saberem um pouco de espanhol, não “obedecem” a mãe quando esta insiste em que falem espanhol com ela: “eles falam inglês o tempo todo na escola e já não

se importam com o espanhol” diz Joana. O mais novo é um bebê de cerca de um ano de idade. Em cada lugar que mora, Joana se interessa por aprender a língua local “porque penso que é importante falar a língua das pessoas locais”, e por isso ela fala seis línguas. Perguntei se poderíamos fazer a entrevista em português e ela concordou.

A conversa com Joana foi interessante por ter acontecido em um momento em que estava a preparar uma mudança de país. A família está de mudança permanente para a Espanha, um plano que o casal elaborou já há algum tempo: o marido iria se reformar cedo para poderem dar aos filhos a estabilidade de crescer em um país apenas. Joana explicou-me que quando se casou ela fez questão de colocar esta condição ao marido, que ele iria se reformar assim que atingisse a idade mínima para a reforma. O marido também está na casa dos 40 anos e já estará se reformando do serviço militar americano. O plano da família é de mudar para perto da família dela, no sul da Espanha. O sentimento de Joana é de “medo”, pois teme que não vá se adaptar ao seu país depois de tantos anos fora, com o jeito das pessoas de pensar, a maneira local de pensar, que Joana considera como diferente do seu, pois já visitou o mundo inteiro e morou em vários lugares. Tem medo também de que eles não se adaptem ao país e pensa que o marido pode querer voltar a trabalhar sendo tão novo e não sabe se a Espanha vai ser o melhor local para se fazer algum tipo de trabalho que possa motivar o marido.

Segundo Joana, a escolha da Espanha também é para dar às crianças um sentido de “lar”, já que para ela as crianças ainda não têm um sentimento de onde é o seu lar. Ela entende que é importante as crianças terem “raízes”, por isso sempre vão para o mesmo lugar na Espanha nas férias (onde estão a família e os amigos), o “sitio seguro”. Com a intenção de dar aos filhos essa relação com suas “raízes”, Joana procura ensinar as tradições espanholas aos filhos. As tradições americanas foram deixadas, pois Joana “não gosta muito delas”. A única exceção é o Natal americano, com o Pai Natal, comemorado a 25 de Dezembro em alternativa à tradição espanhola de comemorar no Dia de Reis: “porque é a mais conhecida, está em todo lado e as crianças veem as outras pessoas fazerem, então fazemos também”. Quando perguntei a Joana se os filhos sentem-se “fora de lugar”, ela responde que Lúcio talvez já se sinta, mas os outros ainda são pequenos, por isso ela quer que a família se mude em definitivo para um país, para lhes dar esse sentimento de raízes, de que são daquele lugar.

Sobre o estilo de vida deles, sua opinião é que a vida se torna um ciclo de três anos. Eles sempre sabem que vão ficar num lugar três anos e vão se mudar, e que se ficam mais

de três anos já começam a achar que o lugar é “seu”, a criar laços com o lugar, a dominar a língua. “O primeiro ano é o ano da chegada, onde é tudo novo, o segundo ano é o melhor, pois já se conhece tudo e já não é novidade, e o terceiro ano já é o ano que começam a se desconectar do lugar pois vão embora logo, é a época de vender casa, vender móveis e começar a pensar no outro lugar”. Com isso Joana lamenta não ter condições de ter “a casa dos sonhos” pois não se pode fazer planos a longo prazo, “não podemos fazer obras na casa para aumentar uma varanda, sabe? Porque sabemos que daqui a dois anos vamos ter que vender a casa, então não vale a pena”.

Como a maior parte de sua juventude foi vivida entre os mesmos amigos e no mesmo país, Joana sente que é importante que os filhos tenham as mesmas experiências. Na Espanha a ideia é colocar os filhos em escolas nacionais para que eles tenham amigos permanentes, que eles saibam que vão ter sempre amigos ali, sempre um lugar onde vão ter pessoas que os conhecem. A relação de amizade parece ter muita importância para Joana, pois durante a entrevista ela várias vezes se referiu à falta de amizades permanentes como um dos maiores desafios dessa vida de muita mobilidade.

Quando perguntei se o relacionamento de amizade está no meio internacional ela disse que entre os amigos do trabalho do marido não dá para ter uma amizade muito profunda, pois “há as questões de hierarquias, de coisas que não podem comentar”. Mas que existem amizades superficiais. “A primeira pergunta que fazem quando nos conhecem é: “quando você chegou aqui?” Pois se a pessoa já está de saída as outras nem se interessam em fazer amizade”. Joana sempre se interessa por fazer amigos locais para não ter a questão da mudança frequente a afetar sua amizade. Mas seus relacionamentos de amizades em Portugal são mais de estrangeiros fora da NATO, pois ela diz que sentiu o povo português muito fechado para estrangeiros. Segundo ela, as crianças sempre fizeram amigos locais, menos em Portugal, pois os vizinhos não quiseram que os filhos deles brincassem com seus filhos – Joana contou o episódio do vizinho que não deixou seus filhos brincarem com os filhos dela – o que deixou uma impressão negativa neles sobre os portugueses.

Para Joana, a família está indo para a Espanha para ficar em definitivo ali, mas com a cabeça a pensar “pode ser só por três anos”, pois eles podem não se adaptar e ter que mudar novamente. Nesse ponto a questão da venda ou não da casa se torna relevante, pois Joana diz que se por um lado a venda da casa lhes daria a oportunidade de comprar uma nova casa em Espanha, por outro lado, se não venderem eles sempre podem alugar a casa e

com isso ter um lugar em Portugal para onde podem retornar se não der certo a ida para a Espanha. A família possui uma casa na Alemanha que está alugada e lhes dá uma ajuda extra no orçamento. Agora já não sabem se vão comprar ou alugar uma casa em Espanha. “Se comprarmos e não ficarmos ali vamos ter que vender, e como está a economia, não sei se é bom, também não sabemos se vamos alugar, talvez alugar seja melhor, vai depender se vendermos ou não esta casa de Portugal”. Naquele momento todas as alternativas para a família estavam em aberto devido ao impasse da venda da casa. Esse aspecto logístico da mudança é experimentado tanto pelos pais quanto pelos filhos, pois a experiência de desfazer-se de seus bens é comum para todos da família, como notei ao entrevistar Lúcio na escola e ouvir os comentários que este fez sobre o desfazer dos objetos de casa.

Aparentemente Joana vê esse estilo de vida de sua família como algo negativo. Sua constante preocupação em dar aos filhos o sentimento de “raízes” demonstra que esse sentimento da necessidade do “enraizamento” é vivenciado por essas famílias como um indicador de uma normalidade que lhes falta e precisam de construir. Joana vê a mobilidade de sua família como algo que vai ser prejudicial; a falta de “raízes” é um aspecto negativo que deve ser evitado. Por ter vivido em seu país por toda sua juventude, ela planeia que seus filhos tenham a mesma experiência. Surpreende porém que ela tenha tanto interesse em se fixar em um só lugar, e que esse lugar seja o seu país de origem, ao mesmo tempo em que procura tanto se adaptar ao local onde mora, tomando tempo em aprender a língua de cada país onde morou. Uma explicação para esse aparente paradoxo da história de Joana pode ser iluminado pela proposta de Butcher (2009) a propósito da motivação que um expatriado tem para relacionar as três categorias em que está incluído (os colegas de trabalho, os amigos locais e a família no local de origem) que é a de recriar os espaços de conforto enquanto constrói sua vida em frequentes relocações. Nesse contexto, Joana vive em uma tensão constante entre a diferença cultural e a necessidade de pertença, que leva a um desejo de formar novos relacionamentos nos países para onde vai ao mesmo tempo que possui um desejo de continuar as associações com sua “casa”. É exatamente esse desejo entre o sentir-se pertencente ao lugar onde está e não encontrar uma resposta que lhe satisfaça – devido à atitude negativa de algumas pessoas quanto à sua família – que desperta em Joana uma necessidade de retorno ao “lar”, onde estão suas “raízes” e onde o sentimento de pertença reside plenamente.



### **3. “I have big roots in family”: a família de Olívia e a busca da identidade dos filhos**

Olívia é a mãe de Nicole – a menina dinamarquesa que já viveu na Rússia e na Itália. Contactei Olívia depois de algumas tentativas de conseguir seu *e-mail* através do diretor da escola. Depois de esperar este contato por cerca de duas semanas sem obter respostas (o pedido foi feito em uma época em que o diretor estava especialmente ocupado com a procura dos novos professores para o ano letivo de 2012/2013), resolvi abordar a mãe de Nicole na porta da escola e me apresentar como pesquisadora, perguntando se ela poderia dispensar-me algumas horas para a entrevista. Anotei seu telefone e liguei na semana seguinte. Marcamos em sua casa, em um condomínio fechado localizado em uma área nobre de Cascais.

Cheguei à casa de Olívia às 11h da manhã. Tive dificuldade em encontrar o condomínio porque vi que o lugar que ela indicou era um hotel, e eu não sabia que ali também era um condomínio de moradia permanente. Na verdade o lugar é um condomínio que é ao mesmo tempo um hotel com casas para aluguel de curta duração – é uma comodidade que atende às necessidades de pessoas que estão de mudança para, ou a partir de Portugal, e que precisam de uma residência por cerca de dois meses. Para as famílias de expatriados é uma boa opção quando chegam ao país, enquanto procuram uma moradia definitiva. Quando mencionei o fato de morarem em um lugar assim, Olívia explicou que achava muito interessante esse arranjo entre hotel e condomínio e que se mudou para lá após a separação do marido. Olívia diz gostar do lugar por ser seguro para as filhas, porque é um ambiente agradável e por todos os vizinhos serem pessoas estrangeiras que estavam de chegada ou de saída de Portugal, ou mesmo portugueses que moraram no exterior.

A entrevista com Olívia foi conduzida em inglês, idioma que ela domina bem. Ao começarmos a entrevista expliquei que estava fazendo esta pesquisa para uma tese de mestrado em antropologia e logo Olívia se interessou pelo assunto, pois ela mesma voltou a estudar depois de muitos anos sem atividade educativa. Olívia contou que está recém-separada do marido e que por isso voltaria para a Dinamarca, preparando-se para voltar ao mercado de trabalho depois de mais de 20 anos sem trabalhar. Expliquei do que se tratava a entrevista e perguntei se ela conhecia o termo TCK, ao que ela respondeu negativamente. Depois de explicar brevemente o que vem a ser o termo ela ficou aparentemente interessada, pois disse que sempre percebeu que o estilo de vida da família era diferente, e que “sempre teve questionamentos sobre se isso seria bom ou ruim” para seus filhos.

O ex-marido de Olívia é americano, empresário, e a princípio fica a viver em Portugal. O casal tem três filhos; o mais velho está na Dinamarca, cursando faculdade. Nicole é a filha do meio e já está no último ano do *High School*, pretendendo ir para a Universidade no Colorado, mas a mãe não está certa se essa será a melhor opção para a filha. A filha mais nova, em princípio, irá com a mãe para a Dinamarca<sup>13</sup>.

Olívia cresceu na Dinamarca e por volta dos 20 anos saiu para os EUA onde viveu por 5 anos. Lá conheceu o marido, e após o casamento voltaram para a Dinamarca, onde moraram por 1 ano e meio e tiveram o primeiro filho. Devido ao trabalho do marido, mudaram-se para a Rússia e viveram lá por 10 anos. Suas duas filhas nasceram nesse tempo, mas ela voltava sempre para a Dinamarca para ter os filhos, pois “não queria ter filhos na Rússia”. Após o tempo na Rússia a família foi para Itália, onde ficaram apenas 10 meses. Quando a empresa do marido propôs uma mudança “repentina” eles resolveram começar o próprio negócio e mudaram-se para Portugal, “mais porque a escola internacional não era boa, então porque ficar na Itália?” Disseram aos filhos que iriam partir em uma viagem de férias e vieram de carro para Portugal. “Não queríamos dizer às crianças que íamos viver aqui antes de ver como era, depois de dois meses aqui nós contamos a eles e eles fizeram uma festa”. A família está há 9 anos em Portugal. Com a separação do casal o marido pretende continuar em Portugal e Olívia pretende mudar-se para perto de sua família que reside na Dinamarca. “Não tenho razão para ficar longe da minha família”.

Sobre os países onde morou, Olívia demonstrou não ter gostado muito da experiência. Ela conta que “quando casamos com pessoas de outro país não temos ideia do que acontecerá”. Contando sobre a separação do marido, pensa se valeu a pena viver em tantos países diferentes para acompanhar o marido e nas dificuldades que os filhos enfrentaram. Olívia mencionou esse assunto quando conversávamos sobre a experiência de morar em um país como a Rússia. Ela indicou que não gostou de morar lá. “Deixar a Rússia foi bom, porque não tivemos uma boa experiência lá”.

A Dinamarca – país de origem de Olívia e lugar de nascimento dos filhos – parece ter uma grande importância para Olívia. A família costumava passar pelo menos um mês naquele país todos os verões. Compraram uma casa (há 12 anos) na cidade onde ela

---

<sup>13</sup> À época da entrevista a filha mais nova iria com a mãe para a Dinamarca, mas em uma conversa informal à porta da escola, fiquei sabendo que há a possibilidade de que esta filha fique em Portugal com o pai para continuar na escola internacional, já que a mãe explicou que não teria condições de pagar as propinas de uma escola internacional na Dinamarca.

cresceu e onde moram seus pais e parentes. Só nos últimos dois anos é que não foram lá por causa da separação do casal. A casa que ela chama de “casa de verão” é onde ficam sempre que vão ao país e é para onde Olívia vai voltar para morar com a filha mais nova. Ela diz que ter a casa ali “é bom porque dá um sentimento de pertença (*belonging*), pois a casa é perto da casa dos meus pais”. Quando perguntei onde seria o seu lar (*home*), Olívia prontamente respondeu que é a Dinamarca. “É de onde eu venho, minha família está lá e é uma família muito grande e integrada”. A família exerce um grande papel na vida de Olívia: “*I have big roots in family*”.

Sobre os filhos, Olívia pensa que eles consideram a Dinamarca como seu lar, mas que podem considerar os EUA também. O filho mais velho considera a Dinamarca como lar, mas, como Olívia contou, quando terminou a faculdade o filho mais velho foi para os EUA e tentou ficar lá por um tempo, mas não gostou da experiência e voltou para Portugal, onde trabalhou em um hotel “pois sabia falar português muito bem”. Olívia contou que o filho aprendeu a falar português com os amigos na escola internacional. Depois de um tempo resolveu ir para a Dinamarca para fazer faculdade. Mas segundo Olívia ele já indicou para a mãe que não se sente totalmente à vontade entre os amigos dinamarqueses. Perguntei se eles se sentem tão dinamarqueses quanto americanos e ela respondeu que “todos têm orgulho de serem americanos, mas Nicole é a que é mais ligada às coisas americanas”. Olívia tenta incutir nos filhos uma ligação maior com a Dinamarca. Ela diz sentir mais apreciação pelo seu país depois que viveu em vários lugares e viu o lado bom e o ruim de cada lugar. Olívia diz que sabe que seus filhos não vão sentir pela Dinamarca o que ela sente, “já que eles tiveram uma outra vida em vários lugares”. Ela lamenta ter deixado de falar dinamarquês com os filhos: “Por causa do meu marido sempre falamos inglês em casa e eu fui deixando de falar dinamarquês com eles. Porque as meninas têm problemas de aprendizagem eu não quis forçá-las a aprender a língua e eles hoje falam pouco, entendem tudo mas falam pouco. Eu devia ter insistido mais com eles”.

Quanto às experiências dos filhos, Olívia demonstrou preocupação se a forma como eles foram criados seria boa ou ruim para eles. Ela sempre percebeu que os filhos não se sentem totalmente parte de nenhum lugar. O filho mais velho se sente bem em Portugal e ela pensa que é porque ele teve amigos portugueses na escola internacional, onde aprendeu a falar português. As duas filhas não têm amigos entre os locais porque não falam a língua – e em parte é por “culpa” dela, pois “nunca tive muito interesse em me relacionar com os

portugueses”. Olívia atribui essa falta de interesse ao “jeito português” e ao desinteresse em aprender a língua: “São barreiras que não fiz questão de ultrapassar”.

A entrevista com Olívia me despertou para a questão da intensidade com que as famílias procuram se relacionar com as pessoas no país para onde vão. No caso de Olívia, percebi que o relacionamento com os locais sempre foi superficial, e ela parece ter passado esse tipo de atitude para os filhos quando diz que a culpa pelos filhos não se interessarem em ter amigos portugueses é dela. Como nunca trabalhou em nenhum dos países onde morou, ela não teve a experiência de ter relacionamentos com colegas de trabalho. Seus filhos têm nos colegas da escola seus únicos amigos. O fato de que moraram por muitos anos em uma casa em um local remoto de Cascais (com poucos vizinhos com quem as crianças pudessem se relacionar) também indica a forma como essa família permaneceu em uma espécie de “isolamento familiar”. Aparentando algum pesar pela vida que deu aos filhos (mas sem saber se isso se deve à separação recente do marido), Olívia demonstra pouco interesse pela vida do país onde reside e pelos países por onde passou. Em seu ponto de vista, a experiência de morar no estrangeiro foi importante para que ela percebesse o que o país dela tem de bom, e foi com certa tristeza que ela falou sobre o fato de que seus filhos nunca vão sentir pela Dinamarca o que ela sente, e que ela pensa que eles não vão conseguir considerar nenhum país totalmente como seu lar.

#### **4. “The hot foot”: a família de Lara e uma vida de TCKs cosmopolitas**

A entrevista com Lara e Elis se deu de uma forma diferente das anteriores. Lara é uma amiga que conheci na Noruega, enquanto fui missionária na Igreja Batista do Mar do Norte. Ela morou em Stavanger na mesma época que meu marido e eu, portanto convivemos durante quase três anos, nos encontrando pelo menos duas vezes por semana. Como parte da liderança da igreja, nosso trabalho incluía contatos com todos os membros da família. Trabalhamos com os filhos de Lara através dos departamentos de jovens e crianças e com a própria Lara através das várias atividades do departamento de mulheres. O membro da família com quem tive menos contato foi o marido de Lara, mas mesmo assim nos encontrávamos semanalmente nas reuniões de domingo na igreja. Por várias vezes o assunto de criação de filhos dentro de um ambiente internacional surgia em nossas conversas. Lara esteve presente na apresentação de Marion Knell, consultora da *Member Care*, na Igreja Internacional, após a Primeira Consulta Missionária que organizamos.

Quando procurei pessoas para entrevistar para esta tese, Lara me veio à mente, pois nunca perdemos o contato depois que nos mudamos de Stavanger. Tenho acompanhado por *e-mails* e pela rede social *Facebook* os caminhos traçados pela família dela, e quando a contactei no final do ano de 2011 procurando entrevistá-la ela se mostrou prontamente disponível. O motivo de incluí-la nestes casos foi pelo fato de sua família parecer ter o perfil de uma família de TCK como é apresentado nos textos sobre o assunto. Entrevistei Lara através do *Skype*, em inglês. Foram duas manhãs de conversas longas, aproveitando o tempo para “colocarmos a conversa em dia”. A primeira conversa com Lara foi a partir de um guião elaborado por mim (anexo 6), a segunda conversa foi para confirmar e resolver algumas dúvidas que tive depois da primeira conversa. A entrevista com Elis foi feita através de *e-mail* (anexo 7), pois ela está a fazer faculdade na Escócia e seus horários não possibilitaram uma conversa pelo *Skype*. As perguntas foram feitas com a intenção de saber como ela percebe seu estilo de vida, seus sentimentos quanto aos lugares em que morou e onde ela considera seu lar. Além disso, procurei saber o que ela pensa sobre as dificuldades e privilégios de se viver em um ambiente assim.

Lara tem cerca de 40 anos e nasceu na Escócia. Seu pai era cidadão da Guiana e sua mãe de Trinidad e Tobago. Aos 5 anos, foi com os pais para a Guiana, onde viveu até os 11 anos, quando o pai faleceu e a mãe se mudou para Trinidad com os dois filhos. Aos 16 anos, Lara saiu de Trinidad e foi para a Inglaterra para estudar. Após pouco tempo, Lara conheceu um rapaz com quem teve um filho, Liam. O relacionamento não durou muito e quando Liam tinha dois anos e meio ela veio a se casar com Bruce, também de Trinidad. Hoje Liam estuda em Miami, onde faz faculdade. Com o marido, Lara teve mais três filhos: Elis, nascida em Barbados, mora atualmente na Escócia onde frequenta uma Universidade; Diana e John, ambos nascidos na Venezuela e que atualmente moram com os pais em Londres. Todos na casa de Lara falam inglês e espanhol, e Lara ainda fala um pouco de norueguês.

Quando conheci Lara, em 2003, ela havia morado com a família na Inglaterra, Barbados e Venezuela. Após a saída da Noruega eles moraram em Houston/EUA, Trinidad e Tobago, e agora estão de volta na Inglaterra. Essas constantes mudanças acontecem porque Bruce trabalha para uma empresa que fornece material tecnológico para grandes multinacionais da área de petróleo, e a cada três ou quatro anos participa das relocações que são comuns dentro da empresa.

No dia em que combinamos fazer a primeira entrevista, Lara estava sozinha em casa, o filho mais velho já não vive com a família, está em Miami a fazer faculdade. A filha Elis estava na Escócia para o primeiro semestre da faculdade – ela está estudando na mesma Universidade que sua avó frequentava quando conheceu seu avô. Os dois filhos mais novos de Lara estavam cada um a viajar para um país diferente. Diana, de 16 anos, estava em uma viagem missionária para Swazilândia, e John, de 14 anos, estava em uma viagem com a escola internacional para outro país para jogar futebol.

Em nossa primeira entrevista perguntei a Lara quando ela ouviu falar pela primeira vez sobre TCKs. Ela respondeu que foi em Stavanger, na Escola Internacional onde seus filhos estudaram. Lara considera que a primeira vez que ouviu falar sobre TCK foi “libertador”, pois ela sentia que “tinha algo faltando”, pois não sentia “que se encaixava nos lugares (*we don't feel we "fit in"*). Sentimos que alguma coisa está errada conosco”. Esse sentimento de que “*something is wrong with us*” foi expressado várias vezes por ela. Lara está se referindo aqui à própria experiência de vida dela com as mudanças frequentes entre países que ela experimentou desde muito cedo na vida. Apesar de viver mudando de país por causa de circunstâncias da vida, Lara sempre teve seus contatos entre os locais. Lara estudou em escolas locais e, segundo ela coloca, sempre tentou se adaptar às pessoas locais: “Mas eu me atraía aos estrangeiros, mesmo na idade de 7 anos procurava amizade entre os estrangeiros”. Quando falou de sua experiência na infância e adolescência, Lara se referiu diversas vezes à dificuldade de encaixar-se entre suas amizades: “Foi libertador ouvir sobre TCKs e identificar minha história com eles”.

Após o casamento com Bruce, Lara passou a mover-se ainda mais entre países. O contato frequente com estrangeiros fez com que Lara se sentisse mais à vontade entre pessoas que têm o mesmo estilo de vida. A família de Lara vive em um ambiente internacional tanto na escola dos filhos como na vida social em geral, pois quando mudam para um novo país procuram integrar-se em uma igreja cristã internacional, construindo assim uma rede de relacionamentos fortemente baseada em uma comunidade internacional. Essa prática de socialização em uma rede de relacionamentos é citada por Butcher (2009) como uma marca de identidade cultural que é construída através de relacionamentos ao invés de territórios, onde a pessoa constrói os relacionamentos com outros que possuem uma experiência de vida igual à sua. Deste modo, o ambiente internacional se tornou a zona de conforto de Lara:

“O lugar que me sinto mais à vontade é na Escola Internacional. As conversas giram em torno do que eu vivo, falamos sobre os aspectos logísticos da vida internacional, sobre as mudanças, sobre as adaptações, as experiências. Com outras pessoas [locais] não é assim porque eles vão falar do que viveram, de experiências que eu não vivi”.

Quando perguntei se ela pensa que os filhos sentem a mesma coisa, se sentem-se fora de lugar ou se têm dificuldades em se adaptar ou fazer amizades, Lara respondeu que acredita que os filhos não sofrem o que ela sofreu de não se sentir parte do ambiente porque eles sempre cresceram num ambiente internacional, e isso fez com que eles sempre estivessem no meio de pessoas que eram como eles: “Os amigos são todos da escola internacional, eles sempre cresceram neste meio, *their lives are all in place*”, ela diz.

Como resultado de tantos anos em movimentações constantes, a preocupação com as questões logísticas das mudanças são resolvidas a partir dos aspectos práticos. Segundo Lara, todos têm passaporte britânico por uma questão prática, por causa da facilidade dos vistos. A família possui ainda, várias casas em Trinidad e agora planeja comprar uma casa na Inglaterra “para o caso dos filhos estarem dispersos na Europa”.

Falando sobre todos os lugares em que morou, Lara considera que as mudanças sempre foram tranquilas porque o casal sempre procurou explicar aos filhos para onde iriam e como era o lugar para onde estariam se mudando: “Nossos filhos, quando sabem que vamos mudar, vão à internet pesquisar sobre o lugar para descobrir o que há de bom ali naquele local”. Também ajuda o fato de que ela sabe o que eles estão passando: “porque eu sei o que é viver mudando constantemente, eu entendo o que eles passam e tento conversar com eles sobre isso”. Lara também atribui a facilidade das adaptações ao fato de que os valores da família são sempre constantes: “Não importa para onde vamos, os valores familiares são sempre os mesmos. Isso não muda”. Quando chegam a um novo país há rotinas que a família procura cumprir como parte da adaptação: “Algumas rotinas nunca mudam, como horário de refeições e regras da casa. O que é tarefa de cada um em casa continua sendo em qualquer país. Os valores da família também não mudam. A primeira coisa que fazemos quando chegamos em um novo país é procurar uma igreja, isso também não muda”.

As mudanças nas rotinas são determinadas por questões de segurança: por exemplo, horários de saída e chegada em casa e a permissão ou não de dirigir dependem do lugar onde moram. Em todos os países onde moraram os filhos estudaram em escolas

internacionais, com exceção de Houston, onde os filhos estudaram em uma escola americana cristã. Segundo a filha Elis, essa foi a única escola onde ela sentiu um pouco mais de dificuldade:

“Eu tive mais dificuldades em Houston, porque estudei em uma escola americana e não internacional. Todos os amigos eram texanos e cresceram naquele lugar e por isso eu me senti meio ‘fora de lugar’ (*out of place*), mas não me importei tanto assim. O ajustamento à escola foi um pouco difícil pois levou algum tempo para acontecer.”

Quando questionadas sobre onde sentem que é a sua casa, mãe e filha são unânimes: Trinidad é sua casa. Lara diz que “Trinidad é definitivamente o meu lar (*home*). Não foi sempre assim, mas depois que morei lá (por 4 anos há pouco mais de um ano atrás), se tornou o meu lar (*home*)”. Os filhos, ela diz, também consideram Trinidad como seu “lar” (*home*), e conforme afirma Elis: “Lar (*home*) para mim é Trinidad. Eu me sinto bem em Trinidad com meus amigos e minha família, é um lugar muito familiar para mim. Lá eu conduzo (carros), tenho as chaves de casa, meu próprio dinheiro e trabalho quando preciso, é onde me sinto independente”. Como demonstrou Easthope (2009), a prática do cotidiano demonstra ter uma grande importância para as pessoas na formação dos laços de identificação com o lugar e consequentemente com a identidade pessoal.

O fato de morarem em vários países parece ter um efeito mais positivo que negativo para Elis. Falando sobre o assunto ela diz:

“Eu penso que há muitos aspectos positivos sobre viver em muitos lugares do mundo. O mais importante é que muda nossa perspectiva de vida. Por ter experimentado e testemunhado muitas culturas e conhecido muitas pessoas eu tenho mais apreciação por muitas coisas. Eu posso relacionar-me com pessoas e posso lidar com situações novas que não são familiares. Além disso eu tenho amigos por todo lado e posso encontrar alguém conhecido onde estiver”.

Os efeitos negativos que Elis aponta são aspectos que ela mesma considera como menores:

“Um ponto negativo para mim é que às vezes me sinto um pouco diferente do grupo de pessoas, como um ‘de fora’ (*the odd one out*), mas eu não tenho certeza se chamaria isso de ponto negativo. Eu me lembro, porém, de ser pequena e de ter inveja das pessoas que



cresceram em um mesmo lugar suas vidas inteiras, de ver um grupo de amigos que sempre estiveram juntos desde crianças, ou ter amigos que iam visitar seus primos ou avós nos fins-de-semana. As oportunidades de ter relacionamentos profundos a longo prazo são menores quando estamos constantemente em movimento”.

Em suma, Elis parece considerar que sua vida de constante movimento tem sido mais positiva do que negativa, mas ela admite que algumas pessoas podem gostar mais desse estilo de vida do que outras. Elis considera que o fato de gostar de viver essa vida não está relacionado às viagens em si, mas com a maneira como seus pais lidaram com as situações de mudança: “O fato de meus pais encararem cada mudança com uma atitude positiva e com segurança em Deus faz com que a transição seja mais fácil.” Elis demonstra aqui como a estabilidade familiar tem um papel fundamental na forma como o jovem encara as transições entre os países. Quando fala sobre as perspectivas para seu futuro, Elis demonstra que o estilo de vida formou seu modo de experimentar o mundo.

“Esse estilo de vida me deu o ‘pé-quente’ (*hot foot*), que é como falam de todos que gostam de viver em movimento. A ideia de ficar em um lugar por mais de dois anos me parece um pouco aborrecida. Eu já estou trabalhando nas minhas notas para poder viajar para a Califórnia ou até mesmo a Austrália como estudante de intercâmbio no meu terceiro ano! Não tem piada fazer toda a faculdade em um lugar apenas, certo?”

## **5. Enunciações: confronto entre os diferentes estudos de caso**

Ao analisar as histórias contadas por estas mães e seus filhos, algumas semelhanças são logo notáveis. A preocupação dos pais com seus filhos e a percepção de que o estilo de vida da família influencia a forma como os filhos irão experimentar o mundo está presente nos discursos das três mães entrevistadas. Enquanto Joana tem seus filhos pequenos, ela já percebe que a constante movimentação tem sido prejudicial na formação de relacionamentos de amizade duradouros que ela tanto preza. Sua tentativa de se mudar permanentemente para a Espanha tem a intenção de fixar a família em um lugar para criar as “raízes” que ela entende serem muito importantes para uma pessoa. Para Joana, a constante movimentação e a falta de raízes são prejudiciais à família. Suas afirmações sobre a necessidade que seus filhos têm de encontrar suas “raízes” ecoam nas reflexões de Liisa Malkki, que indica que “a naturalização das ligações entre pessoas e lugares leva a

uma visão do deslocamento como patológico e isso também é percebido em termos botânicos como o desenraizamento” (Malkki 1992:34). Assim como a identidade é concebida a partir de um discurso de territorialização, a falta de “raízes” ameaça o curso “natural” da vida, causando a destruição da identidade.

No caso de Olívia, ela percebeu que seus filhos estão a se tornar pessoas que sentem-se pertencentes a vários lugares. Ela percebe que o filho mais velho não consegue se adaptar completamente em nenhum lugar, embora ele tenha facilidade em estar tanto em Portugal como nos EUA ou na Dinamarca. Olívia demonstra dúvidas sobre a futura felicidade dos filhos por terem crescido em tantos lugares e por isto não serem capazes de se fixarem em um lugar apenas. A própria mudança nos planos da família quanto à filha mais nova ficar ou não em Portugal, demonstra como esse assunto não está completamente fechado para ela. Após a entrevista que tivemos ela conversou comigo algumas vezes demonstrando preocupação se a filha iria se adaptar à vida na Dinamarca. Olívia ainda parece não perceber qual será o resultado dessa experiência para sua família e questiona se terá sido válida para os filhos. O fato de nunca ter tido qualquer informação sobre o estilo de vida em que vivem e o próprio isolamento em que a família vivia mostram que nem todos que vivem essa experiência fazem uso das redes de apoio das escolas ou das famílias que têm o mesmo estilo de vida. E, neste caso em particular, a falta de informação sobre como lidar com as questões familiares deixaram Olívia com muitas dúvidas sobre como tratar desses assuntos tão importantes para o desenvolvimento de seus filhos como pessoas. Ao mesmo tempo, analisando a entrevista com Nicole, percebo que ela não parece ter tido uma experiência negativa com esse tipo de vida. Ao frequentar uma escola internacional, seu meio de relacionamentos foi sempre constante – a escola – e ainda que as pessoas tenham estado em um movimento constante durante todo o tempo, sua rede de relacionamentos permaneceu dentro de uma “comunidade encapsulada” – um lugar onde há pessoas de origens culturais semelhantes (Butcher 2009) – a escola internacional. O fato de que a família não aprendeu a língua do local onde vive limitou o relacionamento dos filhos, mas ao mesmo tempo evitou o contato com as pessoas locais, fazendo com que as diferenças entre os “nativos” e os estrangeiros não fossem questões com as quais a família lidasse frequentemente.

Lara é um exemplo de uma pessoa que experimentou essa constante mobilidade entre países em sua infância e que por este motivo estaria mais consciente dos problemas enfrentados pelos filhos. O fato de ter vivido as constantes mudanças e ter conhecimento

sobre o assunto é visto por ela como uma capacitação para lidar com os problemas que podem surgir. Ao manter a sua família dentro de um contexto internacional, Lara parece ter construído um ambiente “seguro” para a família. Segundo sua própria análise, os filhos não sofrem com as mudanças da mesma maneira que ela sofreu quando pequena. Eles cresceram em uma rede de relacionamentos onde as pessoas vivem as mesmas experiências que eles, e por isso experimentam menos os problemas de uma vida em constante movimentação.

## Conclusão

Minha incursão neste processo de pesquisa teve a sua origem numa reflexão sobre a minha própria experiência de vida. Durante todo o tempo que fiz o mestrado, lia esta frase – uma citação atribuída a Sócrates – no corredor do metro de Lisboa, na estação da Cidade Universitária: "Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo". Era interessante pensar que eu estava a fazer um estudo sobre *Third Culture Kids* e lendo essa frase todos os dias. Este foi um processo que sem dúvida acrescentou-me muito e tem despertado em mim um desejo ainda maior de continuar a desenvolver trabalhos nesta mesma linha de trabalho na antropologia.

A realização desta pesquisa partiu da procura de uma resposta para meus questionamentos sobre como a formação da identidade e do sentimento de pertença são construídos em uma pessoa que passa os seus anos de desenvolvimento a movimentar-se em contexto transcultural. Meu interesse foi despertado pelo conhecimento que tive – através do meu trabalho missionário com jovens que viviam essa experiência – dos *Third Culture Kids* – uma categoria de estudo que existe já há algum tempo e que tem despertado interesse principalmente de psicólogos e educadores que lidam regularmente com jovens que vivem essa realidade.

Ao perceber que a literatura existente direcionada às pessoas que estão nesse meio é uma literatura mais voltada para o lado prático da questão, mais precisamente para o lado da auto-ajuda e da resolução dos problemas ligados à identidade e pertença, me deparei com a realidade de que um estudo mais aprofundado só me seria satisfatório ao embarcar nesta busca pelo conhecimento científico. Desse modo, me deparei com a antropologia como ponto de partida para esta busca do conhecimento. Nos estudos antropológicos percebi que as teorias sobre os processos de Globalização traziam uma contribuição significativa para o entendimento da formação da pessoa nesse processo de grande mobilidade transnacional. Autores como Giddens, Appadurai, Inda e Rosaldo, Featherstone, Hannerz, entre muitos outros, relacionaram os aspectos sociais e económicos de forma a mostrar que, com a intensificação da conexão global, as movimentações de pessoas e culturas ocasionaram o surgimento de um mundo “onde fronteiras e limites tornaram-se cada vez mais porosos, permitindo mais e mais pessoas e culturas a serem lançados em um contato intenso e imediato uns com os outros” (Inda e Rosaldo 2002:2).

Além dessas questões, ao apresentar as formulações teóricas desses autores eu tentei demonstrar como a globalização foi importante na movimentação das pessoas entre territórios e na forma como essas movimentações, através das situações políticas e econômicas, levaram à existência de estilos de vida transnacionais que deram forma a essa “cultura transnacional”. Os *Third Culture Kids* são então o resultado dessa cultura transnacional e são jovens que, por causa do trabalho de seus pais, estão envolvidos nesse processo e durante os anos de seu desenvolvimento vão experimentar essas diversidades culturais enquanto formam a si mesmos como pessoas, enquanto formam suas identidades.

Na formação da pessoa a teoria de Christina Toren trouxe um contributo ao demonstrar como as pessoas se constroem a si mesmas num processo que ela denomina de “autopoiético” e que consiste na auto-criação e auto-formação da pessoa através dos relacionamentos com os outros em um processo intersubjetivo. Quando olhamos os jovens TCKs e como suas vidas são formadas em um contexto de alta mobilidade, percebemos que estes têm questões que se levantam ao construírem suas identidades através do relacionamento com outros, identidades que estão relacionadas com as ideias hegemônicas da “naturalidade” e do “enraizamento” das identidades em culturas territorializadas que foram discutidas por Liisa Malkki e outros autores, e que levam o jovem TCK a este constante questionamento sobre sua identidade e sentimentos de pertença.

É possível perceber com os exemplos apresentados neste trabalho que a forma como as pessoas se relacionam nessa rede cultural de relacionamentos vai ser importante para um maior ou menor grau de identificação com a cultura transnacional e consequentemente para uma maior problematização do problema da identidade e pertença. Para aqueles que procuram adequar-se ao modelo hegemônico de “naturalização” e “enraizamento” – como é o caso da família de Joana e Lúcio – a experiência da vida transnacional é vista como algo negativo, e a percepção que o jovem Lúcio tem da sua identidade ainda está indeterminada, pois sua intenção é continuar a afirmar o processo hegemônico da identificação nacional com a identificação pessoal. Lúcio nesse caso parece experimentar o mesmo sentimento de sua mãe, Joana, que entende que a melhor solução para a família é deixar esse estilo de vida e voltar às raízes, mesmo tendo consciência de que o processo pode vir a ser difícil pela maneira como ela mesma se vê diferente das pessoas da sua rede de relacionamentos na Espanha.

Algumas pessoas podem passar por uma experiência de vida no meio transnacional e não se aperceberem disso. Como no caso da família de Olívia e Nicole, a vida

transnacional se fez em vários territórios, mas essa realidade não parece ter sido vista como um problema em si. A família manteve os laços com as famílias em dois países e Olívia percebe que seus filhos são diferentes por causa dessa experiência. Nicole, a filha, não parece ter problemas relacionados à sua identidade, pois em nenhum momento seu questionamento de suas raízes colocou em causa sua identidade. Ela se vê tanto como americana como dinamarquesa, mas relata que *se sente* mais dinamarquesa por causa das tradições da família. Outro ponto que me chama a atenção neste caso é que essa família parece ser um exemplo de pessoas a que Hannerz (1992) se refere e que não se aproveitam do fato de estar em uma cultura transnacional para conhecer e interagir com o outro em um processo de relacionamento. Pelo contrário, eles escolhem não se relacionar com as pessoas locais, e é possível perceber isso no fato de não aprenderem a língua dos lugares onde moram e até mesmo na própria escolha das habitações – a casa da família que não tem vizinhos ao redor e recentemente a casa que Olívia morou com as filhas em um condomínio-hotel. Eles preferem isolar-se, tornando mais difícil o contato com as pessoas locais.

Entretanto, há aquelas pessoas que constroem suas vidas dentro da cultura transnacional a ponto de se poderem considerar como cosmopolitas, conforme Hannerz indica. Suas vidas são completamente construídas em um contexto cultural transnacional, como é o caso da família de Lara e Elis. O fato de Lara ter tido uma experiência de vida entre culturas a capacitou para compreender uma maneira de vida que agora é experimentada pelos seus filhos. O aspecto interessante no caso de Lara é que seu sentimento de que o conhecimento de que seu estilo de vida era compartilhado por muitas outras pessoas que viviam como ela deu-lhe tanto um aspecto “libertador” como a fez perceber que sua “zona de conforto” estava entre aqueles que vivem um estilo de vida como o seu. Ao providenciar que seus filhos vivam dentro dessa “zona de conforto”, e ao mesmo tempo experimentem a cultura onde estão inseridos, em um contexto de rede de relacionamentos dentro dessa cultura transnacional, ela permite que seus filhos construam suas identidades a partir dessas redes e no contexto cultural variado que experimentaram. Suas ações foram opostas às de Joana, pois ao “abraçar” esse estilo de vida cosmopolita e, de certo modo, contra-hegemónico, Lara permitiu a si mesma e à sua família a construção de uma rede de relacionamentos que é a base para a identificação de seus filhos não com o território em si, mas com a rede de pessoas que são como eles: identidades que são

construídas em alta mobilidade transnacional, fazendo assim com que suas vidas estejam dentro de um contexto de pertença: “their lives are all in place”.

Com esta pesquisa procurei debater algumas questões sobre a mobilidade e o transnacionalismo em relação com a formação da pessoa e o sentimento de pertença. Não é possível abarcar todas as especificidades que podem ser tratadas a partir dessas reflexões teóricas no campo da Antropologia. Tentei apresentar uma reflexão dos pontos que me pareceram mais importantes para a discussão do assunto da formação da pessoa no contexto de alta mobilidade transnacional. Espero que esta dissertação venha a estimular futuras pesquisas neste campo tão vasto e pouco explorado na Antropologia.

## Bibliografia

- APPADURAI, Arjun. 2002[1996]. “Disjuncture and difference in the global cultural economy” in: Jonathan Inda e Renato Rosaldo (ed). *Anthropology of Globalization: A Reader*. Blackwell: Oxford.
- BUTCHER, Melissa. 2009. “Ties that bind: the strategic use of transnational relationships in demarcating identity and managing difference”. *Journal of Ethnic and Migration Studies* Vol. 35 N° 8: 353–1371.
- CASTLES, Stephen. 2000. “Introduction: thirty years of research on migration and multicultural Societies”. In: *Ethnicity and Globalization*. Sage: London e New Delhi.
- CLIFFORD, James. 1986. “Introduction: partial truths”. in: *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. James Clifford e George Marcus (eds). University of California Press: Berkeley, Los Angeles e London.
- COHEN, Anthony. 1992. “Self-conscious anthropology” in: *Anthropology & Autobiography*. Judith Okely e Helen Callaway (ed.). Routledge: London e New York. pp.221-241.
- EASTHOPE, Hazel. 2009. “Fixed identities in a mobile world? The relationship between mobility, place, and identity”. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 16:61–82.
- EIDSE, Faith e Nina Sichel. 2004. “Introduction”. In: *Unrooted Childhoods: Memoirs of Growing Up Global*. Faith Eidse e Nina Sichel (eds). Nicholas Brealey Publishing: London.
- FEATHERSTONE, Mike. 1990. “Global culture: an introduction”. *Theory, Culture and Society*, Vol. 7, pp: 1-14.
- GIDDENS, Anthony. 1994. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Celta: Oeiras.
- GUPTA, Akhil. 1992. “The song of the nonaligned world:transnational identities and the reinscription of space in the late capitalism”. *Cultural Anthropology*, Vol.7 n°1, pp.63-79
- GUPTA, Akhil e James Ferguson. 1992. “Beyond ‘culture’: space, identity, and the politics of difference”. *Cultural Anthropology*, Vol. 7, No. 1, pp. 6-23.
- HALL, Stuart. 2005[1992]. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora: Rio de Janeiro.
- HANNERZ, Ulf. 1997. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavra-chave da antropologia transnacional”. In: *Mana* 3(1):7-39.



- HANNERZ, Ulf. 1992. *Cultural Complexity: Studies in the Social Organization of Meaning*. Columbia University Press: New York.
- HANNERZ, Ulf. 1990. "Cosmopolitans and locals in world culture". In: *Theory Culture and Society*, 7:237-251.
- INDA, Jonathan e Renato Rosaldo. 2002. "A world in motion". In: Jonathan Inda e Renato Rosaldo (ed). *Anthropology of Globalization: A Reader*. Blackwell: Oxford.
- MALKKI, Liisa. 1992. "National geographic: the rooting of peoples and the territorialization of national identity among scholars and refugees". *Cultural Anthropology*, Vol.7 n°1, pp. 24-44.
- NOWICKA, Magdalena. 2006. *Transnational Professionals and Their Cosmopolitan Universes*. Campus Verlag: Frankfurt & New York.
- PINA-CABRAL, João de e Antónia P. de Lima. 2005. "Como Fazer uma História de Família: Um Exercício de Contextualização Social". *Etnográfica*, Vol. IX(2), pp.355-388.
- PODOLSKY, Mano. (2009 [2001]). "Comparing third culture kids and Kaigai/Kikoku-shijos". In: Pollock, David e Ruth E. Van Reken (2009[2001]). *Third Culture Kids: Growing Up Among Worlds*. (pp. 279-286). Nicholas Brealey Publishing: Boston e London.
- POLLOCK, David. e Ruth E. Van Reken. 2009[2001]. *Third Culture Kids: Growing Up Among Worlds*. Nicholas Brealey Publishing: Boston e New York.
- STEVENSON, Nick. 2006. "Lifestyle". In: *The Cambridge Dictionary of Sociology*. Bryan Turner (ed). Cambridge University Press.
- SZKUDLAREK, Betina. 2010. "Reentry – a review of the literature". *International Journal of Intercultural Relations*, vol. 34(1), pp. 1-21.
- TOREN, Christina. 1999. *Mind, materiality and history: explorations in Fijian ethnography*. Routledge: London.
- TOREN, Christina. 2011. "Anthropology and psychology". *Sage Handbook of Social Anthropology*. Eds. J Gledhill and R. Fardon, pp. 42-78. Sage: New York.
- USEEM, Ruth H. e John Useem. 1954. "Images of the United States and Britain held by foreign-educated Indians". *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 295, *America Through Foreign Eyes*, pp. 73-82.
- USEEM, John. 1945. "The changing structure of a micronesian society". *American Anthropologist New Series*, Vol. 47, No. 4, pp. 567-588.

VIEGAS, Susana e Catarina A. Gomes. 2007. “Introdução” in: *A Identidade na Velhice*. Ambar: Porto.

VIRUELL-FUENTES, Edna. 2006. “‘My heart is always there’: the transnational practices of first-generation mexican immigrant and second-generation mexican American women”. *Identities: Global Study in Culture and Power*, 13(3), pp.335-362.

WARD, Sally. 2003. “On shifting ground: changing formulations of place in anthropology. *Australian Journal of Anthropology*, Vol. 14 (1).

### **Documentos eletrônicos e outras contribuições:**

EAKIN, Kay B. (1998). *According to My Passport I am Coming Home*. Fonte: U.S. Departament of State. (consulta: Setembro de 2011) Disponível em:  
<http://www.state.gov/documents/organization/2065.pdf>

EXPATICA, 2010. TCK Documentary: Being From Nowhere. Expatica.com: News and Information for the International Community. (Consulta: 09.02.2012) Disponível em:  
[http://www.expatica.com/nl/family/kids/TCK-documentary-Being-from-nowhere\\_16542.html](http://www.expatica.com/nl/family/kids/TCK-documentary-Being-from-nowhere_16542.html)

FEATHERSTONE, Mike. 1995. “A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura do consumo.” Fonte: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Consulta em 18/04/2012. Disponível em:  
[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_32/rbcs32\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_07.htm)

MCKEE, James B. 2000. “Obituaries”. In: Footnotes: Newsletter of the American Sociological Association, Vol. 28(8). (Consulta: 18/04/2012). Disponível em:  
<http://www.asanet.org/footnotes/nov00/departments.html>

ROYER, Brice. 2009. Anniversary of the term Third Culture Kid. (Consulta: 09/02/2012) disponível em: <http://news.tckid.com/news-40th-anniversary-of-the-term-third-culture-kid/>  
USEEM, Ruth. (1999[1993]). “Third culture kids: focus of major study”. Tckworld. (Consulta: 20.10.2011). Disponível em: <http://www.tckworld.com>

## **Anexos**

### **Anexo 1**

*Trailer* do filme *Les Passagers: A TCK Story* – cerca de oito minutos de duração – (no CD). O vídeo *Third Culture Kids* também está disponível no *site*: [www.youtube.com](http://www.youtube.com) através do seguinte *link*: [http://www.youtube.com/watch?v=FouOIB\\_AAfw](http://www.youtube.com/watch?v=FouOIB_AAfw) .

### **Anexo 2 - Primeira entrevista realizada na Escola Internacional**

As perguntas a seguir foram elaboradas como um guião. Ao longo da entrevista, conforme era necessário, acrescentei outras perguntas à esta lista.

- 1) Do you identified with the people presented in the video?
- 2) When someone asks you “where are you from?” do you find it difficult to answer, or is it just a challenge?
- 3) From your point of view, what are the positive and negative aspects of moving from one country to another? (Could you name 3 positive and 3 negative aspects?)
- 4) What are the positive and negative aspects of going to your “passport country? (Could you name 3 positive and 3 negative aspects?)
- 5) Where is home for you?
- 6) Is it easy to make friends when you move to a new place?
- 7) Do you do something as a family to celebrate special dates from your home Country?

### **Anexo 3 – Segunda entrevista realizada na Escola Internacional**

As perguntas novamente foram elaboradas como um guião com a liberdade de fazer perguntas a partir das respostas dos alunos.

- 1) In how many Countries did you live?
- 2) Do you enjoy living (moving) like this?
- 3) What are the positive and negative aspects of living in different Countries?
- 4) Have you always studied in an International School?
- 5) Did you have any problems making new friends in each Country?
- 6) Do all of your friends attend the International School or do you have some local friends?
- 7) Did you have trouble making new friends in all those places?
- 8) Where is home for you?

- 9) Do your parents talk to you before moving to a new Country?
- 10) Do you feel “at home” when you go to your home Country?
- 11) Is there anything that you always take with you when you relocate? An object, a photo, any kind of souvenir?
- 12) What do you do in your routine that always stays the same, no matter where you live?
- 13) Do you keep in contact with the people in every place you’ve lived?
- 14) Do you do something that you learned in another country? Any traditions, Sports, etc.

#### **Anexo 4 – Entrevista com Joana, mãe de Lúcio**

- 1) Onde nasceu e com quantos anos mudou-se pela primeira vez de seu país?
- 2) Quais são os desafios de viver em tantos países?
- 3) Já ouviu falar sobre TCKs? Quando?
- 4) Quais são os pontos positivos e os pontos negativos de viver em movimento?
- 5) Onde os filhos nasceram?
- 6) Qual a língua que a família se comunica? Quais as línguas que cada um fala?
- 7) Os filhos têm amigos entre as pessoas locais?
- 8) Os filhos sempre estudaram em Escolas Internacionais?
- 9) A Joana tem amigos entre as pessoas locais? E fora do trabalho do marido?
- 10) Onde é o lar da Joana?

#### **Anexo 5 – Entrevista com Olívia, mãe de Nicole**

- 1) How long have you been living in Portugal?
- 2) Have you ever heard about TCKs?
- 3) Where did you live before that?
- 4) Where were you born? Did you spend your entire childhood there?
- 5) Do you still go to your home Country for Holidays?
- 6) Do your children always attend an International School?
- 7) Did you have any problems moving from each place?
- 8) What are the positive and negative aspects of moving around so much?
- 9) Where is home and why?
- 10) Do you own a house at that place?
- 11) Do you think your children have difficulties moving around so much?
- 12) Which languages does the family speak?

- 13) Does your family have any traditions from the places you lived?
- 14) Does your family keep traditions from your home Country? (Christmas, Easter, Birthday, etc)

#### **Anexo 6 – Entrevista com Lara, mãe de Elis**

- 1) Where are you from? Did you spend your entire childhood there?
- 2) Where is your husband from? And the children?
- 3) Which places did you live in?
- 4) Have you ever heard about TCKs?
- 5) Do you receive a cross cultural training of any kind before you move to another Country? Does your husband's company provide for that?
- 6) Do you get any help from the company if you see that your family is not adapting well to the place you're in?
- 7) What do you do as a family to make the transition easier?
- 8) Do you think your family likes this lifestyle? Do they complain about anything?
- 9) What do you do as a family that never changes, no matter where you live?
- 10) Do you cook meals from every Country you lived in? Do you do this on special occasions only?
- 11) Do you celebrate National Holidays from each Country you lived in?
- 12) Where is home for you? Where is home for your children?
- 13) Why did Trinidad become your home country?
- 14) Do you still have family there?
- 15) Do you own a house? Where?
- 16) Where do you usually go for holidays?
- 17) Do you believe this lifestyle is good for the family?
- 18) Did the kids complain at any time about this lifestyle?

#### **Anexo 7 – questionário enviado a Elis por e-mail**

- 1) Do you know the term: Third Culture Kids? If so, where did you first learn about that? What do you know about it?
- 2) Do you identify yourself with this term?
- 3) Did you have any difficulties growing up in many different countries?
- 4) What are the positive and negative aspects of living this lifestyle?

- 5) Where do you feel most comfortable: with your friends at your home country, among your friends, among your family, at school?
- 6) Where is home for you?
- 7) Did you feel “out of place” or do you think that you “fitted in” where you lived while growing up?
- 8) Is it easy for you to make new friends in new places?
- 9) Do you have friends among locals?
- 10) Do you change your habits when you change places? Do you change yourself in order to fit in at new places?
- 11) What is your answer when someone asks you “where are you from?”
- 12) Could you tell me your impressions, your point of view about your life as a person who grew up with this lifestyle?